



UNIVALI

JAIRO GEBIEN

**TEMPOS E ESPAÇOS DE BRINCAR NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

**O QUE DIZEM AS CRIANÇAS DO PRIMEIRO E SEGUNDO
ANO**

ITAJAÍ (SC)

2011

UNIVALI
UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação, Extensão e Cultura - ProPPEC
Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE
Curso de Mestrado Acadêmico

JAIRO GEBIEN

**TEMPOS E ESPAÇOS DE BRINCAR NO ENSINO FUNDAMENTAL
O QUE DIZEM AS CRIANÇAS DO PRIMEIRO E SEGUNDO ANO.**

Dissertação apresentada ao colegiado do PPGE como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação – área de concentração: **Educação** – (Linha de Pesquisa - Práticas Docente e Formação Profissional)

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Valéria Silva Ferreira

ITAJAÍ (SC)
2011

G264t Gebien, Jairo 1979-

Tempos e espaços de brincar no ensino fundamental
[manuscrito] : o que dizem as crianças do primeiro e segundo ano /
Jairo Gebien. – Itajaí, 2011.
147 f. : il. Fotog.

Inclui apêndice.

Referências: p. 82-90.

Cópia de computador (Printout(s)).

Dissertação apresentada ao colegiado do PPGE como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação - área de concentração: Educação – (Linha de Pesquisa – Práticas Docente e Formação Profissional).

“Orientadora: Prof^a Dr^a. Valéria Silva Ferreira”.

1. Educação – brincadeiras . 2. Educação de crianças.
3. Educação – ensino fundamental. I. Universidade do Vale do Itajaí. II. Título.

CDU: 37.013

UNIVALI
UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ
Pró-Reitoria de Pesquisa, Pós-Graduação, Extensão e Cultura - ProPPEC
Programa de Pós - Graduação em Educação - PPGE
Curso de Mestrado Acadêmico

CERTIFICADO DE APROVAÇÃO

JAIRO GEBIEN

**TEMPOS E ESPAÇOS DE BRINCAR NO ENSINO
FUNDAMENTAL**
O que dizem as crianças do primeiro e segundo ano.

Dissertação avaliada e aprovada pela Comissão Examinadora e referendada pelo Colegiado do PPGE como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação.

Itajaí (SC), 23 de fevereiro de 2011.

Membros da Comissão:

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. Valéria Silva Ferreira

Membro Externo:

Prof^a. Dr^a. Marynelma Camargo Garanhani

Membro representante do colegiado:

Prof^a. Dr^a. Tânia Regina Raitz

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à DEUS; que me deu força e sabedoria nestes momentos de estudo!!!

Aos meus pais Marcos e Neusa por toda a educação dedicada a mim e por terem me ensinado a importância de batalhar por nossos objetivos e incentivo durante toda a caminhada desta pesquisa; À vocês meu muito obrigado!

A Profª Drª Valéria Silva Ferreira que me instigou a olhar a infância com outros olhares, me orientando em todos os momentos desta pesquisa com muita seriedade, tranquilidade e conhecimento, muito mais do que isso, pela parceria em vários momentos e pela amizade e relação de respeito que foi estabelecida.

As professoras Drª Marynelma Camargo Garanhani e Drª Tânia Regina Raitz por terem aceito fazer parte das contribuições teóricas e metodológicas deste trabalho.

A amizade incondicional da Clarice que por muitas vezes ouviu minhas ansiedades e angústias de todo este processo, e que sempre me dizia: “[...] esquece um pouco este mestrado e curte os amigos[...].” Não foi fácil... Mas valeu amiga!

Ao grupo de estudo “Contextos Educativos e Práticas Docente” pelas contribuições e parceria em todos os momentos, em especial aos colegas Cristian, Letícia e Maira. Valeu parceiros!

Especialmente a Letícia por ter aberto sua casa para me receber nos vários dias que precisei dedicar-me ao estudo.

As secretárias do PPGE Núbia e Mariana pelo carinho demonstrado, bem como a Dona Luíza pelos cafézinhos durante esses dois anos.

A profª Enair que compreendeu e auxiliou nos dias que tive que me ausentar da escola no qual atuava durante esta pesquisa.

A profª Marineusa da Secretaria Municipal de Educação de Indaial pela sensibilidade e compreensão do quanto esta pesquisa significou para meu aperfeiçoamento profissional.

À todas essas pessoas aqui mencionadas e outras indiretamente que vivenciaram comigo estes momentos da dissertação, meu muito obrigado. Sem o auxílio destas pessoas tão especiais durante este processo não teria sido possível alcançar mais este objetivo.

Muito Obrigado!

“ Um pensar estrangeiro andou atordoando
meu pouco entendimento. Ir para a escola
era abandonar as brincadeiras sob a sombra antiga
da mangueira, era renunciar o debaixo
da mesa resmungando mentiras com o
silêncio; era não mais vistoriar o atrás da casa
buscando novas surpresas e outros convites.

Contrapondo-se a essas perdas, havia a vontade
de desamarrar os nós, entrar em
acordo com o desconhecido, abrir o caderno
limpo e batizar as folhas com a sabedoria da
professora, diminuir o tamanho do mistério,
abrir portas para receber novas lições,
destramelar as janelas e espiar mais longe. Tudo isso
me encantava”.

Bartolomeu Campos Queiroz

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE 01 - Formulário de Consentimento	91
APÊNDICE 02 - Autorização da Escola	92
APÊNDICE 03 - Quadro de Análises 01	93
APÊNDICE 04 - Transcrição das entrevistas 01	95
APÊNDICE 05 - Quadro de Análises 02	116
APÊNDICE 06 - Transcrição de entrevistas 02	118
APÊNDICE 07 - Fotos de espaços permitidos e proibidos para brincar	144

RESUMO

Brincadeira no Ensino Fundamental ainda é pouco discutida nos meios escolares. Com a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos, ela assume prioridade nas turmas do primeiro ano, visto que ampliou-se um ano a mais para a aprendizagem e também para garantir algumas especificidades da infância, entre elas, o brincar. Pesquisas demonstram que brincar é uma atividade quase exclusiva da Educação Infantil, desta forma, ouvir o que as crianças do primeiro e do segundo ano dizem sobre tempos e espaços de brincar na escola de Ensino Fundamental tornou-se significativo. A pesquisa realizou-se numa escola pública da cidade de Indaial, sob enfoque qualitativo, com entrevistas semiestruturadas e observações feitas durante o processo. As entrevistas aconteceram em dois momentos: doze crianças do primeiro ano em 2009 e as mesmas crianças que em 2010 estavam frequentando o segundo ano. Com base nos dados obtidos, surgiram quatro eixos de discussão e análise: Estudar e brincar ou brincar e estudar?; Tempos e espaços para brincar; O proibido e o permitido e Brincar no primeiro ou no segundo ano? Fundamentaram esta pesquisa o documento oficial da ampliação do Ensino Fundamental elaborado pelo MEC Brasil (2007), as concepções de infância de Sarmiento (1997 e 2008), as contribuições sobre brincar e brincadeiras de Corsino (2009), Borba (2007), Friedmann (1992) dentre outros. Os autores citados dialogaram com os dados e algumas pesquisas relevantes sobre o brincar e a brincadeira no Ensino Fundamental. Com base sobre o que disseram as crianças pode-se compreender que a brincadeira acontece na escola em espaços e tempos específicos. Há lugares permitidos e também proibidos pela escola, além da maioria das vezes o brincar ficar restrito apenas na hora do recreio, quando terminam as atividades, nas aulas de Educação Física ou quando a professora deixa. As crianças entrevistadas compreendem que brincar é coisa de criança e que mesmo a escola não priorizando esses momentos, elas organizam tempos e espaços para brincar; além de escola ser vista como um lugar para estudar, também é um lugar para brincar. [...] *“brinco porque sou criança”*[...] Brincadeira é coisa séria e não deveria estar desassociada da aprendizagem, pois brincando também se aprende, se aprende a brincar... dizem as crianças.

Palavras-chave: Brincar ; brincadeira; infância; crianças; escola; aprendizagem.

ABSTRACT

Play in elementary school is little discussed in schools. With the extension of basic education to nine years, it takes priority in the initial years, since a further year of learning has been added, and also to guarantee some aspects that are specific to childhood, play being one of them. Research has demonstrated that play is an activity that is almost exclusive to early childhood education. Therefore, listening to what children in the first and second years say about times and spaces of play in the Elementary School is very significant. This research was carried out in a public school in Indaial, in the Brazilian State of Santa Catarina, using a qualitative approach, with semi-structured interviews, and observations during the process. The interviews took place in two phases: twelve children of the first year in 2009 and the same children again in 2010, now in their second year. Based on the information obtained, four areas emerged for discussion and analysis: study and play or play and study? Times and spaces for play; what is prohibited and what is permitted; and play in the first or second year? The background material used for this study was the MEC official document of the expansion of the Elementary School (Brazil, 2007), Sarmento's (1997 and 2008) ideas on childhood, and the contributions of Corsino (2009), Borba (2007), and Friedmann (1992) on play and games, among others. Data was analysed based on authors cited and some relevant studies on play and games in the Elementary School. Based on what the children said, it was understood that play occurs in the school in specific spaces and times. There are spaces where play is permitted by the school, and places where it is prohibited, and most of the time, play is restricted to break times, when activities are over, during physical education classes, or when the teachers allow it. The children interviewed see play as the reserve of children, and that even though the school does not prioritize these moments, they organize times and spaces to play. Besides seeing the school as a place to study, they also see it as a place to play. [...] *"I play because I am a child"* [...] Play is a serious thing and it should not be disassociated from learning, because, the children say, they learn by playing, and they learn to play.

Key words: play; childhood; children; school; learning.

SUMÁRIO

1 TRAJETÓRIA DA PESQUISA	10
2 O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE BRINCAR E BRINCADEIRA	22
3 ESTUDAR E BRINCAR OU BRINCAR E ESTUDAR	33
4 MOMENTOS E TEMPOS DE BRINCAR	46
5 O PERMITIDO E O PROIBIDO	56
6 BRINCAR NO PRIMEIRO OU NO SEGUNDO ANO?	66
7 BRINCADEIRA NA ESCOLA: direito da criança ou oportunidade?	75
8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	82
9 APÊNDICES	91

1 TRAJETÓRIA DA PESQUISA

Cada vez mais o mundo e as pessoas que pensam a educação exigem que a criança venha mais cedo para a instituição escolar. A modernidade e as diversas funções atribuídas ao ser humano fazem pensar que o lugar de criança é na escola. Mas é preciso pensar se a escola está preparada para atender esta criança que cada vez mais está chegando mais cedo para a escola.

O ato de brincar faz parte do desenvolvimento infantil. É na infância que a criança inicia sua caminhada escolar, e ao mesmo tempo a criança vive o seu papel de aluno. Após ingressar no Ensino Fundamental algumas prioridades da infância, do desenvolvimento infantil acabam ficando de lado, entre elas o brincar.

Corsino (2009) enfatiza a importância da brincadeira para o desenvolvimento da infância, da criança durante a sua trajetória escolar:

A brincadeira infantil constitui-se numa atividade em que crianças sozinhas ou em grupo procuram compreender o mundo e as ações humanas, devendo ser concebida no cotidiano de uma proposta educativa para as crianças pequenas, como inerente ao processo de construção de conhecimento, de comunicação, de trocas e de experiência de cultura. (p.7)

A autora traz a brincadeira como um momento de experiência de cultura, de troca destas experiências. Compreende-se que a brincadeira possibilita para as crianças vivenciarem situações do mundo adulto e ampliar a sua capacidade de interagir com esse mundo.

Para Corsino (2009) garantir a brincadeira nos espaços escolares possibilita dar voz as crianças, deixar elas expressarem seus sentimentos, suas opiniões, seus gostos e suas formas de ver e pensar o mundo. Será que a escola está preparada para garantir isso?

Com a lei n.11.274 de 06 de fevereiro de 2006, as crianças de seis anos passam a ser incluídas no Ensino Fundamental e este passa a se chamar Ensino Fundamental de nove anos. As crianças estão num período de transição entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. De fato foram incluídas, e agora: é necessário repensar o Ensino Fundamental? Crianças de seis anos de idade que antes estavam na Educação Infantil agora estão na escola, são crianças da Educação infantil ou do Ensino Fundamental?

Na verdade precisa-se pensar que são crianças em desenvolvimento, que estão na fase da infância e como “infantes” possuem direitos que garantem o seu pleno desenvolvimento.

De acordo com o (PNE) Plano Nacional de Educação, a determinação legal Lei nº

10.172/2001, do Ensino Fundamental de implantar progressivamente o ensino de nove anos, ou seja, incluir as crianças de seis anos de idade no Ensino Fundamental tem dois objetivos: primeiramente de oferecer maiores oportunidades de aprendizagem no período da escolarização obrigatória e assegurar que, ingressando mais cedo no sistema de ensino, as crianças prossigam nos estudos, alcançando maior nível de escolaridade.

Dessa forma, se as crianças estão mais cedo na escola, também significa que algumas características da infância devem ser preservadas neste espaço, pois o que mudou foi a idade da criança entrar para o Ensino Fundamental, mas as características próprias desta fase da infância continuam. Para isso necessita-se repensar os espaços da escola para garantir que a brincadeira esteja efetivamente presente no dia a dia escolar. Crianças de seis anos de idade numa sala de aula, com estruturas curriculares de aprendizagem (alfabetização) são crianças e brincam.

De maneira geral, alguns autores concebem a brincadeira como uma atividade ou um tempo específico de recreação e de lazer. Para Friedmann (1992) quando pensa-se na evolução do brincar, deve-se voltar até a antiguidade, época na qual o brincar era uma atividade característica, tanto das crianças quanto dos adultos, representando para ambos um importante segmento de vida.

Segundo Kishimoto (2007) é através da brincadeira que a criança estabelece relações de diálogo e comunicação com os adultos, desenvolve sua auto-estima e confiança consigo mesma e com os adultos que a cerca. Para a autora a brincadeira possibilita uma aproximação entre o imaginário e o real, faz com que a criança crie situações imaginárias e busque soluções reais para os acontecimentos cotidianos, sabe assim agir de forma natural na busca de respostas e soluções para os desafios encontrados. Nesta visão, Kishimoto (2007) mostra a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil, inclusive nas questões de diálogo e socialização com os adultos.

Para Winnicott (1975) a brincadeira também é uma relação entre o imaginário e o real, é na brincadeira que a criança libera todas as suas fantasias e desejos e traz essa vivência para situações do seu cotidiano.

Compreende-se também a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil segundo o art. 53 do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) que remete o direito que a criança possui a educação, a cultura, ao esporte e ao lazer. Neste artigo visa-se a importância de garantir o pleno desenvolvimento da criança, onde a brincadeira faz parte deste desenvolvimento, como citado pelas autoras acima.

Kishimoto (2007) ainda complementa que a brincadeira é uma atividade que a criança

começa desde seu nascimento, oportuniza o desenvolvimento da autonomia, criatividade e responsabilidade quanto a suas próprias ações; caracteriza-se durante toda a infância. Segundo a autora, a importância do brincar para o desenvolvimento infantil está no fato da brincadeira contribuir para a construção de significados, estabelecer relações com o mundo adulto e com o meio ambiente, além de proporcionar prazer e recreação. Entende-se assim, que a brincadeira faz parte do “ser criança”.

Da mesma forma Oliveira (2002), compreende a criança como alguém que experimenta e sente-se parte do mundo desde o momento do seu nascimento. Uma criança cheia de curiosidades, desejos e com grandes capacidades de se comunicar nas mais diversas linguagens. Na visão deste autor, o desenvolvimento é percebido como um processo global e dinâmico que acontece com o ser humano desde a sua concepção e continua por toda a sua vida.

Para Vigotsky e Leontiev (1998), as brincadeiras infantis servem para que a criança de forma lúdica trabalhe com o mundo dos objetos, mas que também consiga agir em relação ao mundo adulto. Segundo estes autores, as brincadeiras e os jogos são manifestações básicas da cultura. As brincadeiras e os jogos sempre existirão independentes de épocas, locais, classes sociais e se perpetuam de geração à geração.

Nesta pesquisa investigou-se junto às crianças, do primeiro e do segundo ano, quais as oportunidades de brincar na escola. As crianças foram ouvidas sobre o que pensam da brincadeira, os lugares para brincar na escola, questões sobre estudar, a função da escola e a brincadeira na sala de aula.

Após a Lei nº 10.172/2001 passaram a frequentar as turmas do Ensino Fundamental, desde a Lei nº 11.274, de 06 de fevereiro de 2006, que assegura o direito das crianças de seis anos à educação formal. Essas crianças que recentemente saíram das turmas de Educação Infantil, com 06 anos de idade estão chegando à escola regular, vistos como “alunos”. Sabedores de que a brincadeira é fundamental e direito das crianças (CORSINO 2009 e KISHIMOTO 2007), ou seja, da infância, esta pesquisa pretende contribuir para observar como as crianças estão percebendo a brincadeira na escola.

A pesquisa relaciona-se com a caminhada pedagógica do pesquisador, que desde o início da carreira vem atuando com crianças desta idade e buscando estudos para compreender melhor esta fase e de que maneira a escola pode contribuir para o seu desenvolvimento. Ocupando na ocasião da pesquisa o cargo de Orientador Educacional das séries iniciais e responsável juntamente com todos os professores destas turmas com uma aprendizagem de qualidade.

De acordo com os “Referenciais Pedagógicos” do município de Indaial, um dos aspectos fundamentais para as turmas do primeiro ano são os momentos de brincar. Momentos que estavam pautados num documento, mas que na prática, como orientador, pode-se perceber que ainda estavam distantes do ideal. Momentos que deveriam ser garantidos pela professora e pela escola, mas estes ainda não assumiam essa responsabilidade.

Ao ingressar na escola o pesquisador iniciou vários estudos sobre as necessidades das crianças de seis anos e pode-se perceber, dentre outros aspectos, que estas crianças pouco brincavam e que se existem documentos legais que amparam os momentos de brincadeira na escola, era necessário investigar onde estava a falha. Por que as crianças do primeiro ano pouco brincavam? Para descobrir isso então era necessário ouvir as crianças, pois só elas poderiam elucidar esta questão.

Esta pesquisa propõe uma reflexão sobre a infância das crianças de 06 anos, se a brincadeira se faz presente no dia a dia delas na escola e de que maneira elas brincam, inclusive quais são as brincadeiras realizadas na sala de aula e em outros espaços da escola, quais são esses espaços e se o professor participa e está envolvido neste processo.

Acredita-se que a brincadeira é algo fundamental, tal é a importância para o desenvolvimento infantil, que deveria ser visto como constituinte do currículo escolar, para tanto há de se garantir que a brincadeira aconteça (BRASIL 2007), inclusive com os alunos do Ensino Fundamental que não deixaram de ser crianças.

Sarmiento e Pinto (1997) ressaltam que a criança não é um ser isolado, ela se constitui em diferentes contextos, tempos e espaços. Segundo este autor “A infância é concebida como uma categoria social do tipo geracional, por meio da qual se revelam as possibilidades e os constrangimentos da estrutura social”.

Pensar a escola para a infância é pensar na criança, observar as especificidades que a escola precisa ter para atender essas crianças que fazem parte da categoria social ‘infância’.

Necessita-se entender o significado do brincar na fase de desenvolvimento da criança. Enquanto escola é preciso pensar espaços e momentos para que ela aconteça, de forma espontânea, ou seja, respeitando as características que o brincar traz para a infância (MEC 2007).

Segundo Friedmann (1992), a brincadeira constitui-se basicamente em um sistema que integra a vida social das crianças. Caracteriza-se por ser transmitida de forma expressiva de uma geração a outra ou aprendida nos grupos infantis, na rua, nos parques, escolas, festas, e incorporada pelas crianças de forma espontânea, variando as regras de uma cultura a outra (ou de um grupo a outro), muda a forma, mas não o conteúdo da brincadeira; o conteúdo refere-se

aos objetivos básicos da brincadeira, à forma e à organização da brincadeira no que diz respeito aos objetos ou brinquedos, espaço, temática, número de participantes e outros.

Segundo a autora essas brincadeiras são imitadas ou reinterpretadas pelas crianças. Isso varia em função dos diferentes estímulos, interesses e necessidades de cada grupo cultural de crianças. Assim as brincadeiras fazem parte do patrimônio lúdico-cultural, traduzindo valores, costumes, formas de pensamento e ensinamentos.

No entanto, Friedmann (1992) considera o “brincar” como uma linguagem da criança, uma forma de comunicação não consciente por meio da qual ela expõe como sente, percebe e vê o que está ao seu redor, o que está acontecendo na sua vida. De acordo com a autora, esse brincar pode-se manifestar com atividades que trabalham os conteúdos como: as formas, o movimento, a arte, e a música, por isso, a necessidade de se permitir o brincar no espaço cotidiano da escola e da sala de aula.

Portanto, acredita-se que a brincadeira deve estar inserida no espaço escolar, pois é importante para o processo de desenvolvimento da criança. Diante disso elege-se como questão central desta pesquisa a seguinte:

Quais os momentos de brincadeira na escola, no ponto de vista das crianças do 1º e do 2º ano do Ensino Fundamental? A escola é reconhecida por estas crianças como momento de brincadeira?

Os objetivos específicos que conduziram esta investigação foram:

- Conhecer o ponto de vista das crianças do 1º e do 2º ano do Ensino Fundamental a respeito dos momentos de brincadeira na escola;
- Identificar se as crianças reconhecem momentos de brincadeira dentro das salas de aula;
- Mapear quais são as brincadeiras preferidas e os espaços que as crianças gostam de brincar na escola.

Parte-se do pressuposto que as crianças de seis anos devem estar na escola, desta forma é necessário garantir algumas prioridades para esta infância, e a brincadeira faz parte destas prioridades; como bem cita o documento “Ensino Fundamental de nove anos” elaborado pelo MEC (BRASIL 2007):

Crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas. A criança não se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em que deixar de ser criança). Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. (p.15)

A brincadeira como experiência de cultura é a compreensão que a escola e professor precisam construir sobre a brincadeira e a sua importância para o desenvolvimento infantil. Crianças são cidadãs, pessoas que possuem direitos, que produzem cultura, basta compreender isso para respeitá-las.

A pesquisa realizou-se sob o enfoque qualitativo, pois visou interpretar os dados da realidade social de forma concisa. Segundo Allum, Bauer e Gaskell (2005, p.21) “Na pesquisa social, estamos interessados na maneira como as pessoas espontaneamente se expressam e falam sobre o que são importantes para elas e como elas pensam sobre suas ações e a dos outros”. Portanto, na pesquisa qualitativa busca-se analisar a essência dos dados, através de entrevistas objetivas e de fácil compreensão.

Para os autores Allum, Bauer e Gaskell (2005) a pesquisa qualitativa é uma pesquisa mais crítica e emancipatória, e o pesquisador qualitativo consegue ver através dos olhos daqueles que estão sendo pesquisados, ou seja, é possível compreender as interpretações que os sujeitos da pesquisa têm sobre o mundo, no caso desta pesquisa trata-se de compreender como a criança percebe o ato de brincar e a brincadeira na escola, sobretudo, na sala de aula.

Esta pesquisa realizou-se em dois momentos: a primeira coleta de dados entre os meses de novembro e dezembro de 2009 e a segunda coleta no mês de abril de 2010.

A coleta de dados realizou-se numa escola pública da cidade de Indaial. Contou-se com aproximadamente quatrocentos e trinta e cinco alunos matriculados desde a turma de cinco anos (Educação Infantil) até o 9º ano. A escola oferece vagas a todas as turmas, tanto no período matutino, como no período vespertino, com um quadro de aproximadamente 45 funcionários. Caracteriza-se como uma das maiores escolas da cidade de Indaial.

A escolha desta escola deu-se pelo fato do pesquisador, na ocasião da pesquisa, ser o Orientador Educacional desta escola, desta forma, fazer parte do corpo docente desta escola facilitou a pesquisa, pois conhecia os alunos, professores e também família das crianças pesquisadas, facilitando assim a autorização dos pais para a realização da pesquisa. Estudava juntamente com os professores os documentos legais da implantação do primeiro ano do Ensino Fundamental, entre todas as peculiaridades, em especial o brincar e a brincadeira. Com isso surgiu a necessidade de ouvir as crianças para compreender o que elas pensavam sobre o brincar no primeiro ano e demais questões que elucidassem essa problemática.

A coleta dos dados realizou-se através de entrevistas áudio gravadas e transcritas na íntegra com crianças de seis anos de idade nas turmas do 1º ano, em dois momentos: foram entrevistadas doze crianças em meados de novembro e dezembro de 2009 para verificar os momentos de brincadeira do segundo semestre do primeiro ano, e no mês de abril de 2010,

supondo que as atividades do primeiro semestre são as dedicadas a alfabetização, portanto, diferentes do primeiro semestre escolar e se nesse período a brincadeira está mais frequente ou não do que o segundo semestre. Ressalta-se que no segundo momento das entrevistas, as crianças estavam frequentando o segundo ano do Ensino Fundamental, entrevistou-se as mesmas crianças.

Na segunda coleta de dados, retornou-se a escola com as seguintes indagações: Será que algo mudou? Quais foram as mudanças ocorridas nos tempos e espaços de brincar de um ano para o outro? As crianças continuam brincando no segundo ano? A brincadeira também é uma aprendizagem? E se existem diferentes concepções de infância e brincadeira de um ano/período a outro. É importante destacar que na segunda coleta de dados houve uma criança (João) que não estava mais frequentando a escola e, portanto não participou da entrevista.

As entrevistas realizadas com as crianças na primeira coleta de dados (novembro/dezembro de 2009) possuíram seis questões norteadoras para análise dos dados. Durante o decorrer das entrevistas foram elaboradas outras questões de acordo com as respostas das crianças. Apresenta-se abaixo as questões e potencial interpretativo das mesmas:

1. O que a criança faz na escola?

Esta pergunta foi idealizada com o objetivo de compreender o que as crianças imaginam que irão fazer na escola.

2. A criança brinca na escola?

É objetivo do pesquisador e talvez a questão mais importante da entrevista, saber se brincar é uma das expectativas das crianças entrevistadas em relação a escola. O pesquisador questionou se a criança gosta de brincar na escola e qual seria sua brincadeira preferida.

3. Aonde, que lugar que a criança brinca na escola?

Esta pergunta visa descobrir qual é o espaço da escola que a criança utiliza para brincar e descobrir o porquê da criança brincar neste lugar e do que brinca neste espaço.

4. Se a professora brinca com a criança e de que ela brinca?

Acredita-se ser fundamental questionar a criança sobre a participação da professora no brincar e nas brincadeiras da criança na escola para entender qual é o seu papel frente o olhar das crianças.

5. Momentos que a criança brinca na escola?

Esta questão se refere a descobrir os momentos que a criança possui para brincar na escola, e de acordo com as respostas surgiram outras questões para compreender por que a criança brinca mais num momento do que em outro.

6. O que gostaria de brincar na escola?

Esta questão aborda o que a criança gostaria de brincar na escola, mas que muitas vezes não é possível brincar disso por uma série de fatores, afim de, descobrir as brincadeiras que fazem parte do imaginário, da vontade das crianças, mas que de alguma forma não é permitido na escola.

Na segunda coleta de dados (abril 2010) foram abordadas questões que procurassem elucidar o que as crianças sabem e pensam sobre o brincar e por que brincam e também por que estudam.

Tendo como base a primeira coleta de dados que evidenciou que as crianças vêm para a escola estudar, brincar e aprender, pensou-se em questioná-las o por que brincam e estudam.

Permearam nesta segunda coleta de dados questões que levaram as crianças a refletir sobre lugares permitidos e proibidos para brincar e desta forma qual seriam as brincadeiras que estariam presentes nestes espaços.

Dentre todas as questões realizadas nesta segunda entrevista vale ressaltar a importância de questionar se as crianças brincam mais agora que estão no segundo ano ou se brincavam mais quando estavam no primeiro ano, se existe diferença entre o brincar e o estudar, qual seria essa diferença e da mesma maneira que a gente aprende a escrever e a ler, a gente também aprende a brincar?

A análise dos dados transcorreu-se da seguinte forma:

a) **Transcrição na íntegra de todas as fitas:** todas as entrevistas foram ouvidas e transcritas, tudo que estiver incompreensível será retomado nas gravações quantas vezes forem necessárias e se em algum caso não for possível identificar alguma palavra no áudio, será utilizado a expressão incompreensível. Todas as expressões percebidas no áudio serão sinalizadas no texto em negrito, de outra cor e entre parênteses. Ex. sinalizando tempo de parada para pensar (**pensando**), palavra enfatizada (**ênfase**).

b) **Exploração dos dados e processo de interpretação:** as transcrições foram organizadas nos seguintes eixos:

1. Lugares de brincar e brincadeiras: identificou-se o ponto de vista das crianças a respeito dos momentos de brincadeira na escola;

2. Lugares de brincar na escola e brincadeiras: verificou-se se as crianças identificam momentos de brincadeira dentro das salas de aula.

c) **Devolutiva da pesquisa:** foi realizado um seminário para professores na escola pesquisada com objetivos de trabalhar o tema a brincadeira como especificidade da infância e repensar o espaço e tempo da escola para o brincar.

De acordo com o documento do MEC (BRASIL, 2007) a escola deve garantir tempos e espaços de brincar para as crianças do primeiro ano.

É recomendado pelo MEC que se realize uma proposta diferenciada com as crianças de 06 anos matriculadas no 1º ano do Ensino Fundamental. Segundo as orientações do MEC (BRASIL, 2007), a brincadeira deveria ser o eixo pedagógico da infância, pois a preocupação do Ministério da Educação está em saber se as professoras estão privilegiando uma proposta lúdica com as crianças no cotidiano escolar.

Para o MEC (BRASIL, 2007), desde a entrada das crianças de seis anos no Ensino Fundamental, a infância vem sendo discutida, pois estamos num momento de grandes questionamentos sobre as nossas práticas escolares e concepções.

De acordo com as orientações do MEC (BRASIL, 2007), o direito efetivo á educação das crianças de seis anos não acontecerá apenas com a promulgação da Lei nº 11.274/2006, mas depende-se principalmente das práticas pedagógicas diferenciadas para alunos de seis anos e a maneira como estas crianças são acolhidas na escola, se as especificidades da infância estão presentes no cotidiano escolar. Não mais numa prática voltada para crianças da Educação Infantil ou do Ensino Fundamental, mas sim uma prática voltada para as crianças do primeiro ano.

As crianças que participaram deste estudo tiveram autorização dos pais ou responsáveis. (Apêndice 01). Esta autorização foi disponibilizada aos pais durante uma reunião deles na escola. Nesta ocasião, o pesquisador apresentou os objetivos da pesquisa e esclareceu os procedimentos metodológicos. Foi enfatizado que os nomes das crianças e da escola serão resguardados durante todo o decorrer da pesquisa. Para cada participante da entrevista atribuiu-se um nome fictício e, sem nenhuma identificação e semelhança com o seu nome. Cabe ressaltar que os nomes atribuídos para as crianças foram os nomes dos acadêmicos de mestrado da turma na qual participo.

A escolha das crianças entrevistadas aconteceu de forma livre, ou seja, conversou-se primeiramente com elas sobre a pesquisa, sobre a brincadeira na escola e cada uma teve a liberdade de escolher se queria participar ou não da entrevista. Foram entrevistadas um total de 12 crianças, todos alunos da mesma professora.

Estas crianças moram próximas a escola, vêm acompanhadas de irmãos mais velhos e outras pelos pais; a maioria de classe operária, trabalham o dia inteiro e que por este motivo, acabam ficando no período oposto à escola na casa de outros parentes, vizinhos e até

“creches”¹ domiciliares.

Observando o meio social em que vivem, pode-se perceber que as crianças brincam na rua e nos jardins de suas casas no período em que não estão na escola. A tranquilidade do bairro permite esta situação.

Além de Indaial ser uma cidade de origem alemã, que oferta diversas possibilidades de emprego, o bairro que fica localizado a escola é bastante migratório; a grande parte é do estado do Paraná. Por ser um bairro que oferece grande oferta de terrenos e casas para aluguel traz pessoas de diversos estados e que na maioria das vezes acabam ficando pouco tempo no bairro, e as crianças circulam de uma escola a outra com bastante frequência.

As pesquisas buscam compreender e analisar as diversas situações que a criança é sujeito da pesquisa. Com elas são analisadas as suas falas, comportamentos e produções. Portanto, de acordo com Campos (2008), a pesquisa com crianças não é algo novo na Ciência, mas é necessário nesta pesquisa que o pesquisador se atente as maneiras pelo qual esta entrevista é conduzida, principalmente em utilizar um vocabulário acessível para cada faixa etária e condição social, afim de que a criança possa compreender da melhor forma possível o sentido da entrevista. Para Quinteiro (2005)

[...] pouco se conhece sobre as culturas infantis porque pouco se ouve e pouco se pergunta às crianças e, ainda assim, quando isto acontece, a “fala” apresenta-se solta no texto, intacta, à margem das interpretações e análises dos pesquisadores. [...] Entre as ciências da Educação, no âmbito da sociologia, há ainda resistência em aceitar o testemunho infantil como fonte de pesquisa confiável e respeitável. (QUINTEIRO, 2005, p. 21)

Dar voz as crianças nesta pesquisa é compreender o que elas veem, percebem e vivenciam quanto ao brincar e a brincadeira na escola; ainda acrescenta Quinteiro (2005) “As falas das crianças, alunos do Ensino Fundamental, indicam e revelam aspectos da vida e do mundo concreto com uma sabedoria encantadora”; e isto pode-se perceber claramente com os dados desta pesquisa.

Os dados serão respeitados integralmente para assim analisar criteriosamente as falas das crianças. Nesta pesquisa a fala da criança é respeitada e aceita para que possam surgir novas concepções sobre a importância do brincar e da brincadeira para a infância, especificamente na escola.

A entrevista, afirma Rosa e Arnoldi (2006) é uma técnica de coleta de dados pré-

1 Casas no bairro que abrem as suas portas para atenderem crianças de diversas idades em períodos opostos aos da escola. Nestas casas permanecem as crianças enquanto os pais trabalham.

estabelecida, considerada pelo pesquisador uma eficiente ferramenta para compreender de forma sistemática os dados coletados. Ainda segundo estes autores:

Analisando a “entrevista” como uma técnica de coleta de dados, podemos afirmar que não se trata de um simples diálogo, mas, sim, de uma discussão orientada para um objetivo definido, que, através de um interrogatório, leva o informante a discorrer sobre temas específicos, resultando em dados que serão utilizados na pesquisa. (ROSA e ARNOLDI, 2006, p.17)

Com isso acrescenta-se que as entrevistas realizadas com as crianças são semi-estruturadas, pois abordam questões abertas que permitem o sujeito discorrer sobre a questão com respostas livres e abertas.

Ouvir as crianças ainda é uma metodologia recente, mas segundo Zelizer (1986) “Sempre existiram pessoas que ouviram, por vezes, as que escutaram, e talvez menos frequentemente, as que agiram sabiamente sobre o que as crianças têm a dizer”.

As entrevistas aconteceram em diversos espaços da escola: na sala da Orientação Educacional, na sala de aula e no pátio da escola durante o intervalo, a fim de não prejudicar o andamento das aulas e respeitando a espontaneidade das crianças. O pesquisador solicitou a participação espontânea da criança para participar de uma entrevista que será gravada e que ajudará os adultos a entenderem como as crianças pensam.

Após cada entrevista realizou-se algumas anotações sobre o que o pesquisador percebeu da criança durante as questões, como estavam as suas feições, se prosseguiu de forma tranquila e espontânea e outras que auxiliarão na análise desses dados. Se antes de iniciar a entrevista ou mesmo no transcorrer da mesma a criança se recusasse, o pesquisador respeitaria sua vontade. As entrevistas foram transcritas na íntegra e o pesquisador registrou todas as ações das crianças durante a mesma. (Apêndice 4 e 6)

As respostas das crianças foram analisadas por meio de dois quadros analíticos (Apêndice 3 e 5). Os quadros foram de extrema importância para mapear algumas questões da pesquisa, sendo assim utilizados para agrupar as questões e sujeitos. Das análises codificadas emergiram os seguintes eixos interpretativos: Estudar e brincar ou brincar e estudar; Momentos e tempos de brincar; O permitido e o proibido e Brincar no primeiro ou no segundo ano. Estes eixos serão abordados na sequência desta dissertação.

Nestes eixos interpretativos surgiram inúmeros espaços da escola mencionados pelas crianças como lugares onde brincam, onde gostariam de brincar e outros não permitidos para brincar. Para compreender a pesquisa organizou-se fotos ilustrativas dos espaços da escola citados pelas crianças (Apêndice 7). No entanto vale ressaltar que as fotos são meramente

ilustrativas, ou seja, não foram consideradas nas análises.

2 O QUE DIZEM AS PESQUISAS SOBRE O BRINCAR E A BRINCADEIRA

Não conhecemos a infância: sobre as falsas ideias que temos, quanto mais avançamos, mais nos perdemos. Os mais sábios insistem sobre o que importa aos homens saber, sem considerar o que as crianças podem aprender. Eles buscam sempre o homem nas crianças, sem pensar o que ela é antes de ser homem. [...] Comecem pois por melhor estudar as crianças, pois com certeza vocês não as conhecem. (ROUSSEAU, 1969, p.78).

Quando analisa-se a origem da palavra infância, oriunda do latim *infante* encontramos definições que apontam a infância como o primeiro período da existência humana, este se inicia no nascimento e vai até a puberdade. Na sua origem etimológica, o termo “infância” em latim é *in-fans*, que significa sem linguagem, incapaz de falar. (AURÉLIO, 1999).

Durante o século XX ouvir o que a criança tinha a dizer era algo sem relevância, somente se ouvia o que o adulto dizia. Embora ainda hoje ouvir as crianças é algo recente, como elucida Reis (2005) “a experiência brasileira tem mostrado que a criança é encarada pelos adultos como objeto de sua empatia e vigilância, controle e atenção, de maneira que a infância não é dita por si, mas por outros”. São sempre os adultos que falam pelas crianças, sabem o que elas querem dizer e o que estão sentindo.

Compreender que o adulto fala pelas crianças é remeter-se historicamente até antes do século XX, onde era exigido da criança o comportamento e modo de vestir de um adulto. Não se vestiam como crianças; também não eram vistas como tal. Até então não havia o conceito de infância como entendemos atualmente, o que era ser criança, qual a idade que caracterizava a infância, era entendida de uma forma bem diferente da atual (SARMENTO, 2008).

Nos dias atuais, de acordo com Dahlberg, Moss e Pence (2003) pode-se observar algumas características que revelam um novo entendimento sobre a infância: a infância como construção social, elaborado para e pelas crianças, vistas como atores sociais e que possuem voz própria e dignos de estudo. Estudar as crianças é compreender o que é inerente a infância, seus desejos e anseios.

Por mais estudos que atualmente pode-se observar, Quinteiro (2005) propõe que ainda precisa-se avançar nos conceitos que se referem a infância:

Os saberes constituídos sobre a infância que estão ao nosso alcance até o momento nos permitem conhecer mais sobre as condições sociais das crianças brasileiras, sobre sua história e sua condição de criança sem infância e pouco sobre a infância como construção cultural, sobre seus próprios saberes, suas possibilidades de criar e recriar a realidade social na qual se encontram inseridas (QUINTEIRO, 2005, p. 22)

De fato a infância, o brincar e a brincadeira são temas de discussão com maior ênfase ainda na Educação Infantil, como verifica-se nas pesquisas apresentadas a seguir. Desta forma torna-se pertinente refletir sobre a questão do brincar e da brincadeira nas turmas do primeiro ano do Ensino Fundamental (BRASIL, 2007). Crianças do primeiro ano deveriam vivenciar a sua infância com tempos e espaços para brincar. A passagem da Educação Infantil para o Ensino Fundamental, essa diferença de uma turma a outra, muitas vezes, ocorre de forma radical, o que se fazia na Educação Infantil não se faz mais no Ensino Fundamental. Neste caso, discute-se como o brincar e a brincadeira estão presentes na escola, especificamente no primeiro ano.

Corsino (2009) contribui dizendo que “Ambientes que se abram à brincadeira, que é o modo como às crianças dão sentido ao mundo, produzem história, criam cultura, experimentam e fazem arte”. Desta forma, a brincadeira é um elemento essencial no desenvolvimento infantil, para que as crianças construam sua identidade e estabeleçam relações com o mundo adulto.

A brincadeira vem sendo pesquisada por muitos autores nestes últimos anos, nas discussões especificamente voltadas para a Educação Infantil, sendo vista como um elemento fundamental para o desenvolvimento infantil e o papel que a brincadeira assume para a experiência de culturas, pois como afirma Moura (2009) “A brincadeira favorece a interação, a construção da identidade [...]”. Partindo desta perspectiva pode-se pensar que é na brincadeira que a criança estabelece relações de convivência com o outro e a partir destas relações constrói conceitos e compreende o mundo adulto, enquanto isso, a escola pensa o brincar apenas como um momento após atividade, irrelevante, somente para preencher pequenas lacunas de tempo, conforme veremos nos capítulos posteriores.

Um grupo de pesquisas estabelece relação entre a brincadeira e a aprendizagem. Estas pesquisas trouxeram o brincar e a brincadeira em espaços de atendimento da infância que de acordo com Teixeira (2009), o brincar define-se como um instrumento pedagógico, metodológico e necessário na construção das aprendizagens da infância. Gusso e Schuartz (2005) abordam a temática que aponta a relação entre a ação lúdica e a criança. Discutem a

possibilidade de aprender e brincar ao mesmo tempo, pois acreditam que a brincadeira também pode-se relacionar com a aprendizagem.

Costa e Dudek (2005) relacionam o jogo e a brincadeira como possibilidade de aproximar a criança dos conhecimentos científicos. Pode-se perceber nestas temáticas que o brincar não é visto apenas como uma experiência de cultura (BORBA, 2007), mas também como possibilidade de aprendizagem. Esta interação entre brincadeira e aprendizagem podem contribuir significativamente na construção do conhecimento.

As pesquisas de Benoit, Cordeiro e Souza (2005) descreveram, caracterizaram e identificaram os momentos de aprendizagem das crianças da Educação Infantil durante as brincadeiras, visto que a criança constrói conhecimentos quando brinca, na sua relação com o outro e com o meio.

Estas pesquisas mostram não mais a brincadeira dissociada da aprendizagem, mas como uma possibilidade de conhecer, aprender e construir conhecimento. A brincadeira como uma garantia da infância (BATISTA e FRANCO 2007), um direito da criança que está na escola, pois escola também é lugar de brincar, afirmam os documentos oficiais do MEC quando relatam a importância da implantação de mais um ano no Ensino Fundamental.

Lima (2009) investigou crianças de quatro anos na interação com jogos e brincadeiras e pode então observar que a criança manifesta-se de forma natural quando brinca e isso contribui para o seu desenvolvimento cognitivo, de forma atrativa e prazerosa. Para Navarro (2009) o brincar é uma atividade fundamental e de direito da criança. A pesquisa enfocou a qualidade do brincar e de que maneira a professora aborda o brincar no cotidiano. Quando fala-se que brincar é direito da criança precisa-se compreender que é fundamental para o desenvolvimento infantil, como também contribuí Pasqualini (2006) com a teoria da atividade para a Educação Infantil: apontamentos sobre o papel da brincadeira e o desenvolvimento das funções psíquicas superiores; traz a preocupação do trabalho nas creches e Unidades de Educação Infantil, que ainda consideram-se assistencialistas, espontaneístas e escolarizantes.

Nesta pesquisa visou-se estudar as contribuições da teoria da atividade para a prática pedagógica de crianças de zero a seis anos. A autora buscou compreender o papel da brincadeira junto a criança pequena e o planejamento de ações pedagógicas que promovem o desenvolvimento infantil. Concluí que o brincar esta presente na escola, mas a preocupação também esta voltada para os materiais adequados usados para essas brincadeiras, bem como as formas como essas brincadeiras acontecem na escola.

Para estes autores, jogos, brinquedos e brincadeiras são favoráveis á aprendizagem e ao desenvolvimento e podem ser utilizados também como recursos e estratégias para o

desenvolvimento da aprendizagem tanto na Educação Infantil, como nas séries iniciais do Ensino Fundamental e Médio.

Para Azevedo (2006) e Oliveira (2007) é necessário e de grande importância que o adulto/professor interage com as crianças durante as brincadeiras e atividades lúdicas, mediando e procurando fazer uso destes momentos para a construção de conceitos e aprendizagens.

Mariano (2009) compreende o brincar como aspecto fundamental na educação de crianças pequenas para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social. Este estudo buscou conhecer e analisar quando e como acontecem as atividades lúdicas nas crianças de uma turma de Educação Infantil e de que maneira a professora influenciava este processo. A pesquisa realizou-se no cotidiano de uma sala de aula de crianças de quatro e cinco anos de idade, bem como nos momentos de planejamento da professora, com isso foram analisados documentos, planejamentos e atividades escolares propostas pela professora.

Considera-se com os dados obtidos que as atividades realizadas não foram suficientemente planejadas e acompanhadas pela professora e que o lúdico e o brincar estão restritamente acompanhados de atividades escolares e utilizados principalmente como ferramenta pedagógica. Desta forma, o autor justificou que o brincar neste contexto estava apenas relacionado a aprendizagem e não ao desenvolvimento afetivo e social da criança.

Da mesma forma Martins (2009) analisou como as concepções de crianças e de sua professora sobre o brincar participaram na constituição da brincadeira vivenciada na Educação Infantil. Para estes estudos fez-se o uso das teorias de Piaget, Wygotsky e Wallon que trata do papel da brincadeira no desenvolvimento infantil, as teorias do brincar de Elkonin e Winnicott e outros estudos referentes à sociologia da infância. O estudo realizou-se com crianças do Jardim I sobre as brincadeiras vividas na escola e revelou que a brincadeira acontece de acordo com o planejamento da professora, e este objetivando uma aprendizagem/habilidade.

Evidenciou-se que a brincadeira acontece apenas quando a professora quer, pois entende que a brincadeira livre é sinônimo de bagunça e que deve estar restrita apenas ao recreio, momento em que as crianças podem brincar de acordo com suas vontades e desejos. Resta então as crianças procurarem formas clandestinas de brincar dentro da sala de aula, pois os raros momentos que a brincadeira é permitida ela se restringe a jogos estabelecidos pela professora.

Na pesquisa de Martins (2009) ao mesmo tempo em que a professora afirma que a brincadeira faz parte do cotidiano da escola, as crianças negam; e percebe-se nas falas da

professora que o entendimento sobre este assunto ainda é superficial. Pode-se pensar que para a professora a brincadeira se restringe aos momentos em que ela propõe algum jogo ou atividade pedagógica, não compreende a brincadeira também como um momento específico da criança, de socialização, de criação e recriação. A pesquisa de Martins (2009) contribui para pensar o quanto a brincadeira esta sob o domínio da professora. Ela decide os tempos para a criança brincar, o mesmo pode-se visualizar no capítulo quatro: Momentos e tempos de brincar.

Na abordagem de Navarro (2009) o brincar é fundamental para o desenvolvimento infantil, desde que incluído de forma consciente no contexto da Educação Infantil, pois acredita-se que não basta apenas brincar, é preciso que este brincar seja de qualidade, e para isso é necessário muita atenção com os mediadores desta atividade.

Desta forma a pesquisa visou analisar de que maneira o brincar é tratado na Educação Infantil e qual a mediação e compreensão que a professora faz durante este processo. Durante a coleta de dados (observação e entrevista com a professora) foi possível compreender como as brincadeiras acontecem e de que forma são mediadas. A pesquisa apontou que o brincar é garantido na rotina da criança de acordo com a compreensão da professora, mas que ainda é necessário conscientizar a escola na importância de incentivar a brincadeira. Novamente a brincadeira é vista apenas pelo olhar do professor. E a criança?

Percebe-se a importância de pesquisas para ouvir o que as crianças pensam sobre o brincar e a brincadeira na escola. A partir desta perspectiva iniciou-se esta pesquisa para compreender o que as elas dizem. A maioria dos estudos aponta para a concepção dos professores e da escola, mas como brincadeira é específico da infância/criança, chegou o momento de ouvi-las.

A pesquisa de Garcia (2008) possibilitou refletir o jogo como possibilidade e alternativa na construção do ensino de História. Nesta dimensão a brincadeira é vista como um recurso metodológico para o ensino de uma disciplina específica. Neste olhar amplia-se a dimensão da brincadeira também para as séries finais do Ensino Fundamental. Não mais como realidade apenas da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental mas ampliando também como alternativa metodológica nas disciplinas específicas. Se criança constitui-se até os doze anos de idade, então porque não brincar até esta idade?

Em outra perspectiva Pedrosa (2004) trouxe a brincadeira sob outro enfoque, aponta a relação que ela pode ter com o computador e a arte. Relatou a experiência com alunos da quinta série, partindo de conversas da professora sobre as telas de Portinari que retratam brincadeiras. O trabalho, segundo Pedrosa (2004), coletou desenhos feitos pelos alunos no

computador referente a relação e o lugar que as brincadeiras da obra de Portinari tem na vida das crianças.

No ponto de vista de Melo (2005); Würdig (2007) e Ambra (2005) levar a ludicidade para a escola requer mexer em muitos conceitos: de escola, de professor e de aluno, pois existe muita resistência destes profissionais da educação em realizar um trabalho pautado na ludicidade. Na pesquisa destes autores o lúdico faz parte da vida das crianças, indispensável para o desenvolvimento nesta fase da infância. Durante as brincadeiras, as crianças deixam as suas marcas, se apropriam dos espaços e transformam a brincadeira em momentos únicos e singulares.

Completam os autores que na brincadeira as crianças estão em contato com situações diárias de adultos, já estão se preparando e aprendendo a conviver no futuro, criam regras e fazem valer nas suas brincadeiras situações diárias do seu cotidiano.

A pesquisa de Guerra (2009) investigou as diferentes relações que o lúdico tem com os calendários, situações climáticas, flora e fauna, festas e eventos sociais, religiosos, crenças, comércio e meios de comunicação. Todos os jogos e brincadeiras foram analisados no seu contexto, período e espaço. O trabalho trouxe considerações que a ludicidade acompanha as transformações ocorridas na natureza, na comunicação e organização de cada grupo social e que existem temporadas de brincadeiras.

Garantir um espaço específico para brincar também é uma alternativa para garantir a brincadeira na escola. Cotonhoto, Simões e Victor (2010) apresentaram seus estudos sobre a importância da brinquedoteca e da brincadeira como forma de compreender, planejar e facilitar o desenvolvimento infantil. Os autores mencionam a brinquedoteca como um espaço para o brincar, onde jovens, crianças e adolescentes se encontram para este fim. Ressaltam que esses espaços são provenientes de aprendizagem significativa, desenvolvimento e socialização.

Steinle (2010) preocupou-se com os momentos e os espaços de brincar das crianças. Pesquisou os benefícios da ludicidade na vida das crianças, desta forma, a autora pensou em criar um espaço virtual: “Brinquedoteca Virtual”, que serviu de divertimento e aprendizagem para as crianças e de formação para os professores. Considera a autora que oferecer um espaço para a criança brincar, mesmo que seja virtual, resgata e privilegia o brincar e o lúdico como um recurso para novas aprendizagens e diferentes linguagens das crianças. Um pouco preocupante pensar em tempos e espaços de brincar virtuais. Os momentos de brincar, as brincadeiras devem constituir o cotidiano das crianças, restringir esses momentos virtualmente é reduzir ou então excluir os tempos de brincar na infância.

Verificou-se também um grupo de pesquisas interessado na investigação da relação brincadeira e formação docente. Segundo Cruz e Martins (2008) a formação de professores de Educação Infantil e suas lembranças, brincadeiras constituem o sujeito professor, sobretudo na Educação Infantil. Parte-se da ideia de que professor que vivenciou a brincadeira na sua infância perceberá a importância de promover tempos e espaços de brincar para suas crianças.

De acordo com Lombardi (2006) que pesquisou jogo, brincadeira e prática reflexiva na formação de professores, abordando metodologias lúdicas-reflexivas para a formação dos professores, pode-se perceber a dificuldade de inserir a ludicidade nos currículos de formação docentes e as contribuições que a ludicidade pode trazer quando inserida nesses currículos. Esta pesquisa focou-se na maneira que as metodologias de jogos oferecem à aquisição de saberes por parte do educador, fazendo uso de duas fases distintas: o momento de jogo e o de reflexão.

Lima (2004) focalizou a formação inicial. Investigou as experiências lúdicas das professoras de Educação Infantil e as significações construídas sobre o brincar ao longo da trajetória pessoal e profissional destas professoras. A pesquisa realizou-se através de oficinas lúdicas, entrevistas gravadas e escritas autobiográficas. A autora conclui que o brincar faz parte das vivências pessoais de cada uma, portanto de fato elas brincam com seus alunos, embora isto tenha sido barrado na sua formação inicial, poderia ter sido ressignificado em cursos de formação inicial de professoras de Educação Infantil.

Desta forma, Lima se contrapõe a contribuição de Cruz e Martins (2008), pois mesmo que as professoras não tenham vivenciado a brincadeira na infância, as formações possibilitam refletir sobre a importância do brincar para o desenvolvimento infantil e a partir de então estabelecer uma prática pedagógica pautada nestes princípios. Os documentos oficiais e Parâmetros Curriculares da Educação Infantil esclarecem a importância de garantir a brincadeira como linguagem a ser desenvolvida na prática infantil.

O trabalho de Assis (2004) vem retratar as concepções de cuidar, educar e brincar de professoras da Educação Infantil. Buscou-se investigar as representações de dez professoras de crianças de três a seis anos de idade, sobre as instituições de Educação Infantil, bem como, as concepções destas professoras sobre o brincar, o educar e o cuidar. Neste trabalho evidenciou-se que o cuidar é geralmente considerado como pouco importante na prática educativa, ao contrário do educar que foi considerado o aspecto mais importante, enquanto o brincar fica em segundo plano, pois, segundo a autora, tem a finalidade de distrair e facilitar a assimilação dos conteúdos trabalhados com as crianças. Considera a autora que a separação entre cuidar-educar-brincar empobrece a prática das professoras da Educação Infantil e acaba

limitando o desenvolvimento infantil.

Compreender as características do brincar das professoras da rede pública e privada do município de Santa Maria, (RS) foi estudo de Loro (2008). Baseado nas vivências de cada professora na sua infância, em brincadeiras vivenciadas na rua e na escola. Considera-se com esta pesquisa que o brincar vem sendo entendido pelas professoras como um recurso, um método ou uma estratégia para um determinado fim, que geralmente acontece como um “recurso didático”, ou associado a jogos lúdicos no pátio e quadra da escola, aquisição de habilidades motoras ou até para orientar os alunos para a aprendizagem.

Percebe-se que há um grande desentendimento das professoras sobre o que é o brincar e quais suas especificidades, para isso, a pesquisa mostrou como possibilidade perceber o brincar como “fundamento do humano” de acordo com os estudos de Maturana, que foi referência neste trabalho.

Os trabalhos acima apresentados mostram o brincar e a brincadeira ainda em segundo plano, utilizado apenas como um recurso metodológico e não como uma linguagem específica da infância, que promove interação, construção de cultura e aprendizagem. Com este grupo de pesquisas pode-se pensar que a brincadeira não está sendo discutida nos espaços escolares; necessita-se pensar em formações específicas para construir um projeto político pedagógico que garante tempo e espaço para brincar; não como uma ocupação de tempo ocioso, mas como um momento específico de brincar.

Outro grupo de pesquisas aborda as questões culturais e históricas da brincadeira. Carvalho e Silva (2007) objetivaram compreender os conhecimentos prévios sobre brinquedos e brincadeiras, suas manifestações culturais, diferenças e semelhanças nas formas de brincar. Nestas pesquisas pode-se observar que a brincadeira é vista como direito da criança e como tal, prioridade, para que as crianças possam desenvolver sua cultura e produzir conhecimento.

Corrêa (2007) pesquisou a vivência da cultura corporal indígena na Educação Física escolar, que identificou a diversidade étnica da cultura indígena na forma de jogos e brincadeiras para promover conhecimentos etnos-culturais destes povos.

Conhecer a importância da relação entre o brincar e a criança segundo Azevedo (2006) e Oliveira (2007) está diretamente relacionado à concepção de infância. E para que seja realizado um trabalho que objetiva o respeito ao desenvolvimento infantil, é necessário conhecer as especificidades da infância.

Nos estudos de Pacheco (2006) e Trevisan (2007) o brincar e o aprender são colocados em estâncias diferentes, de acordo com as experiências vivenciadas do educador em relação com o brincar. O brincar apenas se materializa durante o recreio, no pátio, onde as crianças se

libertam, divertem-se, sentem prazer e de fatos são crianças. Na visão destes autores o aprender acontece somente em sala de aula e sem nenhuma ligação com o brincar, como se o aprender fosse algo mais sério do que o brincar.

O brincar segue uma perspectiva na dimensão cultural, enriquecida pela vivacidade das crianças, enquanto o educar se rentabiliza com a cultura escolar, como se não houvesse a possibilidade de associar uma coisa a outra. (PACHECO, 2006 e TREVISAN, 2007).

Estes autores acreditam que o brincar pode ser potencializado quando faz parte dos planejamentos e propostas escolares, desde que a escola de mais espaço e sentido para a cultura infantil e seu brincar.

Para Silva (2006) e Farias (2006) a infância é uma fase histórica da criança, onde se constitui como sujeito público e social de direitos. Embora muitos direitos, inclusive os de brincar e de ser autor de seus pensamentos ainda por muitas vezes e casos aprisionados. Os autores enfatizam que as atividades lúdicas e as brincadeiras ainda são vistas como mero passatempo ou suporte educativo.

Concluem Silva (2006) e Farias (2006) que o brincar faz parte da natureza infantil e através dele a criança sente-se livre e estimulada para se desenvolver e construir novos conhecimentos.

Para estes autores, é com o brincar que a criança compreende o mundo que a cerca, se constitui como sujeito, estabelece relações de aprendizagem motora, cognitiva e social.

De acordo com os estudos de Lira (2009) as brincadeiras ocupam um lugar de destaque nas práticas voltadas para as crianças de zero á seis anos. Nesta pesquisa analisou-se os documentos da Revista Jardim de Infância de 1996 e 1997 e os volumes do Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil de 1998 cujo material trouxe grande reconhecimento às práticas de jogos e brincadeiras com crianças pequenas. Com a análise destes documentos pode-se concluir que a Psicologia e a Pedagogia historicamente enfatizam a importância dos jogos e das brincadeiras para a aprendizagem das crianças. Essas práticas vão constituindo o ser social, histórico e cultural de uma maneira mais complexa.

Haddad e Maynart (2010) observaram sistematicamente crianças de três à cinco anos para investigar a forma como o desejo de posse interfere nos momentos e enredos das brincadeiras infantis livres e planejadas. Nesta pesquisa verificou-se que a oposição ao outro interfere e acaba impedindo o desenvolvimento do enredo na brincadeira.

Carvalho (2008) buscou compreender e analisar o sentido das brincadeiras, brinquedos e jogos vivenciados por uma comunidade indígena Pataxó e a sua relação destas para a cultura infantil. Os elementos característicos da infância surgiram nas relações das

experiências de brincadeiras das crianças desta comunidade. Com esta pesquisa pode-se acrescentar que cada brincadeira se constitui de acordo com a cultura e o meio social que esta inserida. Brincar é universal, específico da criança. As brincadeiras variam de cultura para cultura.

Bezerra (2009) trouxe uma analogia entre a moda do vestir infantil que nos últimos anos vem utilizando cores e formas que alia diversão ao ato de vestir. Essa combinação de cores, texturas, aplicações e imagens nas peças infantis retratam muitas vezes jogos e brincadeiras do universo infantil. Esta pesquisa visou compreender como as crianças relacionam-se com as roupas que trazem esses elementos do brincar e das brincadeiras. Foram analisadas dezessete peças de uma grife infantil da marca Malwee utilizadas por dezesseis crianças da Educação Infantil.

Numa perspectiva mais ampla Gebien e Goldmann (2010) produziram uma revisão literária sobre as principais produções científicas relacionadas à brincadeira nos diferentes contextos: escolas e hospitais, nos últimos cinco anos nos anais da Anped, Endipe e Educere. A brincadeira não vista apenas no espaço escolar mas em todas as dimensões que retratam a infância. Concluem os autores que a produção se destaca nos trabalhos relacionados à Educação Infantil. Segundo o referido estudo, pouco se discute sobre a brincadeira no Ensino Fundamental e no Hospital. Ressaltam que a questão ainda segue caminhos primitivos, é necessário pensar na brincadeira em outros contextos que não seja apenas na Educação Infantil.

Costa, Domingues, Kunz e Simon (2010) acreditam que as brincadeiras infantis mudam de geração para geração e que as últimas gerações vêm adquirindo grandes influências da mídia quando falamos no brincar infantil. Esta pesquisa realizou-se com crianças de cinco e seis anos. Os autores acima alertam da preocupação necessária para com os programas de televisão, que podem influenciar na formação de conceitos e cultura das crianças desta idade.

Atualmente a televisão e os jogos de computador vêm ocupando todo o tempo da criança. Crianças que na maioria das vezes moram em apartamentos e locais sem espaço livre para brincadeiras. Os espaços para brincar, muitas vezes, se restringem apenas a escola, e esta habitualmente não garante tempo para brincar.

A pesquisa de Maciel e Vieira (2008) vem de encontro com uma questão ainda muito polêmica na nossa sociedade: Menino brinca de boneca?

O principal foco de discussão foi o preconceito manifestado na relação de menino e menina na atualidade, para isso buscou-se a contribuição da teoria histórico-cultural para se pensar o

preconceito em sala de aula. Pensar em brinquedo específico para menino ou menina, de certa forma está ultrapassado. A criança pode brincar com o brinquedo que sentir vontade, indiferente se menino brinca de boneca ou menina brinca de carrinho.

Finco (2007) também buscou compreender as relações de gênero nas brincadeiras entre meninos e meninas na pré-escola e analisar como se manifestam culturalmente as relações de gênero durante as brincadeiras; enquanto para Cravo (2006), existe uma grande relação das brincadeiras infantis e a construção da identidade de gênero. São as relações estabelecidas durante as brincadeiras que dão significado e sentido ao mundo. Na pesquisa o autor destacou a relação existente no ato de brincar e a construção da identidade de gênero, trazendo reflexões conceituais sobre as brincadeiras consideradas inadequadas para as meninas e para os meninos. Também trouxe reflexões sobre os estereótipos construídos através das brincadeiras sobre masculinidade e feminilidade. As brincadeiras que somente meninos ou meninas podem brincar, discriminando o sexo e até que ponto esta prática influenciará na formação da identidade de gênero. Brincadeira é coisa de criança. Não é o sexo que vai distinguir os tipos de brincadeira.

Nas pesquisas apresentadas mostra-se a seriedade e o compromisso que precisa-se ter com a importância da brincadeira e do brincar para o desenvolvimento infantil. Elas devem estar presentes nos espaços escolares e garantir tempos específicos.

As pesquisas apontaram que a Educação Infantil possui uma cultura de brincar, uma cultura de infância, enquanto o Ensino Fundamental vê a brincadeira apenas como a possibilidade metodológica de aprendizagem, como se a criança que acabou de sair da Educação Infantil não fizesse mais parte da infância; chegou na escola e acabou o brincar.

Os dados apresentados a seguir, de acordo com os dizeres das crianças, possibilitam entender os tempos e espaços de brincar na realidade de uma escola de Ensino Fundamental. Se as pesquisas acima esclareceram que a Educação Infantil garante a especificidade de brincar, nossa preocupação está em garantir essas especificidades também no espaço escolar, afinal, escola é um lugar para aprender, mas também para brincar.

3 ESTUDAR E BRINCAR OU BRINCAR E ESTUDAR?

“Brincar e estudar, estudar e brincar, apenas estudar”...

A escola atual vem discutindo constantemente assuntos que buscam aprimorar conhecimentos para uma educação de qualidade. Um dos tópicos atuais consiste em respeitar os tempos e espaços de aprendizagem de nossos alunos.

Pensar em qualidade nas séries iniciais do Ensino Fundamental é garantir as especificidades da infância, das crianças do 1º ano que estão ingressando na escola regular. Ouvir o que as crianças pensam sobre a escola é dar espaço para que elas participem do seu processo de aprendizagem e dos seus direitos. A brincadeira, conforme autores já citados faz parte da infância, da experiência da cultura da infância.

O documento do MEC (BRASIL, 2007) traz a brincadeira como uma palavra estreitamente relacionada à infância e cuja preocupação tem sido as concepções e práticas que vêm sendo realizadas nas escolas, se a brincadeira e o brincar estão incorporados ao processo de construção cultural de nossas crianças. Borba e Corsino (2009) definem a brincadeira como “experiência de cultura”.

Uma das preocupações do MEC (BRASIL, 2007) é quando a brincadeira vem perdendo seu espaço no cenário infantil, ou seja, conforme vão avançando as séries do Ensino Fundamental as crianças brincam menos e a escola se destina apenas a estudar e aprender. Baseado neste documento percebe-se a importância de resgatar e garantir a brincadeira nos espaços escolares do primeiro ano. Crianças de seis anos que hoje estão matriculadas no primeiro ano são características da infância e precisam garantir suas especificidades.

Neste trabalho discutiu-se a infância das crianças de seis anos, atualmente matriculadas no primeiro ano do Ensino Fundamental de nove anos, para tanto a nossa preocupação: estamos garantindo as especificidades das crianças de seis anos da escola?

Pensar em infância na escola requer conhecimentos sobre esta fase, para que desta forma a escola possa organizar tempos e espaços específicos.

Quando se trata em determinar as idades da infância, não há consenso nem mesmo nas legislações, pois esta concepção pode variar entre diferentes culturas, comunidades e sociedades, como acrescentam Sarmiento e Pinto (1997, p. 42):

Considerando que esta categoria social se estabelece por efeito exclusivo da

idade (e não da posição social, da cultura ou do gênero), podemos considerar que o estabelecimento desses limites é uma questão de disputa política e social, não sendo indiferente ao contexto em que se coloca, nem ao espaço ou ao tempo da sua colocação.

Partindo destes autores, busca-se as diferentes definições de infância e criança abordadas pelas legislações brasileiras: no Art. 1º da Convenção dos Direitos das Crianças (1989), o conceito de criança [...] todo ser humano com menos de 18 anos de idade. No Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), no Art. 1º, entendemos a concepção de que “considera-se criança, para os efeitos desta Lei, a pessoa até 12 anos de idade incompleto, e adolescente aquela entre 12 e 18 anos de idade”.

Desta forma, com base na Legislação brasileira, pode-se considerar criança até os 12 anos de idade e compreender o direito à infância também até essa idade. Cabe a nós entender que durante o passar destes anos a infância caracteriza-se por diversas singularidades. Pode-se dizer até que há diferentes infâncias, ou seja, para cada cultura há prioridades, especificidades, interesses que se diferenciam. Portanto há modos diferentes da criança viver a infância. Para Kramer (2007) “o conceito de infância é, pois, determinado historicamente pela modificação nas formas de organização da sociedade”. Cada século uma organização diferenciada de sociedade e com ela diferentes concepções de infância.

Para Belloni (2009, p. 8) “A infância é uma categoria ao mesmo tempo social e sociológica, noção construída para dar conta do fenômeno social, tanto em nível das representações sociais, quanto no âmbito das ciências humanas”. Esta autora nos remete a pensar que atualmente é necessário avançar nos estudos da infância, não ficar apenas na história, nos conceitos, mas pensar na mudança que estes estudos podem contribuir para o futuro.

Nas entrevistas realizadas, a primeira questão lançada às crianças foi sobre o que elas vêm fazer na escola. Quatro crianças: Cristian, Maira, Renan e Pedro responderam que vêm para a escola “estudar e brincar”, duas crianças, Silvano e Isabela, responderam que vêm “brincar e estudar” e seis crianças, João, Fabio, Letícia, Fabiana, Valéria e Sérgio responderam que vem para a escola apenas para aprender, ler e estudar.

As crianças que responderam que estudar é a primeira atividade escolar, não significa que não brincam, ao contrário, em outras questões percebe-se, que a brincadeira é muito importante. A opção estudar demonstra um início de apropriação do discurso social de que escola é lugar para estudar. (Apêndice 3). Portanto, estas crianças parecem compreender que no momento de estudar a brincadeira não pode estar presente, como se houvesse uma ruptura

entre o brincar e o estudar. Ao que parece esta ruptura consiste em dois momentos: quando a família esclarece para a criança que a partir do momento que ingressar na escola (primeiro ano) “acabou a brincadeira” e “é hora de estudar”, pois a preocupação com o aprender a ler e a escrever por parte dos pais é tão grande, que veem a escola apenas com essa função.

O brincar e a brincadeira parece ser específico da Educação Infantil e por outro lado os professores reforçam esta ideia ao se preocuparem com a contemplação do conteúdo e esquecem que estas crianças brincam e querem continuar brincando, por que são crianças.

Na segundo momento das entrevistas, no segundo ano, ficou evidente que as crianças diferenciam o brincar do estudar. Para elas o brincar se caracteriza por uma brincadeira: brincar de pega-pega, esconde-esconde, bola e outros e o estudar se refere à aprender a ler e a escrever.

Quando questionados por que estudam, surgem as mesmas respostas que obtemos na primeira entrevista: estudam para aprender a ler e a escrever e acrescentam que estudam porque os pais mandam, para ser um bom trabalhador e para aprender mais “coisas” (Apêndice 5).

A aprendizagem é o motivo pelo qual frequentam a escola. O brincar não tem nada haver com o estudar, está em oposição. Primeiro se estuda e “depois”, quando sobra “um tempinho”, “quando a professora deixa”, então se brinca.

Como a escola não possui clareza desta fase, o brincar acaba ficando de lado, pois é visto, como tempo perdido e os conteúdos e as atividades assumem importante papel nesta dimensão (BRASIL, 2007).

Embora a escola não compreenda a importância da brincadeira no espaço escolar, as crianças reconhecem a escola como espaço para brincar, apenas quando a professora deixa ou depois das atividades. Brincam em diversos espaços permitidos pela escola durante o recreio e início das aulas conforme disse Fábio: **“No recreio e quando a professora diz para brincar”** (fragmento de entrevista dia 09/12). È a professora de Fábio que determina quando pode brincar.

Esteves e Fidélis (2004) e Simeoni (2008) acreditam que brincadeira é coisa séria, pois se constitui como direito da criança, baseados no Estatuto da Criança e do Adolescente e da Constituição de 1988. Os autores defendem a brincadeira e deixam explicito que ela faz parte do desenvolvimento infantil. Muitas pesquisas na área da infância definem a brincadeira como uma atividade séria, embora poucas, apontem a brincadeira como especificidade e fundamental nos espaços escolares (BRASIL, 2007).

Borba (2006) investigou como as crianças estabelecem relações entre si e constroem

espaços e tempos de brincar e constituem suas culturas de infância. A autora aborda os fundamentos teóricos da sociologia da infância e da cultura da infância, dando voz a crianças de quatro a seis anos, entendendo as crianças como seres ativos no processo de construção das relações sociais e da cultura de pares. Pode-se compreender então, a brincadeira como uma experiência de cultura.

Nesta mesma perspectiva Borba (2007) acrescenta que o fato da criança estar situada num contexto social e histórico, ou seja, num ambiente estruturado a partir de valores e significados, incorpora a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelece com os outros, crianças e adultos. A autora acima conceitua o brincar como uma experiência de cultura, construída a partir das relações, e nestas relações, apontadas pela autora, conseguimos conhecer melhor as nossas crianças, isso porque é no processo de brincar que as crianças mostram o que conhecem e vivenciam.

A autora nos faz pensar, quando apresenta o brincar como uma atividade inerente ao desenvolvimento, como experiência de cultura, algo importante não somente na infância, mas por toda a vida do ser humano e inclusive deve estar garantida em todos os anos do Ensino Fundamental.

Para melhor compreender isso Borba (2007) ressalta:

[...] o brincar é um dos pilares da constituição de culturas da infância, compreendidas como significações e formas de ação social específica que estruturam as relações das crianças entre si, bem como os modos pelos quais interpretam, representam e agem sobre o mundo [...] é importante demarcar que no brincar as crianças vão se constituindo como agentes de sua experiência social, organizando com autonomia suas ações e interações, elaborando planos e formas de ações conjuntas, criando regras de convivência social e de participação de brincadeiras. (BORBA, 2007, p. 39 – 41).

Pensar na infância é pensar no brincar, nas brincadeiras. É preciso pensar com propriedade a assegurar que o brincar seja vivido como experiência de cultura nas práticas escolares atuais, pois como mencionado pelos autores acima, o brincar estabelece relações de vivência de culturas, e escola é lugar de cultura, de vivência, de significados. Se o brincar contribui neste sentido, cada vez mais ele deve-se inserir nas práticas, não como um recurso pedagógico, mas como um processo espontâneo da criança, da infância.

A escola não pode ser ingênua em pensar que restringindo momentos e espaços de brincar fará a criança deixar de brincar. Ao contrário, elas brincam sim, conforme disseram: ***brincam apenas quando a professora deixa, quando terminam as atividades, no começo da***

aula, no recreio e na Educação Física. Indiferente de algumas proibições e restrições da escola, elas brincam.

Quando as crianças entrevistadas foram abordadas sobre o brincar na escola, todas responderam que brincam, que gostam de brincar. Percebe-se que reconhecem a escola como lugar para brincar. Compreendem que brincar faz parte da infância e que eles estão nesta fase. Em alguns momentos da entrevista algumas crianças enfatizaram que escola é lugar de estudar, mas que brincam também. Disse Fabiana que só brinca quando a professora manda, ressaltando que isso acontece só as vezes. Maira reforça a ideia que a brincadeira está sob o controle da professora, quando diz que as vezes a professora deixa ela brincar e as vezes ela manda estudar.

Desta forma, a escola não possui o mesmo entendimento de brincar e de brincadeiras que as crianças, especificamente o primeiro ano que estamos discutindo assume a prioridade no aprender a ler e a escrever. As crianças reconhecem a escola como lugar de brincar, de estudar, de aprender a ler, a escrever dentre outras coisas, já a escola restringe-se apenas a aprendizagem. A brincadeira só acontece quando a professora manda, dizem as crianças.

A preocupação com a aprendizagem e o currículo do primeiro ano esta apenas voltado aos saberes da alfabetização, as fases de desenvolvimento e as especificidades necessárias da infância acabam ficando de lado. Novamente a escola reforça a ideia que os pais pensam: chegou no primeiro ano “acabou a brincadeira”, agora a coisa é séria, tem que estudar. E a brincadeira também é coisa séria!

Cristian ao ser questionado sobre por que estuda, respondeu que o pai manda estudar. Quando crescer quer ser jogador de futebol e o pai sempre diz que é preciso ser inteligente, senão não pode ser jogador de futebol. A concepção do pai é que escola é apenas para estudar. Mesmo o pai de Cristian pensando na escola apenas como um lugar para aprender, Cristian disse que gosta muito de brincar na escola e que na maioria das vezes brinca de bola, futebol.

Monguilhott (2008); Teixeira (2008) e Daniele (2006) contribuem considerando que a escola deve ser vista como um lugar para brincar, uma institucionalização da infância, ou seja, a criança como sujeito de direitos. Pode-se observar que muitas pesquisas trazem o brincar e a brincadeira como direito da criança e especificidade da infância, embora a escola ainda necessita avançar nesta dimensão e para isso, primeiramente precisa compreender que a infância esta dentro da escola, mais precisamente nas turmas do primeiro ano.

Segundo o MEC (BRASIL, 2007) a implantação de mais um ano no Ensino Fundamental requer o respeito às crianças como sujeito. Este documento específico para orientar as questões de trabalho das crianças de seis anos de idade traz alguns esclarecimentos

sobre as questões relevantes nesta faixa etária: a Infância, que é o eixo primordial para a compreensão desta nova etapa/idade do Ensino Fundamental, como esta infância vem sendo compreendida na escola, de que maneira garante-se isso sabendo que as crianças são constituídas de culturas diferentes.

Pode-se perceber de acordo com as entrevistas, que as crianças do primeiro ano brincam em dois momentos específicos: um deles controlado pela professora, pois brincam quando ela deixa e outro estipulado pelas crianças: no recreio, que é o momento que podem brincar livremente.

O brincar e a brincadeira também estão sendo discutidos no documento do MEC, partindo do princípio que a brincadeira faz parte da criança, é característico da infância e deve ou deveria estar presente nas escolas.

[...] o brincar como uma expressão legítima e única da infância; [...] a brincadeira nos tempos e espaços da escola e das salas de aula e a brincadeira como possibilidade de conhecer mais as crianças e as infâncias que constituem os anos/séries iniciais do ensino fundamental de nove anos. (MEC, 2007, p.10)

Portanto, de acordo com o documento acima citado, necessita-se garantir algumas ações nestas turmas de seis anos. A questão da infância e suas particularidades como o brincar e os momentos de brincadeiras deveriam ser priorizados no cotidiano da escola.

Para o MEC (2007) o respeito à infância das crianças de seis anos é compreender que cada criança traz sua história, seus saberes, seu jeito de compreender o mundo e suas diversas formas de vivenciar a infância, de interagir com os outros através de brincadeiras, como um modo de ser e estar no mundo.

As crianças ouvidas constituem uma cultura de brincar na escola, pois mesmo sabendo que escola é um lugar para aprender a ler e a escrever, também reconhecem como lugar para brincar com os amigos, conforme disse Renan: “[...] **brincar é uma diversão que as crianças fazem**”. (fragmento da entrevista dia 28/04) A troca de experiências, de cultura, acontece nos momentos de brincar, pois Renan em diversos momentos da entrevista afirmou que brincar é se divertir e que brinca porque é criança.

Para Santos (2006) e Assis (2005), a atualidade vem desvalorizando a infância. Esquece-se que as crianças querem e gostam de ser verdadeiramente crianças, desde que, o meio ofereça condições para que o desenvolvimento e respeito desta fase de fato ocorra. É necessário que a escola se assuma também como agente pela luta da infância. Estes autores identificaram que as crianças mostram-se cada vez mais críticas, criativas e responsáveis

quando trata-se dos espaços escolares para brincar; portanto, a necessidade e importância da participação da opinião das crianças quanto aos espaços que aconteçam estes momentos de brincar.

Evidencia-se nas falas das crianças, que a escola pesquisada não oferece muitas alternativas de espaços e tempos para brincar. As crianças relataram que a brincadeira acontece em momentos específicos (recreio e Educação Física) e nos espaços próximos a sala de aula. No segundo momento das entrevistas, surge na conversa “os cantinhos” na sala de aula do segundo ano. A professora organizou diferentes espaços com jogos, fantasias e leituras para aqueles alunos que terminam as atividades antes que os outros. Neste sentido, a brincadeira surge apenas como bônus para os alunos que terminam as atividades antes que os demais. Os “cantinhos” da sala do segundo ano serão abordados no próximo capítulo.

Schneider (2004); Rego (2006) e Araújo (2008) investigaram o brincar na fase inicial de escolarização da criança. A questão condutora desta pesquisa refere-se como as crianças das séries iniciais significam o brincar na escola. Para estes autores não é necessário apenas que a escola priorize o brincar, mas sim é preciso ter políticas públicas e de formação que garantam o respeito a infância destas crianças. Para tanto, concebe-se a escola como um espaço de inúmeras possibilidades para que o brincar aconteça. Necessita-se dar ouvidos as crianças; elas precisam participar das decisões que tratam das especificidades do brincar. Acredita-se na importância de refletir se o brincar e tudo mais que está relacionado á infância vem sendo incorporado a proposta pedagógica escolar e ao currículo, pois isto de fato interessa a criança.

Para Schneider (2004); Rego (2006) e Araújo (2008) a importância de práticas que inserem o brincar na proposta pedagógica e no currículo escolar é uma das formas de compreender o ser social criança e as suas relações com o meio em que está inserido. Segundo estes autores, a brincadeira possibilita compreender a criança como sujeito histórico, ela é muito importante para as crianças, pois auxilia no processo de socialização com o grupo. Embora ainda, é necessário discutir e promover diálogos sobre este assunto no meio educacional. Esta pesquisa trouxe como sujeito a criança, que vem adquirindo voz e espaço nas pesquisas; saber o que ela pensa sobre o brincar na escola é essencial para inseri-la na proposta pedagógica conforme mencionam os autores acima.

Ouvir as crianças possibilita compreender se a brincadeira esta presente na realidade escolar. Nas entrevistas todas as crianças afirmam que brincam na escola, embora não tenha espaço específico para isso. A maioria diz que brinca no parquinho e no gramado, que a princípio são os únicos lugares permitidos na escola, conforme menciona Isabela: *“Eu venho*

brincar no parquinho, estudar na sala, ah, eu venho brincar com os dominós, eu venho escrever na sala”[...] (fragmento de entrevista dia 19/11).

Isabela esclarece que brinca no parquinho e que a sala de aula é somente para estudar. Existem alguns brinquedos na sala de aula, (dominós, quebra-cabeças, jogos da memória e outros) que também são usados pelas crianças para brincar, após a atividade, quando a professora deixa e fora da sala de aula, ou seja, na frente da sala².

Isabela ainda acrescenta: **“Eu brinco de, no parquinho, eu brinco de dominó, eu estudo, também, ai eu brinco dos outros dominós né” [...] (fragmento de entrevista dia 19/11).**

Os dominós e demais jogos usados para brincar na turma do primeiro ano são materiais específicos para a alfabetização³, embora com intencionalidade pedagógica, para Isabela significam momentos de brincadeira.

Para a criança o que interessa é brincar. Se são atividades lúdicas que possibilitam a brincadeira, a criança vai compreender esta atividade como um momento de brincar, uma brincadeira. Embora para as professoras, tanto do primeiro ano que não possui um espaço específico para brincar dentro da sala, mas que possui jogos e brinquedos que promovam aprendizagem, ou para a professora do segundo ano que organizou um espaço específico “cantinho”, essas brincadeiras tem uma intencionalidade, para a criança é somente um momento de brincar, como pode-se perceber na entrevista de Renan: **“[...] A gente brinca no cantinho, que é um lugar onde tem, tem brinquedos que fica dentro da nossa sala”.** (fragmento da entrevista dia 28/04)

Eickhoff (2004) e Arigoni (2005) acreditam que quanto maior diversificação de materiais e atividades que propiciam o brincar, maior será o desenvolvimento infantil. Segundo esses autores, com a utilização destes materiais diversificados podemos tornar as aulas mais organizadas, estruturadas e planejadas, ou seja, o material e as atividades que dele se originam ocupam posição de destaque no desenvolvimento das brincadeiras infantis. Além das brincadeiras, ressaltam que os brinquedos cantados e jogos nas atividades escolares auxiliam para um melhor desenvolvimento global do aluno e o resgate a cultura popular que esta inserida.

As duas crianças que responderam que em primeiro lugar brincam na escola parecem que compreendem a escola também como um lugar para brincar, mas reconhecem que também é lugar de estudar. Ao que parece que a brincadeira faz parte do cotidiano e que

2 Corredor com calçada na frente da sala de aula do primeiro ano usado pelas crianças para brincar.

3 Caixa com jogos e atividades lúdicas variadas de alfabetização: dominó de sílabas e numerais, jogo da memória do alfabeto e outros.

estudar é algo mais sério.

Nos documentos orientadores do Ensino Fundamental de nove anos esta dicotomia não se apresenta. Neste documento diz “Mas a brincadeira também é séria” MEC (BRASIL, 2007, p.35). Conforme aponta esse documento, a escola vê a brincadeira como algo que vem após o trabalho pedagógico, ou seja, primeiro estudar e em segundo plano o brincar. Isso surge da ideia que a brincadeira é uma atividade oposta ao trabalho (BRASIL, 2007).

O trabalho, o fazer pedagógico tem a sua seriedade, seus conteúdos, seu currículo que precisa ser alcançado e a brincadeira ganha espaço apenas nos poucos momentos em que a escola e a professora permitem. “Sua função fica reduzida a proporcionar o relaxamento e a reposição de energias para o trabalho, este sim sério e importante” MEC (BRASIL, 2007, p.35). Para dar uma pausa nas atividades, as crianças brincam um pouco.

A brincadeira como algo após o trabalho escolar é percebido também na fala de Isabela: “ [...] *ai ela passa uma tarefa, ai depois nós acabamos, ai depois quem acabou a profe deixa ir no parquinho[...]*” (fragmento de entrevista dia 19/11). Desta forma, a brincadeira aparece sempre em segundo plano.

Na escola pesquisada a brincadeira se restringe a espaços e tempos específicos, conforme declarou Valéria ao ser questionada sobre aonde brinca na escola: “*Só no parquinho, quando tá na hora assim... de ir pro lanche... daí assim...*” (fragmento de entrevista dia 15/12) Observa-se que a brincadeira esta presente apenas nos momentos fora da sala de aula e sem a presença da professora. Brincar no recreio acontece espontaneamente, neste momento a criança explora os espaços da escola sem a presença do professor e cria brincadeiras entre si.

De acordo com o MEC (BRASIL, 2007) a brincadeira é característica da infância e deveria estar presente no cotidiano escolar das turmas do primeiro ano, como apresentado no documento:

E no trabalho muitas vezes brincamos e na brincadeira também trabalhamos! Diante dessas considerações, será que podemos pensar o brincar de forma mais positiva, não como oposição ao trabalho, mas como uma atividade que se articula aos processos de aprender, se desenvolver e conhecer. (BRASIL, 2007, p.35)

Dando continuidade aos dados apresentados acima, as crianças compreendem que a escola é um lugar onde se brinca, se estuda. O documento do MEC (BRASIL, 2007) deixa claro, a importância da brincadeira e do brincar para o desenvolvimento infantil.

As crianças de seis anos que agora frequentam o Ensino Fundamental são crianças que até pouco tempo viviam a realidade das escolas de Educação Infantil, lugar que a brincadeira

fazia-se mais presente cotidianamente, pois é um espaço, que socialmente se aceita a infância e suas especificidades. Quando as crianças de seis anos chegam à escola fundamental pergunta-se: E agora? O que fazer?

Compreender que estas crianças continuam sendo crianças, romper com a ideia que a brincadeira é prática apenas da Educação Infantil, pois além da brincadeira se constituir como uma experiência de cultura (CORSINO 2009 e BORBA 2007), também abre inúmeras possibilidades para o trabalho pedagógico, assim como o documento orientador do MEC:

[...] vale a pena refletir sobre as relações entre aquilo que o brincar possibilita – tais como aprender a olhar as coisas de outras maneiras atribuindo-lhes novos significados, e estabelecer novas relações entre os objetos físicos e sociais, a coordenar as ações individuais com as dos parceiros, a argumentar e a negociar, a organizar novas realidades a partir de planos imaginados, a regular as ações individuais e coletivas a partir de ideias e regras de universos simbólicos – e o processo de conhecimento pelas crianças e pelos adolescentes. Os processos de desenvolvimento e de aprendizagem envolvidos no brincar são também constitutivos do processo de apropriação de conhecimentos. (BRASIL, 2007, p. 38-39)

O documento também remete-se a pensar outras possibilidades sobre o brincar, uma série de elementos característicos a partir da brincadeira que visam o desenvolvimento da criança nos mais diferentes aspectos. Cabe pensar na importância da escola perceber e refletir sobre o brincar e a brincadeira nas turmas do primeiro ano, não mais como uma perda de tempo (BRASIL, 2007), mas sim como possibilidades de garantir a infância, o desenvolvimento e a aprendizagem.

Ao falar sobre o que as crianças gostam de brincar todas responderam que gostam de brincar, exceto Fábio que respondeu que gosta *“mais ou menos, não muito, eu gosto mais de trabalhar”* (fragmento da entrevista dia 09/12). Esta resposta nos deixou curioso, pois Fábio gosta mais de trabalhar do que brincar. Percebe-se durante a entrevista (conforme apêndice 4) que trabalha em casa e conversando com Fábio ele diz que gosta muito de fazer casinhas de madeira com seu pai em casa, assimila o brincar como uma atividade de construir casas, inclusive menciona que gostaria muito de fazer casinhas de madeira também na escola, uma atividade que lhe proporciona prazer.

Compreende-se que o trabalho dito por essa criança pode ser caracterizado como uma brincadeira de trabalhar, uma brincadeira de construir algo, que no momento a escola não possibilita esse tipo de brincadeira. Brincar de construir jogos e brinquedos poderia ser uma alternativa para a professora iniciar um momento de brincar na sala de aula.

Possibilitar momentos de construção de brinquedos, jogos e demais materiais pode-se

tornar uma alternativa para a criança participar da elaboração do próprio brinquedo, estimulando desta maneira o seu gosto de participar desse processo de construção. A fala de Fábio nos possibilitou compreender a importância de permitir esses momentos na escola.

Diante destes dados pode-se dizer que a brincadeira faz parte da experiência cultural de cada um, pois transmitem o seu gosto por ela e percebem que a escola também é um lugar de brincadeiras, restrita ainda a momentos e espaços específicos. Isto ficou evidenciando na fala das crianças que declararam que brincam somente quando a professora deixa. Então pensa-se: Quais são esses momentos que a professora deixa a criança brincar? Existe um momento específico ou hora certa para isso acontecer? E quando a professora não deixa a criança não brinca? Então as especificidades da infância, o brincar e as brincadeiras estão sob responsabilidade apenas do professor? E a escola como um todo, assume que papel para com essas crianças? Então, se a brincadeira não se faz presente no contexto escolar também não esta inclusa no Projeto Político Pedagógico da escola?

Não basta apenas a criança gostar de brincar. A escola também é um lugar para brincar. Ficou evidente que se a professora não permite esses momentos, a criança se restringe apenas a brincar no recreio, no início da aula e nas aulas de Educação Física. A escola pouco sabe a respeito da infância, pois além de priorizar alguns espaços para brincar, acaba proibindo, isolando e negligenciando a brincadeira para a criança.

Permitir que a brincadeira se fizesse presente no cotidiano escolar é respeitar as especificidades da infância, que segundo Borba (2009) “O brincar abre para a criança múltiplas janelas de interpretação, compreensão e ação sobre a realidade”. Quando a criança brinca está construindo a sua concepção de mundo, estabelecendo aspectos da brincadeira com o mundo adulto, pois, “as atividades do brincar podem promover a maioria dos objetivos da educação dos primeiros anos em todos os seus aspectos: social, intelectual, criativo e físico” (SMITH, 2006, p.28).

Compreende-se assim que a brincadeira é determinante para o desenvolvimento infantil, cabem então escola e profissionais da educação ter acesso a esses conhecimentos para que possam oferecer espaços e momentos para que a brincadeira de fato aconteça na escola.

Estudar e brincar ou brincar e estudar, diante da dualidade destes termos conferida pelas crianças nos dá ideia que brincadeira no sentido literal da palavra segundo Ximenes (2001), é divertir-se, recriar, mover-se com alegria, dizer ou fazer algo pelo prazer da brincadeira. Este autor, quando nos mostra o significado do brincar, associa-o a imagem da criança, quando falamos em brincar também estamos falando de criança. O brincar é o processo que através da brincadeira gera prazer para a criança.

Moyles (2006) conceitua o brincar como alguma coisa de forma divertida, agir em relação a um método ou modo: a brincadeira. Segundo esta autora o brincar relaciona-se a uma combinação de vários significados, um processo que engloba uma variedade de habilidades, práticas, comportamentos, motivações, entre outros. De acordo com Moyles (2002), o brincar é um meio pelo qual seres humanos e também animais exploram uma variedade de experiências em diversas situações, a criança quando brinca constrói seu próprio jeito de lidar com a situação que esta vivenciando durante o brincar com objetos e materiais. Exemplifica a autora que a criança não precisa de nenhum manual para brincar, ela cria momentos de brincar, brincadeiras a partir de situações diárias.

Para Moyles (2006) o brincar possibilita a criança construir sua própria visão de mundo e com isso contribuir na relação de interação com o mundo adulto. Como a autora menciona acima, o brincar é um modo que através da brincadeira pode construir relações e significados com os adultos em sua volta. Ao invés da professora controlar os tempos de brincar, poderia criar situações que estimulassem a brincadeira dentro da sala inclusive com a sua participação, conforme disse Fábio ao ser questionado se a professora brinca com ele na sala de aula: relatou que as vezes ela fala grosso e depois todos começam a rir. Fazer parte da brincadeira das crianças é um momento para observá-las melhor e compreender as especificidades de ser criança.

De acordo com Smith (2006, p.25) “o brincar é extremamente característico na faixa etária de 2 á 6 anos”, portanto crianças de 06 anos que hoje frequentam as turmas do 1º ano do Ensino Fundamental precisariam ter esta característica presente na sua vida cotidiana, pois segundo este autor o brincar neste período é muito importante para o desenvolvimento infantil, também visto como uma experiência prazerosa. Smith (2006) afirma que grande parte do brincar da criança de 06 anos é simbólica. A criança finge que um objeto ou alguma ação tem um significado diferente do seu significado original, ou seja, atribui personagens e ações para diferentes situações e objetos. Conclui o autor que no brincar as crianças devem ser deixadas livres para se expressar e criar novas ideias. Esta liberdade fica estabelecida no recreio, onde podem brincar do que querem e imaginam.

Se tudo isso que apontam os autores acima é brincadeira como podemos separar a brincadeira da aprendizagem? Brincar e estudar ou estudar e brincar poderiam ser os eixos fundamentais do currículo das turmas do primeiro ano do Ensino Fundamental. Não à necessidade de dissociar a brincadeira da aprendizagem, pois estes autores nos possibilitaram refletir sobre a relação que a brincadeira tem com a criança na sua construção de cultura e no aprender. Por que não construir uma concepção de escola onde se brinca e se aprende, onde a

brincadeira e a aprendizagem estivessem interligadas.

Construir uma concepção de escola como espaço somente para aprender e estudar está desvinculada do que dizem os documentos oficiais do MEC (Brasil, 2007), do Estatuto da Criança e do Adolescente, da Constituição de 1988, pois ambos acreditam e mencionam a importância da brincadeira na infância e na garantia da mesma nos espaços escolares.

As crianças entrevistadas nos fazem entender que mesmo a escola não oferecendo espaços e tempos específicos para brincar, a criança explora outros momentos e outros espaços. Conforme citado, brincam nos corredores da escola, calçadas, na frente da cantina e em tempos também específicos: no recreio e nas aulas de Educação Física, conforme abordasse no próximo capítulo: Momentos e Tempos de brincar.

4 MOMENTOS E TEMPOS DE BRINCAR

“No gramado, no parquinho, na quadra, em qualquer lugar”...

Quando pensa-se no brincar e nas brincadeiras presentes no dia a dia das crianças visualiza-se uma série de espaços dos mais variados possíveis. Na escola que serviu de cenário para esta pesquisa, os espaços físicos encontrados foram: parquinho, quadra, gramados, campo de futebol, corredores, galpões, bosques e pomares; enfim uma infinidade de alternativas de espaços para a criança brincar.

No entanto, uma parte desses lugares não estão sendo permitidos para brincar. Dessa forma pode-se dizer que uma escola repleta de possibilidades de espaços para brincar necessariamente não significa que estes são explorados e vivenciados pelas crianças. “É nas oportunidades de acesso aos espaços lúdicos e as práticas de lazer que a criança se desenvolve sob o ponto de vista emocional, social, motor, intelectual e afetivo” (LARANJEIRO, MALTA e PEREIRA, 2000, p. 300).

Segundo estes autores, a criança precisa estar ao encontro desta diversidade de espaços que a escola pode oferecer, pois quanto maior a diversidade, maior as possibilidades de desenvolvimento. Brincar só no parquinho e no gramado remete-se a pensar que os outros espaços não são de conhecimento das crianças ou são locais proibidos.

Quando surgiu a questão: “Aonde, que lugar na escola você brinca”? Todas as crianças responderam que brincam ou no parquinho ou no gramado, exceto Pedro *“que brinca na quadra, em qualquer lugar”* (fragmento da entrevista dia 09/12) Para Pedro, não existe um lugar específico na escola para brincar, qualquer espaço é espaço de brincar.

Verifica-se que a maioria das crianças responderam sobre lugares específicos (gramado e parquinho). Ao que parece, estes lugares foram lembrados, pois são os únicos lugares permitidos às crianças, pela direção da escola, conforme conhecimento prévio do pesquisador desta pesquisa.

Há uma cultura instalada na escola, que já existe muito antes do pesquisador trabalhar na escola, que criança só brinca no parquinho acompanhado pela professora responsável. Não é permitido o acesso ao parquinho em outros horários a não ser durante a aula, conforme disseram as crianças: brincam quando a professora deixa, às vezes durante as aulas de Educação Física vão até o parquinho e enfatizaram que durante o recreio este espaço fica trancado e vigiado por um adulto.

Restringir horários de brincar no parquinho ou outros espaços da escola não significa ter mais ou menos brincadeira. As crianças brincam da mesma forma e criam as brincadeiras mais criativas que podemos imaginar, conforme disse Renam: “[...] *brinco de atacar pedra nos riozinhos que tem ali [...] È naquelas lagoazinhas que dá quando chove.* (fragmento da entrevista dia 09/12).

O parquinho é um espaço específico dedicado à infância, com brinquedos e alternativas de criar brincadeiras ao ar livre e bem como brincadeiras programadas para balançar, escorregar, subir e descer, esconder e outros, se transforma em um lugar “sagrado” para às crianças.

Na escola pesquisada, o parque significa o lugar mais esperado pelas crianças, embora há um controle maior do seu uso. Este controle dos adultos se deve ao exagero com a integridade física da criança. Consideram a criança muito frágil, impossibilitando-a de conhecer e explorar melhor este espaço tão desejado e mencionado pelas crianças na pesquisa.

Torna-se necessário uma preocupação em preservar o bom estado do parque, para garantir segurança às crianças. È responsabilidade da escola periodicamente inspecionar os brinquedos e demais materiais que compõem o parque. Super proteger e proibir o acesso em horários que a professora não esta presente não deveria ser a solução, cabe a escola pensar em estratégias para permitir o acesso das crianças ao parque em todos os momentos por elas citados: recreio, início da aula e outros.

“Os parques infantis constituem uma das subcategorias dos espaços lúdicos, sendo espaços preparados especificamente para as crianças dos 2-3 aos 12 anos” (LARANJEIRO, MALTA e PEREIRA, 2000, p. 291). Por ser um espaço lúdico remete-se a pensar num espaço de brincadeira. Os autores acima citados contribuem dizendo que a criança brinca pelo prazer que a brincadeira lhe proporciona. Segundo o ECA, a criança é constituída até os doze anos de idade, sendo assim, os parques infantis deveriam estar preparados para atender crianças até esta idade e o que observa-se que os parques tem pouca qualidade e segurança para serem explorados por todas as crianças.

A escola pesquisada permite que o parque seja usado apenas para as crianças de cinco e seis anos, esporadicamente para as turmas de sete anos. Sendo assim, parece que brincar não é prioridade pedagógica. Conforme avançam as idades, diminuem os tempos e espaços de brincar.

Torna-se importante ressaltar que não é apenas o parquinho que abre possibilidades para a brincadeira, mas de certa forma, a escola que possui este espaço já vem pensando um pouco sobre as especificidades da infância. Ressalta-se novamente que “parques infantis” são

apenas um dos espaços lúdicos (LARANJEIRO, MALTA e PEREIRA, 2000).

Corsino (2009) salienta que os sentidos aos espaços são atribuídos pelas crianças (2009, p.6) “Ambientes que se abram a brincadeira, que é o modo como as crianças dão sentido ao mundo, produzem história, criam cultura, experimentam e fazem arte”.

Percebe-se durante a entrevista que existem inúmeros espaços na escola que poderiam ser lúdicos, cabe então refletir sobre a intencionalidade que a escola e os profissionais têm em relação a esses espaços. Além do parquinho e do gramado a escola possui uma estrutura física muito ampla, com imensos pátios utilizados pelas crianças durante o recreio e início das aulas, conforme também mencionados nas entrevistas. Pode-se perceber que a brincadeira acontece livremente nestes espaços específicos e no tempo destinado ao recreio.

A preocupação de Borba (2007) é garantir a brincadeira nas turmas das crianças de seis anos e para a autora, a brincadeira é uma palavra estreitamente associada à infância e a criança. Quando falamos em brincadeiras, em brincar relacionamos estas palavras com criança.

[...] podemos dizer que a brincadeira é um fenômeno da cultura, uma vez que se configura como um conjunto de práticas, conhecimentos e artefatos construídos e acumulados pelos sujeitos nos contextos históricos e sociais em que se inserem. (BORBA, 2007, p.39)

Compreende-se então, segundo a concepção da autora, que a brincadeira é um momento de construção de culturas, baseadas nas interações sociais entre os principais sujeitos: as crianças. É na brincadeira que a criança constrói significados, se relaciona com o mundo adulto e cria possibilidades de compreender o mundo. Portanto, a brincadeira é fundamental como possibilidade de aprendizagem.

Na visão de Corsino (2009) é na brincadeira que as crianças dão sentido ao mundo, se relacionam com ele, produzindo a sua história e criando cultura. A brincadeira possibilita a relação da criança com situações do mundo adulto quando vivencia personagens e situações diversas dos adultos. É nas brincadeiras de faz de conta que a criança interpreta papéis sociais, cria e estabelece regras que auxiliarão na compreensão de sua cultura.

A autora se refere à brincadeira como uma atividade prazerosa e de recreação e um espaço onde as crianças podem tomar decisões e agir da sua maneira, ou seja, momentos que a criança pode ser ela mesma e viajar na sua imaginação, num mundo criado por ela, cheio de fantasias e descobertas. Se a brincadeira é uma atividade prazerosa, que envolve a criança, de fato ela é característica da infância.

Corsino (2009) complementa que “as brincadeiras das crianças são repletas de gestos

indicativos de significado”, é na brincadeira que a criança cria significados a suas ações, a sua maneira de ver e compreender o mundo adulto. A brincadeira não é por si só uma brincadeira, ela tem significados para a criança, um exemplo disso é a brincadeira do faz-de-conta, onde a criança vivencia personagens adultos imaginários e estabelece situações que aproximam a criança da realidade do mundo adulto, onde ela cria a possibilidade de tomar decisões, estabelecer regras e assumir papéis na sociedade.

Embora a escola ofereça um parquinho para as crianças brincarem, os momentos de brincar ainda são restritos neste espaço. As crianças só podem ir ao parquinho depois que terminam as atividades “escolares” ou quando a professora deixa, conforme relatam nas entrevistas (Apêndice 4). Nestas falas pode-se observar que os momentos de brincar no parquinho são bem reduzidos, pois primeiro precisam realizar as atividades e tarefas e somente depois, se a professora permitir, vão ao parquinho brincar.

Cristian acrescenta que só vai no parquinho quando a professora deixa e que brinca mais quinta e sexta feira, pois nestes dias tem Educação Física, e muitas vezes neste momento o professor também leva as crianças para brincar no parquinho.

Valéria responde que só brinca no parquinho, mas apenas no começo da aula, no final e no recreio quando permitido. A escola não permite que as crianças brinquem no parquinho na hora do recreio, pois neste momento todos os professores estão realizando seu lanche e somente os serventes ficam responsáveis pela organização do recreio. As crianças não compreendem o motivo desta proibição, pois em nenhum momento foram chamados para conversar e esclarecer sobre o perigo que alguns brinquedos podem provocar sem o monitoramento de um professor. Talvez a escola pudesse organizar um recreio pedagógico para permitir o uso do parque e de outros espaços da escola que abordaremos mais adiante em outro capítulo.

Permitir que a escola crie ambientes para brincar deveria ser um dos objetivos da escola que atende as crianças do 1º ano do Ensino Fundamental. Além do parquinho outro lugar citado pelas crianças é o gramado. A escola apresenta imensos espaços com grama, que são usados especificamente para as turmas dos anos iniciais durante atividades ao ar livre e nas aulas de Educação Física.

Nas atividades de Educação Física e demais momentos que as crianças do primeiro ano passam no gramado, pode-se perceber que exploram o espaço com brincadeiras das mais variadas possíveis (correr, pular, saltar, rolar e outras). Nestes momentos livres elas criam inúmeras possibilidades de brincadeiras.

Percebe-se que no gramado as crianças sentem-se livres para brincar, criar e recriar as

suas brincadeiras preferidas. O gramado da escola é amplo e possibilita a criança correr, saltar e realizar brincadeiras com o corpo. Diante das respostas, o gramado é um espaço de grande interesse pelas crianças, e precisa ser visto com este olhar também pela escola, conforme menciona a autora:

O ato de brincar e as brincadeiras representam para muitos autores a possibilidade de as crianças se desenvolverem e por meio deles a criança aprende a se conhecer e a atuar no mundo que a rodeia. Assim, as instituições voltadas para as crianças devem levar em conta a maneira como a criança brinca, suas preferências, pois estas indicam uma produção de sentidos e ações. (NUNES, 2009, p.44)

Também analisamos a escola como um todo repleto de espaços diversificados e que, de certa forma motivariam as crianças para o brincar, mas somente o parquinho e o gramado foram citados como lugares para brincar e criar brincadeiras, talvez por serem os únicos espaços liberados e permitidos pela escola.

Necessita-se refletir se o parquinho e o gramado são os únicos espaços a disposição das crianças ou se a escola não oferece os demais espaços para as crianças brincarem. Com base na experiência de trabalho nesta escola, percebe-se que existem espaços limitados para o brincar e a brincadeira na escola. O entendimento destas especificidades se limita ao parque e nos momentos da Educação Física. Escola é sinônimo de aprendizagem e de certa forma deve ser garantida sim, mas precisa-se pensar que nas turmas do primeiro ano existem outras peculiaridades que precisam estar presentes no cotidiano. A brincadeira é somente uma delas.

Em síntese os espaços e tempos dedicados a brincadeira ainda são muito limitados para a realidade de espaços que a escola possui. Evidencia-se que a criança possui apenas o gramado e o parquinho para brincar, com momentos restritos e horários específicos. Pode-se perceber que a escola ainda precisa compreender a necessidade e importância da brincadeira para as crianças do primeiro ano e das características da infância.

Sarmento (2008) pode nos auxiliar nesta compreensão, pois insiste que é necessário aprofundar os estudos referentes a infância para que a criança tenha a sua representação social, para que possamos compreendê-la melhor em nossa sociedade contemporânea.

Estudar a infância, respeitar e considerar a criança uma categoria social é um discurso da atualidade e entende-se que precisamos avançar muito nestes estudos, pois temos a infância inserida em nossas escolas, portanto, precisamos estar atentos e com olhar de preocupação para essa infância. Leis, Estatutos e demais órgãos públicos vem discutindo com grande prioridade a infância na escola, mas pensemos que discutir não é o bastante, é necessário criar alternativas para garantir certas prioridades e direitos.

Acredita-se que quando a escola começar a compreender essa infância e perceber que ela está no espaço escolar a brincadeira também começará a ganhar outros olhares. O olhar da importância no desenvolvimento da criança.

Conforme já citado, a preocupação do MEC (BRASIL, 2007), com a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos é garantir as especificidades das crianças de seis anos, que antes frequentavam a Educação Infantil e hoje estão matriculadas nas escolas de ensino regular. O documento do MEC visa estabelecer algumas diretrizes e reflexões para o trabalho pedagógico com as turmas do primeiro ano. Este documento traz um capítulo reflexivo sobre as concepções de infância, brincar e brincadeiras como desenvolvimento, aprendizagem e experiência de cultura (BRASIL, 2007).

Pensar a infância nos dias atuais, segundo Sarmiento e Pinto (1997) é compreender a criança como um ser singular e social, ou seja, levar em consideração a individualidade e o contexto social em que esta inserida.

Na escola é preciso conhecer cada criança individualmente, pois ela é um ser único, diferente das demais, que se constrói dentro do contexto social em que vive. Enquanto escola e sociedade não compreender a criança como um ser social e histórico, que vive em sociedade e produz história, os direitos e as prioridades da infância não serão garantidos, como afirma Kramer (2007):

Crianças são sujeitos sociais e históricos, marcadas, portanto, pelas contradições das sociedades em que estão inseridas. A criança não se resume a ser alguém que não é, mas que se tornará (adulto, no dia em que deixar de ser criança). Reconhecemos o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura.

A infância é uma categoria social. A criança produz história, vive a história e estabelece relações com a sociedade e com o mundo adulto. Kramer (2007) cita entre as diversas especificidades da infância, a brincadeira, a qual, considera que além de uma experiência de cultura é um direito garantido por lei.

Brincar é socialização, é o momento da ação, da interação com o outro e com o meio, é a construção da cultura e, sobretudo, um direito da criança. Quando a criança brinca, ela interage com outras crianças, de diferentes culturas que a partir de então vão estabelecendo novas culturas e conhecimentos.

Nas entrevistas realizadas observou-se que as brincadeiras ainda não ocupam um espaço de destaque nas turmas do primeiro ano. A escola precisaria refletir sobre o desenvolvimento da infância, conforme caracteriza Borba (2007), quando se refere à

brincadeira como construção de culturas e experiências:

A brincadeira é um lugar de construção de culturas fundado nas interações sociais entre as crianças. É também suporte de sociabilidade. O desejo de brincar com o outro, de estar e fazer coisas com o outro, é a principal razão que leva as crianças a se engajarem em grupos de pares. Para brincar juntas, necessitam construir e manter um espaço interativo de ações coordenadas, o que envolve a partilha de objetos, espaços, valores, conhecimentos e significados e a negociação de conflitos e disputas (BORBA, 2007, p.41).

Na brincadeira acontece interações sociais e durante as entrevistas observa-se que a maioria das crianças entrevistadas reconhece que a brincadeira ocorre com mais frequência nas aulas de Educação Física e no recreio; momentos estes que as crianças não estão em sala de aula. Sala de aula do primeiro ano não é lugar de brincadeira, é lugar de estudar, fazer atividades, aprender, caracterizando dessa forma, uma dicotomia entre brincar e aprender.

No olhar das crianças do primeiro ano, as aulas de Educação Física são momentos de brincadeira, pois sai do espaço da sala de aula e possui toda uma característica com base nas brincadeiras e o uso de materiais que instigam a criança a brincar: bolas, cordas, varetas, bambolês e outros.

O gramado e o parquinho também aparecem vinculados, na fala das crianças, às aulas de Educação Física, por acontecerem na maior parte do tempo nestes espaços. Cristian, por exemplo, diz brincar mais na quinta e sexta feira, pois tem Educação Física. Percebe-se que segundo este dado, existem na escola também dias que se brincam mais do que os outros, isso de acordo com as oportunidades, neste caso, as aulas de Educação Física.

O recreio também é outro momento reconhecido como brincadeira. O fato de ser um momento livre, que criança junto com seus colegas podem fazer (brincar) o que querem, nem sempre nos lugares preferidos, como já abordado. Conforme citam Gonçalves, Laranjeiro, Malta e Pereira (2000) “[...] o recreio, independentemente das suas características, visto que esse é um espaço diferente onde brincam, conversam e fazem coisas diferentes das da sala”. É no recreio que as crianças brincam livremente em momentos de interação com outras crianças. Nesses momentos que a brincadeira se caracteriza pela experiência de cultura (CORSINO, 2009 e BORBA, 2007).

As brincadeiras do recreio por serem livres acabam proporcionando diferentes maneiras de brincar e em espaços específicos:

“Os espaços do recreio condicionam as práticas dos alunos. As crianças procuram os espaços que mais se adequam às práticas que pretendem

realizar, como por exemplo, para o jogo de luta, escolhem pisos macios que atenuam o impacto da queda”. (LARANJEIRO, MALTA e PEREIRA, 2000, p.293)

Os autores colocam o recreio como um espaço de brincadeira, e o momento em que as crianças lideram e escolhem o tipo de brincadeira que querem brincar e para isso tem o cuidado de escolher o espaço adequado para cada brincadeira. Pereira (2000) diz que “nos recreios a criança adquire diversas competências fundamentais para o seu desenvolvimento, das quais destacamos a capacidade de gestão do tempo e a capacidade de tomar decisões”.

A autora ainda, completa que o recreio é o local preferido das crianças na escola, talvez porque elas não tenham oportunidade de brincar em outros momentos ou talvez pela liberdade de escolha das brincadeiras. O recreio é um momento muito esperado pela criança, diferente do que a escola propõe para este momento como hora de lanche e ir ao banheiro. Recreio é muito mais do que isso, é para brincar, dizem as crianças. Muitas vezes a brincadeira torna-se tão intensa no recreio que o lanche e o banheiro acabam no esquecimento.

Algumas pesquisas vem contribuir para compreender de que forma a brincadeira acontece no recreio: Mendes (2004); Morais (2004) e Ileana (2005) apontam que o significado que os brinquedos e as brincadeiras assumem para as crianças durante o recreio é tão importante quanto o próprio brinquedo/brincadeira em si. A investigação centra-se na criança. Estes autores compreendem a infância como uma construção histórica e social. Procuram investigar as relações que a criança estabelece com o brincar, especialmente no recreio.

Os autores acima citados perceberam que as crianças durante as atividades livres no pátio do recreio, envolvem-se mais em brincadeiras simbólicas. A principal causa de conflito durante as brincadeiras é a disputa por brinquedos. No espaço do recreio acontecem brincadeiras informais na qual as crianças aprendem a ser “meninos e meninas”. Segundo os autores citados, são as brincadeiras muitas vezes que ocupam espaços de imposição, negociação ou recriação dos gêneros sexuais.

Souza (2009) baseado na linha sócio-histórica caracteriza a criança como produtora de cultura, realizou seus estudos com o objetivo de investigar as culturas infantis do recreio. Nesta pesquisa foram questionadas e observadas crianças entre nove e onze anos que revelam que é no recreio o momento para brincar, jogar, conversar, divertir, sentir prazer e satisfação; portanto fica evidente nesta pesquisa que o recreio é um momento mágico da criança, e deve ser independente do horário reservado para o lanche.

As crianças entrevistadas declararam que brincam no recreio e na aula de Educação Física. Percebe-se segundo Pereira (2000) que o recreio pode ser um dos tempos preferidos da escola, aonde as crianças brincam e realizam brincadeiras; sabem do tempo restrito do recreio e se preocupam com brincadeiras que encaixam no tempo destinado. O recreio é o momento só delas, onde as crianças podem agir da sua maneira, criar e recriar as brincadeiras que a sua imaginação permitir.

Embora as entrevistas apontem o recreio como um lugar para brincar, o MEC (BRASIL, 2007) traz como preocupação a questão das brincadeiras se restringirem apenas na “hora do recreio”, se restringindo também a limitação de espaços e horários. É importante a escola refletir sobre essas questões: Quais são os momentos que a criança brinca na escola? Se a brincadeira proporciona aprendizagens e, portanto desenvolvimento questiona-se quais as atividades pedagógicas estão sendo realizadas?

As crianças Isabela, Fábio, Fabiana e Sérgio salientaram: os momentos que as crianças brincam são aqueles “enquanto a professora não vem”, ou seja, quando a professora deixa. A vontade de brincar existe, pois é característico da infância, mas somente é permitida quando a professora quer. Mas qual será o momento que a professora deixar brincar? Então a brincadeira é interesse da criança mas passa a ser de domínio da professora e com qual objetivo?

Silvano respondeu que brinca “*quando não tem muita tarefa*” (fragmento da entrevista dia 19/11), então nesta escola, a brincadeira acontece em quatro momentos específicos: no recreio, na Educação Física, quando não tem muita tarefa e somente quando a professora deixa. Os momentos de brincar acontecem apenas no recreio e na Educação Física. A respeito disso Corsino (2009) conclui:

Assim, o tempo para as brincadeiras e para as atividades de maior movimentação, que acontecem geralmente nos espaços externos ou ao ar livre, vai reduzindo-se ao recreio e as aulas de Educação Física. (CORSINO, 2009, p.57)

A brincadeira ainda não é vista como elemento indispensável para o desenvolvimento das crianças do primeiro ano. Para as crianças inseridas no Ensino Fundamental a brincadeira se resume, segundo Corsino (2009) fora do espaço da sala de aula, onde não existem tempos para cumprir os conteúdos e os currículos escolares.

As crianças gostam do recreio porque são momentos só delas, momentos curtos de quinze minutos onde dividem seu tempo para lanche e brincar. Pode-se observar durante o

recreio da escola que elas correm entre os espaços, brincam de esconder, subir nas árvores (quando ninguém está supervisionando) e uma infinidade de outras brincadeiras.

Desta maneira, compreende-se que a escola se limita a pensar esses momentos de brincadeira. Eles acontecem de forma espontânea, em momentos criados pelas próprias crianças. Na sala de aula, em espaços acompanhados com a professora esses momentos ainda não estão sendo garantidos.

Caberia a escola organizar um tempo para o lanche e outro para brincar, visto que as pesquisas apontam quanto o recreio é importante para as crianças. Brincar só no recreio é somente uma das garantias de vivenciar a infância. É o momento de ser criança. Momento ainda cronometrado pelos adultos.

Nas orientações do MEC (2007) para a inclusão das crianças de seis anos de idade no Ensino Fundamental de 09 anos, algumas considerações sobre a brincadeira e sua importância foram colocadas em destaque, pois o documento deixa claro que a brincadeira é uma ação presente na infância e que deve estar presente no cotidiano das crianças de seis anos para que atenda a suas características, potencialidades e necessidades específicas.

Além da escola oferecer tempos reduzidos e momentos específicos para brincar, quando fala-se em espaços dedicados a brincadeira pensa-se que existem espaços permitidos e outros proibidos para brincar, conforme capítulo a seguir.

5 O PERMITIDO E O PROIBIDO

“No gramado, no parquinho, lá atrás da escola, na frente da cantina e na rampa”...

A escola pesquisada é rica em espaços diversificados como gramados, quadras, e um imenso pomar. Embora haja, estes espaços, durante o decorrer das entrevistas percebe-se que há lugares na escola que são somente para olhar e outros permitidos para brincar.

As crianças não podem brincar nesses espaços. Com base nisso, acredita-se que a escola ainda não possui conhecimentos necessários para que a infância esteja garantida na escola, conforme nos esclarece Sarmiento (2005) “Há uma negatividade constituinte da infância, que, em larga medida, sumariza esse processo de distinção, separação e exclusão do mundo social”. Tão pouco se tem falado na infância e tão pouco ela vem sendo considerada nos espaços escolares.

Quando percebe-se que uma escola possui espaços amplos para brincar e acaba negando isso para as crianças, de certa forma, exclui-se da responsabilidade de respeitar a infância e novamente podemos nos reportar a negatividade que representa a própria etimologia da palavra infância, a idade do não-falante (SARMENTO, 2005). Ouvir o que as crianças têm a dizer sobre os espaços da escola ainda não faz parte do cotidiano escolar. Elas ainda são um não falante. O que pensam sobre os espaços da escola ainda permanece na invisibilidade. De nada vale os imensos espaços oferecidos pela escola, se estes não podem ser explorados pelas crianças.

Discutir o que as crianças pensam sobre a escola é respeitar a sua opinião e de certa forma contribuir para que elas possam viver uma cultura de infância. A maioria das crianças declararam que brincam no gramado, no parquinho, em frente da cantina (onde fica a calçada interna da escola), na rampa (que fica na parte superior da escola, interligando as salas dos anos finais com os anos iniciais), enfim exploram alguns espaços da escola. Como por exemplo: Silvano que brinca de carrinho dentro da sala, mas isso só as vezes e Isabela disse brincar de dominó e ressaltou que na sala há disponível carrinhos para os meninos, mas só brincam quando é permitido.

A brincadeira desta forma assume um caráter de permissão, como se fosse algo proibido. Não visto como essencial no cotidiano das crianças do primeiro ano.

Considerando o “só às vezes” e “quando a professora deixa” pode-se entender que a sala de aula ainda não é vista como um espaço para brincar, as crianças do primeiro ano estão

na sala para “aprender e estudar”. O documento produzido pelo MEC (BRASIL, 2007) ressalta a ideia da relação que brincar e brincadeira tem com a prática escolar nas turmas do primeiro ano do Ensino Fundamental:

[...] a significativa produção teórica já acumulada afirmando a importância da brincadeira na constituição dos processos de desenvolvimento e de aprendizagem não foi capaz de modificar as ideias e práticas que reduz o brincar a uma atividade a parte, paralela, de menor importância no contexto da formação escolar da criança. Por outro lado, podemos identificar hoje um discurso generalizado em torno da “importância do brincar”, presente não apenas na mídia e na publicidade produzidas para a infância, como também nos programas, propostas e práticas educativas institucionais. Nesse contexto, é importante indagarmos: nossas práticas têm conseguido incorporar o brincar como dimensão cultural do processo de constituição do conhecimento e da formação humana? [...] mas para isso é preciso que as rotinas, as grades de horários, a organização dos conteúdos e das atividades abram espaço para que possamos junto com as crianças, brincar e produzir cultura. Muitas vezes nos sentimos aprisionados pelos horários e conteúdos rigidamente estabelecidos e não encontramos espaço para [...] a brincadeira. (BORBA, 2007, p. 34 – 35)

A preocupação com este novo currículo para o primeiro ano acaba refletindo diretamente a prática em sala de aula, a aprendizagem toma prioridade e o brincar acaba caindo no esquecimento. Novamente a escola esquece que crianças de primeiro ano são crianças de seis anos e estão vivenciando a sua infância.

Atualmente a sociologia da infância (SARMENTO 2008) vem sendo estudada com mais ênfase, isso porque hoje as crianças se tornaram um objeto de estudo, cuidado e atenção para a sociedade. São esses estudos que contribuem para a construção de elementos reflexivos sobre a realidade social da criança e desta maneira, o autor coloca a importância de estudar a infância nos dias atuais:

[...] necessita ser estudada de modo a articular os elementos de homogeneidade (características comuns a todas as crianças...) com os elementos de heterogeneidade, inerentes ao fato das crianças serem desigualmente distribuídas pelas diferentes categorias sociais (classe social, gênero, etnia, subgrupos etários) SARMENTO (2008, p.20)

Sarmento e Pinto (1997) revelam que existem dois lados quando falamos de infância e crianças: de um lado todo um discurso político e social sobre os direitos da infância e de outro, práticas sociais com crianças que nem ao menos garantem esses direitos. Há uma grande distância entre os direitos e a sua prática. Os direitos estão postos na legislação e de

acesso para todos, somente a compreensão destes direitos é que pode diferenciar a prática e o seu cumprimento.

Compreende-se a escola como instituição que recebe crianças do primeiro ano, portanto, deveria ter conhecimentos sobre infância e a importância de garantir tempos e espaços para brincar. Visto que os documentos que orientam a implantação do Ensino Fundamental e demais teóricos da infância defendem esses momentos, essas peculiaridades. Mas a escola, ao contrário, vem abolindo esses conhecimentos, impondo regras, proibindo espaços, escolarizando. Os espaços para brincar são restritos, são nomeados, são proibidos.

Sarmento (2004) completa que os diferentes espaços estruturais diferenciam profundamente as crianças. Para isso as crianças declararam que brincam na maioria das vezes no recreio, pois neste momento estão livres para escolher o local para brincar, desde que sejam aqueles permitidos pela escola. De acordo com Müller e Redin:

A escola pode e deve ser considerada um espaço privilegiado para a aprendizagem de uma prática social, um espaço de cultura, de criação como resposta aos desafios da vida, um espaço fértil de produção do novo e do inusitado. A escola para a infância precisará constituir-se nesse tempo e espaço transformado em lugar, ou seja, um lócus de sentido, de construção de identidades. (2007, p.17)

Ainda completam as autoras acima, que o papel da escola seria de dar voz e vez as crianças para que assim possam “fazer cultura”. Se a escola ouvisse as crianças, de certa forma não haveria espaços proibidos para brincar.

Valéria ao se referir de uma brincadeira que gostaria muito de brincar, mas que não é permitido na escola diz [...] *lá atrás da escola, só que eu não brinco lá porque não pode. Porque lá só tem as frutas, as plantas* (fragmento da entrevista dia 15/12). Esta escola possui um espaço privilegiado nos fundos da escola⁴ com árvores frutíferas, sombreiros e outras que chamam a atenção pela beleza e o cuidado com essas árvores. Depois desta resposta, surgiu a curiosidade de saber do que Valéria gostaria de brincar atrás da escola: “*de esconde-esconde, de pega-pega, de contar... assim árvore*” (fragmento da entrevista dia 15/12). Este espaço diferenciado que a escola possui poderia também ser um espaço de brincar. Para a criança, qualquer lugar é lugar para brincar, pois esta, de acordo com Borba (2007, 2009) e Corsino (2009) fazem parte das especificidades da infância.

4 Espaço amplo e com imensa variedade de árvores, sombreiros e plantas das mais diversas possíveis. Localiza-se na parte externa do prédio da escola, desta forma, pouco visto e visitado pelos alunos.

Embora seja necessário considerar que alguns lugares não são adequados para a criança brincar sozinha, o local apontado nesta pesquisa (atrás da escola) é um espaço totalmente seguro. A preocupação da escola está na preservação das árvores e demais plantas que embelezam este espaço. Mas acredita-se que seria mais coerente explicar para as crianças o cuidado necessário com a preservação destas plantas do que simplesmente proibir.

Quando esclarecido para a criança que neste espaço é preciso cuidar, não desmatar, não agredir as plantas, de certa forma ela compreenderá e até poderá auxiliar na preservação. Frequentará este espaço com um olhar de preservação e ao mesmo tempo com a satisfação de brincar e criar diversas brincadeiras. Atrás da escola é um lugar para brincar, disseram as crianças.

Garantir espaços para brincar deveria ser a preocupação da escola, que de acordo com o MEC (BRASIL, 2007, p. 32) “é possível organizar o nosso trabalho e a escola de outra forma, de modo que esse espaço seja garantido?”. Acredita-se que enquanto escola vale a pena refletir sobre essas questões, para que a escola possa organizar espaços e compreender a importância do brincar e das brincadeiras para as crianças de seis anos, pois estas também são sujeitos culturais e históricos.

Algumas crianças responderam questões que nos fazem pensar em alguns espaços da escola que não são permitidos para elas, Fábio respondeu que brinca: *“aqui embaixo quando o parque não pode ir”* (fragmento da entrevista dia 09/12), e questionado por que não pode ir ao parque, pode-se perceber que durante o recreio o parque fica “trancado” e uma servente escolar é responsável para que nenhuma criança chegue perto do parque, evitando assim algum acidente enquanto os professores estão no recreio.

Necessita-se refletir se a “servente” é a pessoa mais indicada para assumir esta função. Não basta apenas cuidar é necessário criar intervenções para que a criança utilize o parquinho durante o recreio sem nenhum risco, para tanto, os professores seriam as pessoas mais indicadas para executar essa função. Não para proibir a utilização de certos brinquedos no parque, mas para observar se estes estão sendo usados de forma adequada para não correr o risco de acidentes.

O parque só pode ser usado pelas crianças quando acompanhado da professora da sala ou do professor de Educação Física. Na escola não é permitido que a criança faça uso do parquinho sozinha ou apenas com seus colegas; é necessário que o tempo todo alguém esteja supervisionando esses momentos. Isso ocorre pelo fato de evitar acidentes, pois há brinquedos no parque que podem causar acidentes como o escorregador e os balanços.

Fábio diz que brinca embaixo, no primeiro piso⁵, e em outros espaços da escola (gramados permitidos, campo de areia, quadra, galpão) quando o portão do parque fica fechado. Lugares estes que não são vigiados pelos serventes escolares e que de certa forma permitem a criança brincar livremente.

Independente do parque estar trancado no momento que Fábio quer brincar, ele escolhe outros espaços para realizar as suas brincadeiras. A brincadeira ocorre da mesma forma, embora não no espaço desejado por Fábio.

Letícia respondeu que gostaria muito de “*brincar naquela grama lá embaixo*” (*fragmento da entrevista dia 09/12*). Na ocasião que as entrevistas estavam sendo realizadas a escola estava colocando gramado na frente da secretaria e recepção da escola (um espaço amplo) e para que ninguém pisasse em cima da grama nova, o espaço ficou todo cercado por uma faixa de isolamento. Entende-se que Letícia estava com muita vontade de brincar naquela grama nova, mas que na ocasião não era permitido. Portanto, na escola há lugares mapeados pelos adultos, nos quais, as crianças não podem brincar e as decisões sobre estas proibições não são esclarecidas para as crianças.

Mas não é somente na grama nova que as crianças não podem brincar, Fabiana acrescentou “*Subir na árvore*” (*fragmento da entrevista dia 09/12*), que é visto como algo perigoso e de grandes riscos na escola. Na escola pesquisada há muitas árvores espalhadas por todo o pátio, e estas despertam o interesse das crianças, pois são árvores grandes, robustas e com possibilidades para subir e descer com muita facilidade.

Pode-se perceber durante o recreio (no qual participo) que assim que uma criança se aproxima de uma árvore tem uma servente escolar que diz para a criança descer porque é proibido, mas mesmo assim, as crianças insistem em subir, pois é algo que gera prazer,: “tudo que é proibido fica sempre mais gostoso”.

Refletimos então: Se temos uma escola repleta de árvores por que elas não podem ser usadas para brincar? Para deixar de lado o perigo de subir nas árvores, talvez seja necessário pensar num recreio monitorado ou momentos em que professores proponham brincadeiras nas árvores. Somente proibir e não chegar a uma solução não é um procedimento adequado para um espaço que promove educação: “escola”. Talvez esteja na hora da escola assumir algumas responsabilidades. Se fica evidente que as crianças gostam de subir em árvores, não seria necessário proibir, mas sim buscar novas estratégias para garantir essas brincadeiras, vistas pela escola como “perigosas”.

5 Área mais ampla da escola, espécie de galpão onde é servido o lanche e realizado atividades culturais pois possui a capacidade de reunir todos os alunos da escola.

Brincar é algo tão importante na fase do desenvolvimento infantil, que está priorizado no Artigo 31 da Convenção dos Direitos da Criança da ONU (1989): “Toda criança tem o direito ao descanso e ao lazer, e a participar de atividades de jogo e recreação, apropriadas à sua idade, e a participar livremente da vida cultural e das artes”.

Pode-se atribuir uma definição diferente ao ato de brincar, mas, de maneira generalizada, todos o concebem como uma atividade ou um tempo específico de recreação e de lazer.

Para Friedmann (1992, p. 24) quando se pensa na evolução do brincar, deve-se voltar até a antiguidade, época na qual o brincar era uma atividade característica, tanto das crianças quanto dos adultos, representando para ambos um importante segmento de vida. Embora nos dias atuais o brincar vem perdendo a sua importância. Com o avanço da tecnologia, as brincadeiras vêm sendo substituídas pelos jogos de computador, os vídeo-games e outros. A brincadeira vem se tornando uma atividade virtual, não mais uma interação de um grupo e sim uma relação entre a criança e a tecnologia (computador).

De certa forma, a idade para brincar também vem sofrendo modificações, pois cada vez mais cedo a criança deixa de brincar. Se a escola, que é um espaço que a criança passa uma grande parte do dia não prioriza alguns momentos de brincar, ela não brinca. Estamos falando apenas de uma idade específica: seis e sete anos, crianças do primeiro ano, que vêm a escola primeiramente para aprender, estudar e se der algum tempo, ou quando a professora deixa, aí pode brincar.

Segundo Winnicott (1975) é no brincar que a criança desenvolve sua criatividade e utiliza sua personalidade de forma integral. Para a autora o brincar é uma forma de comunicação da criança com o mundo ao seu redor. Demonstra seu jeito de ser por meio das brincadeiras criativas.

De acordo com o autor acima, o brincar caracteriza-se por uma atividade lúdica, desde a essência do seu significado, percorrendo um caminho de descobertas de conceitos, estímulos, valores, significados e relações que estabelece com os outros. É no brincar que a criança interage, de certa, forma com o mundo adulto.

Vale ressaltar que na pesquisa de Silva (2008) o brincar é focalizado nas escolas de Educação Infantil, a partir de estudos de Wygotsky baseados numa abordagem histórico-cultural. Foram entrevistadas, observadas e filmadas crianças de quatro e sete anos com o objetivo de contextualizar as práticas escolares sobre o brincar, para isso foram ouvidas as crianças que estão iniciando a Educação Infantil e as que já passaram por esta fase. Com base na fala das crianças a pesquisa considerou que elas compreendem que a sala de aula não é um

espaço propício para o brincar/ou que neste espaço a atividade não é apropriada, e que da mesma maneira criam e reinventam outros espaços para continuarem brincando. Pode-se perceber nesta pesquisa que mesmo não dispondo de locais específicos para brincar, a criança busca outras alternativas para que a brincadeira aconteça.

As crianças do primeiro ano também não brincam na sala de aula, mas, buscam outros espaços para constituir suas brincadeiras. Somente espaços permitidos pela escola e tempos liberados pela professora.

Também foram questionados durante a entrevista, além dos espaços e momentos para brincar, algumas brincadeiras que gostariam muito de brincar mas que não daria para brincar disso na escola. Sérgio respondeu que gostaria muito de brincar com aqueles balanços de corda, ficar em pé na corda e se balançar (*fragmento da entrevista dia 15/12*), Pedro disse que gostaria muito de brincar de pular pneu, acrescentou que pularia bem alto (*fragmento da entrevista dia 09/12*), Fábio adoraria brincar de pular na cama elástica (*fragmento da entrevista dia 09/12*), João queria muito brincar na piscina (*fragmento da entrevista dia 19/11*), Renan também respondeu: ***“Isso tá difícil, mais assim o que eu sempre queria brincar era, bom, era construir alguma coisa, construir um carrinho, alguma coisa assim de madeira. Só que não dá, não pode”*** (*fragmento da entrevista dia 09/12*) e Isabela respondeu: ***“De dominó, é que as vezes a pro não deixa né, que a gente tem tarefa pra fazer”*** (*fragmento da entrevista dia 19/11*).

Todas estas brincadeiras não fazem parte do dia a dia das crianças, mas poderiam fazer se elas fossem ouvidas. Planejar momentos na escola, na sala de aula onde as crianças possam realizar atividades de sua preferência, e não apenas aquelas instituídas pela professora. São brincadeiras simples, que não necessitam de muitos materiais para serem realizadas. É necessário apenas ouvir as crianças.

Quando Renan foi questionado por que não pode e não daria de construir um carrinho de madeira na escola, responde: ***“Porque, ah na escola é lugar só para brincar e estudar”*** (*fragmento da entrevista dia 09/12*). Ou seja, a escola é lugar de brincar também, mas não dessas brincadeiras, apenas aquelas que não exigem muito trabalho e que já estão constituídas no cotidiano escolar: pega-pega, esconde-esconde, bola e outras.

Ao continuar a entrevista com Isabela, perguntei se quando tem tarefa a professora não deixa brincar e ela respondeu: ***“(susurrou que não) Daí nos fazemos a tarefa”*** (*fragmento da entrevista dia 19/11*). Sala de aula do primeiro ano é lugar de aprender, fazer tarefa. Somente depois das atividades e quando a professora deixa, a criança brinca.

Após a primeira coleta de dados onde algumas crianças mencionaram não poder brincar atrás da escola, observou-se que ocorreram algumas mudanças neste espaço.

A escola desenvolve um projeto de incentivo à leitura e construiu uma cabana⁶ neste espaço que é utilizada para a contação de histórias, mas somente é permitido o acesso as crianças nos momentos de leitura acompanhados pela professora responsável da biblioteca. Fica proibido para qualquer criança utilizar este espaço para outras atividades a não ser a de leitura, que acontece esporadicamente.

Torna-se evidente a preocupação da escola com este espaço: é necessário proibi-lo para que continue preservado. Como se as crianças fossem destruir este espaço e quebrar os galhos das árvores. Somente querem brincar, por ser um espaço amplo, bonito e de fácil acesso.

Com isso na segunda etapa das entrevistas a maioria das crianças continua afirmando que “atrás da escola” é um lugar proibido para brincar. Um espaço verde, com muitas árvores de diferentes tamanhos e estruturas acabam chamando a atenção das crianças e o desejo de brincar neste espaço, mas não é permitido. Embora em nenhum momento as crianças são orientadas sobre o motivo da proibição neste espaço, apenas ouvem dizer que é proibido. Algumas crianças até arriscam dar uma volta atrás da escola, mas quando vistas, têm sempre um adulto para dizer: “Aí não pode ir”.

Crianças tem capacidade de compreender. A partir do momento que as crianças sabem dos motivos desta proibição começam a compartilhar a ideia de não brincar neste espaço; enquanto integrantes da escola tem o direito de saber do porque não frequentar o espaço de traz da escola. Apenas proibir não é a solução.

Surgiram muitas opções de brincadeiras, se o espaço fosse permitido para brincar: esconde-esconde (porque lá traz tem mais lugares para se esconder), subir na árvore, de boneca, pega-pega, de casinha, enfim uma infinidade de brincadeiras que despertam o interesse das crianças.

Sérgio também gostaria de brincar atrás da escola, [...] *de um tipo de aventureiro [...] um lugar misterioso, onde tem muitas coisas misteriosas [...]* (fragmento da entrevista dia 05/05). É importante ressaltar o quanto esse espaço mexe com a imaginação de Sérgio e de outras crianças que também sentem o desejo de brincar atrás da escola. O brincar como possibilidade de conhecer e explorar novos espaços da escola. “Brincar de aventureiro”, um desejo de aventurar-se num novo ambiente, num espaço que promove outras formas de

6 Espécie de casa construída com bambus, lona e revestida de folhas secas para caracterizar uma casa de bruxa no bosque.

brincar e imaginar as brincadeiras. Neste momento percebe-se a ruptura que a escola causa na imaginação e na fantasia destas crianças que sonham em brincar atrás da escola; e a não compreensão de não brincar neste espaço tão desejado. Novamente a escola não prioriza o brincar e a preocupação do MEC de que as brincadeiras se restringem somente na hora do recreio torna-se visível nestas falas.

Renan respondeu sorridente do que gostaria de brincar atrás da escola: [...] *se esconder atrás das árvores, de pega-pega, porque o jardim é fresco daí eu posso brincar, eu também tenho um jardim bem grande para brincar lá em casa [...]* (fragmento da entrevista dia 28/04). Neste momento Renan comparou o bosque de trás da escola com o imenso jardim de casa. Fica evidente que Renan comparou o espaço agradável do seu jardim de casa com o espaço atrás da escola, e como isso torna a escola mais aconchegante, pois há espaços nela que para algumas crianças lembram a sua casa. Renan ainda enfatiza que não pode brincar atrás da escola porque são ordens da escola, então a escola estabelece essas ordens e proibições mas não explica para as crianças o porque de não brincar neste espaço.

Espaços proibidos sempre existirão na escola, mas é preciso avaliar se realmente há necessidade de proibi-los e explicar para cada criança o porque desta proibição e começar a caracterizar a criança como personagem da infância como mostram Müller e Redin:

Concepções sobre a infância como um período de insignificância, como um tempo de aprender para ser logo adulto civilizado e da criança como um ser que não precisava ser ouvido fazem parte do nosso imaginário social. Na mentalidade da maioria dos adultos a criança é um ser que pouco ou nada tem a dizer. Para ser acreditada precisa, inclusive, passar antes pela escola. (MÜLLER e REDIN, 2007, p.15)

Esta na hora da escola começar a ouvir as suas crianças, olhar para elas e perceber que fazem parte da escola. Se tantas pesquisas e documentos oficiais estão preocupados com a infância, se neste momento se tem falado muito sobre as crianças é porque esta na hora de pensar numa nova escola para elas. Uma escola que acredita na infância e prioriza espaços e tempos para brincar.

Precisa-se pensar que atrás da escola também pode ser um lugar para brincar. Um espaço desejado e esperado pelas crianças do primeiro ano, e por crianças de outras idades também.

Se no primeiro ano os dados revelam esta distância entre o brincar, a infância e a criança, os tempos regrados, cronometrados e os espaços delimitados, permitidos e proibidos,

como fica o segundo ano. Existe tempo e espaço para a brincadeira... No segundo ano também se brinca? O capítulo a seguir esclarecerá esta questão.

6 BRINCAR NO PRIMEIRO OU NO SEGUNDO ANO?

“...no segundo ano a gente brinca mais ou menos; tem mais coisa para estudar; sim, porque a professora deixa a gente ir no parquinho...”

Brincar na escola é uma atividade que promove o desenvolvimento infantil e com a implantação do Ensino Fundamental de nove anos o MEC (BRASIL, 2007) a preocupação de manter o espaço e tempo para brincadeira cresce, embora a ideia de brincar ainda esteja prioritariamente relacionada às práticas da Educação Infantil.

O MEC (BRASIL, 2009) orienta em seus documentos a necessidade de criar espaços e materiais necessários e adequados para o desenvolvimento da criança (Parecer CNE/CEB nº 7/2007), no que diz respeito, a reorganização pedagógica, a importância de reorganizar tempos e espaços escolares no Ensino Fundamental de nove anos. Como aponta o documento, esse primeiro ano agora faz parte do “ciclo da infância” (turma do 1º, 2º e 3º ano), embora não traga especificamente nenhum parecer sobre as turmas do segundo ano, fica evidente que se trata de um ano característico do ciclo da infância, portanto, compreende-se que a brincadeira também deveria se inserir neste contexto.

De acordo com MEC, o brincar e a brincadeira deveria ser compreendida nos mais diferentes aspectos da infância, pois são estes que caracterizam e nos possibilitam entender esta fase:

O brincar como um modo de ser e estar no mundo; o brincar como uma das prioridades de estudo nos espaços de debates pedagógicos, nos programas de formação continuada, nos tempos de planejamento, o brincar como uma expressão legítima e única da criança; [...] a brincadeira nos tempos e espaços da escola e das salas de aula; a brincadeira como possibilidade para conhecer mais as crianças e as infâncias que constituem os anos/séries iniciais do ensino fundamental de nove anos (BRASIL, 2007, p. 10)

O documento citado deixa evidente a importância de incluir a brincadeira no planejamento escolar e no espaço da escola e também da sala de aula, não como uma atividade dirigida e com conteúdo específico, mas como uma atividade com intencionalidade pedagógica de brincar.

Fica claro que a escola compreende a brincadeira apenas como um bônus pós atividade, relatado pelas crianças e mencionado nos capítulos anteriores. A brincadeira não assume um papel relevante na prática pedagógica da escola. Ora se brinca, ora se estuda.

Não há porque separar a brincadeira do pedagógico. As teorias revelam que o brincar e

a brincadeira são construção de cultura, de conhecimentos. Na escola a brincadeira deveria ser vista como uma atividade com intencionalidade; uma atividade que gera aprendizagem. Restringir a brincadeira a momentos que são apenas permitidos quando a professora quer ou quando se terminou a atividade, de certa forma, é limitar as oportunidades de aprendizagem da criança.

Organizar espaços diferenciados que garantam a brincadeira deveria estar presente especificamente nas turmas dos anos iniciais, conforme aponta o MEC, de forma geral.

A sala de aula do segundo ano, da escola pesquisada organiza o espaço em “cantinhos”, pois além da sala onde ficam as crianças, a maior parte do tempo, tem mais um espaço, uma “ante sala⁷”, que a professora transformou num espaço alternativo. Segundo Barbosa e Horn (2007, p.52) “Com organização dos espaços internos, as salas, é fundamental partirmos do entendimento de que este espaço não pode ser visto como um pano de fundo e sim como parte integrante da ação pedagógica”. Um espaço de aprendizagem. Os cantinhos na sala de aula do segundo ano são espaços de aprendizagem. Momentos de construção de significados a partir da ludicidade.

De acordo com Gandini:

[...] descobrimos muitos modos de tornar o espaço mais do que apenas um local útil e seguro onde podemos passar horas ativas [...] Esses espaços tendem a ser agradáveis e acolhedores, contando muito sobre os projetos e as atividades, sobre as rotinas diárias e sobre as pessoas grandes e pequenas que fazem da complexa interação que ocorre ali algo significativo e alegre. (1999, p.147)

Segundo a autora os espaços surgem para tornar o ambiente mais agradável e possibilitar diferentes construções de significados; ainda acrescenta Gandini (1999) “[...] os espaços favorecem a interação social, a exploração e a aprendizagem, mas também veem o espaço como tendo um “conteúdo” educacional [...]. São espaços carregados de informações e estímulos que permitem uma aprendizagem significativa. Pois são nestes espaços que as crianças vivenciam personagens através do cantinho da transformação (roupas e acessórios), jogos, brinquedos e o estímulo e gosto pela leitura com os livros e demais materiais literários oferecidos. Nestes espaços encontram-se inúmeras possibilidades de troca de experiência e culturas, conforme Baptista e Monteiro:

7 Sala de aula dividida em dois espaços. Um espaço menor organizado com cantos diversificados e outro maior onde permanecem as crianças e a professora.

[...] a brincadeira e o jogo de faz de conta são considerados como espaços de compreensão do mundo pelas crianças, na medida em que os significados que ali transitam são apropriados por elas de forma específica. Essas linguagens devem ser compreendidas, no cotidiano de uma proposta educativa voltada para a infância, como inerentes ao processo de trocas e de experiência de cultura. (2009, p. 65)

Os espaços organizados com diferentes possibilidades de atividades, segundo as crianças entrevistadas, são utilizados somente após terminarem suas tarefas. Observa-se que a professora tem a intenção de oferecer esses espaços para deixar as aulas mais prazerosas, mas percebe-se também nas falas das crianças, que no segundo ano elas brincam menos do que no primeiro ano, comprovando desta maneira que o cantinho da sala de aula não é visto como espaço de brincar para a maioria; embora perceba-se uma vontade de mudar, a professora reforça a dicotomia entre brincar e aprender, como se o aprender a ler e a escrever fosse mais importante do que brincar. Além disso surge outra discussão relatada pelas crianças: “só vai para o cantinho quem termina as atividades por primeiro”. O brincar fica como uma espécie de bônus para os melhores alunos.

Nas entrevistas isto fica um pouco mais claro, a sala de aula aparece como um lugar permitido para brincar (**ocasionalmente quando a professora deixa e quando terminam as atividades**), mas a maioria das crianças percebem que o espaço da brincadeira diminui no segundo ano: A gente tem que escrever (Christian), Agora tem mais coisa para estudar (Maira), Porque agora tem que estudar mais (Renan), Escrevo mais do que brinco (Pedro), Agora tem muita coisa para fazer (Valéria), Porque tem que tirar notas boas (Sérgio).

Estas falas vêm sendo construídas culturalmente na escola, que organiza uma concepção de que a função da escola é transmitir o conhecimento, esquecendo da importância e necessidade de garantir tempo e espaço para que a brincadeira aconteça, e não vê-la como um passatempo e ao mesmo tempo a relação que os pais estabelecem com seus filhos ao ingressarem na escola, pois escola é lugar para aprender, para estudar e ser “alguém na vida”; nitidamente notável nas falas acima.

Entende-se que além do professor permitir ou não que a sala de aula esteja organizada em espaços diversificados, a escola precisa compreender a importância de todos os espaços como fonte de aprendizagem isto passa a ser um pressuposto no Projeto Político Pedagógico para garantir que brincar seja fonte de aprender. Se a criança está no espaço brincando, ela também está aprendendo, trocando experiências, construindo culturas. O que é a construção de cultura a não ser aprendizagem.

Gandini (1999) diz que o espaço é “conteúdo” educacional pensa-se nos objetivos que

a professora articulou quando pensou na organização dos espaços na sala de aula do segundo ano, na riqueza de possibilidades de experiências e culturas. No cantinho dos jogos para possibilitar as crianças atividades lúdicas de leitura e escrita para complementar de forma lúdica o processo de alfabetização; o cantinho da leitura com diversos gêneros textuais para incentivar o gosto pelo ato de ler e desenvolver a leitura e o cantinho da fantasia para que as crianças possam criar, imaginar e brincar no mundo da fantasia e do faz de conta. O cantinho organizado na sala do segundo ano é um espaço rico e com intencionalidade, embora a professora tenha pensado no espaço, ainda faltou-lhe pensar no tempo destinado para as crianças utilizarem este espaço.

Se a sala de aula possui um espaço específico para brincar, este não pode ser apenas utilizado nos momentos em que algumas crianças terminam as atividades antes que as outras. A intenção deste cantinho deveria ser um momento para brincar, um momento em que a brincadeira estivesse presente na sala de aula do segundo ano. Ao contrário, os cantinhos acabam tornando-se um prêmio apenas para as crianças mais inteligentes e que terminam as atividades antes que as outras.

As entrevistas realizadas na primeira etapa da pesquisa possibilitaram compreender que o brincar está presente na sala do primeiro ano. Nove crianças responderam que brincam, embora somente depois de realizarem as atividades; a brincadeira como um momento após atividade; o mesmo acontece com as crianças do segundo ano que também brincam depois de terminarem as atividades, embora em “cantinhos” organizados dentro da sala de aula.

Percebe-se que a professora do primeiro ano não organizou a sala em espaços diversificados, ao contrário do segundo ano. Na sala do primeiro ano havia alguns brinquedos e jogos para esses momentos, embora o espaço não permitisse que essas brincadeiras fossem realizadas dentro da sala.

Observou-se que as crianças do primeiro ano exploravam outros espaços: brincavam na calçada do corredor em frente a sua sala. As brincadeiras que relatavam também estavam relacionadas a jogos com atividades de leitura, escrita, numerais e brinquedos que haviam na sala, que de acordo com Brougère (2008) “O brinquedo é acima de tudo, um dos meios para desencadear a brincadeira”; onde tem brinquedo, conseqüentemente ocorre a brincadeira.

Três crianças responderam que não brincam na sala de aula do primeiro ano: “*Não. Só estudo e escuto*” (fragmento da entrevista dia 15/12) “*Não. A gente, a pro escreve um negócio no quadro e a gente tem que copiar e fazer o desenho*” (fragmento da entrevista 09/12) e “*Não, só brinco quando eu termino [...] a tarefa*” (fragmento da entrevista 09/12).

Compreende-se que estas crianças reconhecem a escola e o espaço da sala de aula

apenas para aprendizagem, o brincar e a brincadeira fica restrita a momentos livres que uns terminam as atividades antes do que os outros. Neste sentido a brincadeira, os momentos de brincar se limitam apenas a algumas crianças, geralmente aquelas que terminam suas atividades por primeiro.

Pode-se refletir também que as crianças que levam um tempo maior para terminar as atividades geralmente não fazem parte das brincadeiras; pois quando esses terminam os outros voltam e iniciam uma nova atividade.

Nas entrevistas realizadas com as crianças que agora estão frequentando o segundo ano, verificou-se que oito crianças responderam que brincam menos no segundo ano, pois precisam estudar mais; brincam um pouquinho menos e só de vez em quando.

Percebe-se com estes dados que predomina a cultura escolar que quanto mais avança a turma, menos espaço e tempo é oferecido para o brincar e que isso é coisa lá da Educação Infantil. Esta situação de vez em quando acontece quando terminam as atividades e podem ir até os “cantinhos” realizar uma outra atividade, que para as crianças é tempo de brincar; tudo que não está relacionado diretamente a atividade de grande grupo, é considerado brincar: como por exemplo, brincar de ler no cantinho da leitura. Aqui a leitura passa a ser brincadeira, mas para os adultos é propriamente estudo, indicando um grande equívoco pedagógico.

A escola ainda precisa avançar quando se discute as linguagens e especificidades da infância. Se brincar de ler instiga o gosto pela leitura, nada mais evidente que a brincadeira é inerente a aprendizagem. Se autores definem a brincadeira como experiência de cultura, entende-se experiência como aprendizagem. É o convívio com outras crianças que vai construir uma cultura de infância, e esta construção é aprendizagem.

Silvano enfatiza: [...] *mais ou menos, é mais divertido no segundo ano.* (fragmento da entrevista dia 12/05) pois explica que no primeiro ano haviam mais coisas para se fazer e pouco tempo para ir ao parquinho, embora agora no segundo ano, quase não se vai no parquinho, mas brinca um pouco no cantinho, explica Silvano. E que no cantinho esta cheio de livros e também brinquedos.

Nas brincadeiras realizadas no cantinho da sala do segundo ano, surgem inúmeras possibilidades para a criança construir significados a partir de materiais concretos (jogos de alfabeto, montar palavras, quantidades e outros) que ao mesmo tempo em que são valorizados pela professora ao organizá-los são menosprezados como possibilidade de aprendizagem para todos, haja vista, o tempo reduzido.

As dimensões pedagógicas matérias, espaço e tempo dificilmente estão em consonância, elas se fazem presentes na sala de aula, pois a um espaço “cantinho”, repleto de

materiais que estimulam a brincadeira, embora o tempo não esta sendo utilizado de forma adequada. Somente para preencher as lacunas entre os que terminam as atividades antes do que os outros. Pode-se também pensar que são sempre os mesmos que fazem uso deste tempo reduzido, então o brincar neste cantinho de fato é considerado um bônus para os melhores alunos, os mais rápidos e eficientes.

Nas respostas pode-se observar a relevância que o “cantinho” tem para Silvano. Como na sala do primeiro ano não havia a organização deste espaço, este recebe todas as características e especificidades de um espaço de brincar, conforme complementa Letícia ao justificar que brinca mais no segundo ano [...] *a professora deixa a gente ir no cantinho brincar, daí eu brinco[...] (fragmento da entrevista dia 05/05)* e exemplificou todas as brincadeiras que realiza neste espaço: Brinca de escrever num quadrinho, veste roupa diferente e brinca de lojinha. Já Sérgio diz que brinca um pouco menos no segundo ano e justifica: *É porque desta vez tem que tirar notas boas senão pode repetir de ano [...]* Ao ser questionado sobre as possibilidades de brincar na sala do segundo ano ele relata: *as vezes, só quando pode ir no cantinho, só que quando é pra fazer as atividades ou fazer a tarefa pra fazer em casa ou texto, aí não pode ficar brincando. (fragmento da entrevista dia 05/05).* Mais uma vez percebe-se a dicotomia entre brincar e aprender. O aprender como coisa séria e o brincar como lúdico, só nos momentos e intervalos entre uma atividade e outra.

Quanto questionados na entrevista por que estudam fica evidente a relação que estabelecem entre a escola e a aprendizagem: Pai manda, para ser um jogador de futebol e dar entrevistas (Cristian); Aprender a ler e a escrever (Maira, Isabela, Pedro, Fabiana e Valéria); Aprender continhas, ler e escrever (Silvano); Porque minha mãe disse que para ser um menino trabalhador tem que estudar (Renan); Porque eu gosto (Fabio) e Aprender mais coisa, inglês (Sérgio). Desta forma as crianças do segundo ano vem para a escola aprender a ler e a escrever pois culturalmente a escola constrói a ideologia de que escola é lugar para aprender. O brincar não tem espaço nem tempo específico na escola como um todo, “se der a gente brinca”, e quando dá o segundo ano brinca.

Nota-se que a brincadeira esta presente na sala do segundo ano, em momentos mais restritos, voltados apenas para os momentos de “bônus”, quando terminam as atividades e se dirigem ao cantinho para que assim os demais também possam terminar suas atividades.

Nesse sentido o brincar acaba se tornando uma estratégia pensada para suprir o tempo livre das crianças que realizam as suas atividades mais rapidamente do que as demais. Se não houvesse a organização deste espaço específico “cantinho” dentro da sala do segundo ano, a brincadeira não seria vivenciada por estas crianças.

Segundo Brougère (2008) “A brincadeira pressupõe uma aprendizagem social. Aprende-se a brincar.” O autor mostra que a brincadeira se inicia com as pessoas que estão em contato com a criança, desde o seu nascimento. Acredita ser impossível uma criança de poucos dias brincar por iniciativa própria, são as brincadeiras da mãe com o bebê que vão dar origem ao aprender a brincar. Para compreender, Brougère ressalta:

A brincadeira não é inata. Mesmo que tenha elementos naturais, ela sempre é uma construção social. É algo que se aprende e se estrutura muito cedo, muitas vezes entre mãe e filho. É provável que a criança aprende a brincadeira na própria brincadeira. (2008, p.34)

O autor exemplifica que quando a criança brinca de esconde-esconde, logo compreende que o desaparecimento não é real, é de faz de conta; pois logo reaparece. A criança que não compreende esse “faz de conta” ainda não aprendeu a brincar. Para o autor a criança aprende a brincar com o adulto, na relação que estabelece, pois a brincadeira é um processo de cultura, de relação. “Toda brincadeira começa com uma referência a algo que existe de verdade”. (BROUGÉRE 2008). Desta forma, podemos considerar que a criança aprende a brincar vivenciando a brincadeira, socializando com outros que estão brincando e a partir de brincadeiras existentes cria e recria novas brincadeiras. Desta forma, brincar e aprender não podem ser indissociáveis.

O papel da escola neste sentido seria criar espaços, tempos e alternativas para que a brincadeira aconteça e seja considerada como espaço de apropriação e reelaboração de cultura, que a brincadeira esta presente na escola não com o compromisso de aprendizagem, embora muitas vezes a brincadeira esta inserida num contexto pedagógico com objetivo de aprendizagem, embora este não seja o foco desta pesquisa.

É importante ressaltar que no brincar a criança estabelece relações, experiências, constrói conceitos e vivencia diferentes culturas. Ressalta-se novamente: brincar e aprender estão interligados.

Quando a aprendizagem esta desassociada da brincadeira perde o sentido de experiência e reelaboração de cultura evidenciando a dicotomia entre aprender e brincar.

A maioria das crianças entrevistadas responderam que aprendem a brincar; pois nas suas considerações a gente aprende a brincar para brincar direito (Silvano), porque sempre descobrimos um novo jogo (Maira), depois que aprendemos a ler e a escrever também aprendemos a brincar (Pedro), a brincar de fantasia (Valéria), para não fazer coisa que não pode na brincadeira (Sérgio) e sim a gente aprende a fazer Educação Física (Cristian).

Evidencia-se então que a brincadeira é aprendizagem.

Percebe-se também a grande relação que o brincar tem com a Educação Física. Isso ocorre pois na maioria das vezes os únicos momentos de brincar acontecem nas aulas de Educação Física, pois relaciona-se as atividades de correr, pegar, jogar bola entre outras, e nesta perspectiva Brougère (2010) acrescenta que: “É o contexto social, diz ele, que determina quais serão as brincadeiras escolhidas e o modo como elas serão realizadas”. Se for o contexto social que determina a brincadeira e está implícito na atividade pedagógica a criação de contextos de aprendizagem nos questionamos: a escola como espaço social não deveria priorizar no currículo as brincadeiras?

Se as brincadeiras estiverem estabelecidas no currículo, farão parte da organização do tempo e espaço da escola. Destinar um tempo para a brincadeira seria garantir que a infância se fizesse presente na escola e ainda mais do que isso, seria compreender a importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil e para a construção de diferentes culturas, conforme apontam alguns autores acima.

Pode-se pensar que cabe a escola organizar um tempo e espaço específico para a brincadeira e desta forma incluí-la no Projeto Político Pedagógico, para que não se destine apenas para “algumas crianças” e permitido por “alguns professores”, mas sim para o todo da escola. Afinal se existem crianças na escola, a infância se faz presente e a brincadeira deve permanecer neste espaço. E tão pouco reduzi-la apenas para crianças do primeiro e segundo ano. A escola precisa partir da premissa que criança se constitui até os doze anos de idade, e desta forma, cada idade com um ritmo e especificidades de brincar diferenciadas.

Nas aulas de Educação Física as brincadeiras apresentam essa característica, estão incutidas no currículo da Educação Física e na cultura da criança: jogar bola, correr que é considerado pelo profissional desta área uma atividade física, para a criança é uma brincadeira, desta forma se explica a relação que as crianças estabelecem entre brincar, brincadeiras e a Educação Física.

Observa-se que Renan respondeu: [...] ***é aprende né, porque assim é coisa de criança.*** (fragmento da entrevista dia 28/04), também fala que o brincar é uma diversão para as crianças, desde o início da entrevista menciona o brincar como diversão e que brinca porque é criança. Pode-se perceber que Renan constrói um conceito de brincar associado a infância, como afirma (CORSINO, 2009) o brincar como especificidade da infância; e a brincadeira como palavra estritamente associada a infância e a criança (BORBA, 2007).

Percebe-se que Renan aproveita os espaços da escola para brincar, pois vê a brincadeira como coisa de criança, que desperta prazer e diversão. Se a criança aprende a

brincar, conforme apresenta as entrevistas, podemos definir a brincadeira como uma construção de cultura, de experiência de cultura.

Se as crianças dizem que aprendem a brincar, por que os adultos desassocia o brincar do aprender? A difícil compreensão dos adultos sobre as especificidades da infância estabelecem alguns princípios de que: “a escola é para estudar e não para brincar”. Quando a escola possui a clareza da importância da brincadeira para o desenvolvimento infantil e garante tempo e espaço para que ela aconteça, construirá também um discurso para garantir aos pais que a brincadeira além de ser prazerosa também garante a aprendizagem. Conforme citado nas entrevistas: *[...] A gente brinca de lê [...] a gente tem que ler uma palavra, a gente tem que escrever uma palavra e o outro tem que ler. (fragmento da entrevista dia 28/04).*

Fica evidente nesta fala que brincando de ler se aprende a ler. A brincadeira espontânea de ler livros de histórias, escrever palavras e pedir que o coleguinha faça a leitura delas estimula o gosto pela leitura e escrita e acontece a aprendizagem; a criança aprende a ler brincando de ler. A riqueza de relações e aprendizagens que ocorrem nos momentos de brincar e nas brincadeiras ainda não são vistas com propriedade pela escola e pelos pais. Acredita-se que quando a escola priorizar alguns momentos para brincar, o desenvolvimento infantil, as linguagens da infância e as aprendizagens podem ocorrer de forma mais significativa e prazerosa, desta forma, refletindo também para os pais que acompanham a vida escolar de seus filhos.

Por que não usar a brincadeira como um princípio educativo? Quando a criança brinca esta construindo e reconstruindo cultura, conceitos e interagindo com o meio. Esta construção é aprendizagem. Se a criança brinca no primeiro, no segundo ou nos demais anos de sua escolaridade esta construindo conhecimentos. Ao invés da escola se preocupar em proibir espaços e momentos de brincar, ela poderia associar a brincadeira a infância e permitir que a escola não mais seja um espaço apenas de escolarização, mas de respeito as individualidades das crianças.

Dizem as crianças que a brincadeira esta presente tanto no primeiro, quanto no segundo ano. Não em tempos e espaços desejados por elas, mas em momentos e lugares restritos pela escola e pelos professores.

A escola ainda não reconhece a importância da brincadeira no cotidiano das crianças do primeiro ano. A prioridade é estudar... Brincar só quando restar um tempinho... e se restar!

7 BRINCADEIRA NA ESCOLA: direito da criança ou oportunidade?

“ Brinco porque eu gosto...”

“Hummm, ah é legal...”

“É brincar de balanço, brincar de pega-pega, esconde-esconde, de bola.”

Brincadeira é coisa de criança... dizem as crianças. Brincam porque são crianças e sentem prazer nos momentos e tempos de brincar, mesmo com momentos controlados, tempos restritos e espaços delimitados pela escola. Apesar da escola ainda não compreender a importância da brincadeira para o desenvolvimento da infância, para a aprendizagem e para o respeito à criança; ela brinca.

Cada criança vive e passa por experiências de brincar. Desta forma, é necessário que nós, educadores e profissionais da infância, repensemos a questão da infância. Ela tem o direito de ser criança, como defendem os autores Sarmiento e Pinto (1997). Entender a infância enquanto categoria social, implica entender as crianças como produtoras de cultura.

Analisado todos os dados, foi possível compreender os momentos de brincadeira das crianças do primeiro e do segundo ano na escola. As crianças foram ouvidas sobre o que pensam da brincadeira, os lugares para brincar na escola, questões sobre estudar, a função da escola e a brincadeira na sala de aula.

Os momentos que a criança brinca na escola são controlados pelas professoras tanto do primeiro, quanto do segundo ano, pois as crianças brincam em tempos específicos, apenas quando terminam as atividades e quando a professora deixa. A brincadeira na escola parece ser propriedade da professora.

A brincadeira não é vista como propriedade das criança e as professoras não atribuem importância a esta atividade, nem tão pouco pela escola de forma geral. Permitir que a criança brinque apenas depois de realizar as atividades e quando a professora deixa pode ser interpretado como se a brincadeira não tivesse nenhuma importância escolar, reafirmando assim a ideia que escola não é lugar para brincar. Desta forma, a escola e professores também parecem desconhecer os documentos oficiais de ampliação do Ensino Fundamental para nove anos (MEC 2007). Nestes documentos a brincadeira é apresentada como prioridade do ciclo da infância.

Brincadeira é coisa séria, diz o documento e deveria ser visto pelos professores e escola como tal, entendendo que limitar os tempos de brincar é limitar o desenvolvimento, a

troca de experiências, a cultura.

Quando fala-se desenvolvimento infantil não pode-se pensar apenas na Educação Infantil. Ele se inicia prioritariamente nesta etapa da Educação Básica, mas deve ficar evidente que a “infância”, perpassa a Educação Infantil e continua no Ensino Fundamental.

A infância não termina aos cinco anos, portanto, a escola precisaria compreender que as crianças do primeiro e do segundo ano, são crianças e possuem o direito de viver plenamente a infância, conforme destaca Vygotsky (1987) que o brincar é uma atividade humana criadora, onde criatividade, fantasia e imaginação interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação das crianças.

Portanto, o brincar estabelece e constrói relações sociais com crianças e adultos e são estas relações que caracterizam a infância, que fazem parte da cultura da infância e devem estar presentes na escola.

Pensa-se ainda o brincar como uma atividade da infância, inerente a criança e um dos pilares da constituição da cultura da criança. Escola é lugar de criança e ela deve ser vista como tal. Suas especificidades deveriam fazer parte da realidade escolar. Lugar de criança é lugar de brincar, de brincadeiras, acrescenta Nunes (2009) “As instituições voltadas para as crianças devem levar em conta a maneira como a criança brinca, suas preferências, pois estas indicam uma produção de sentidos e ações”.

Acredita-se que um dos primeiros passos para compreender a brincadeira como fundamental para o desenvolvimento infantil é dar voz as crianças e refletir sobre o que elas dizem sobre “brincar e brincadeira” nos espaços escolares que estão inseridos.

Ouvir as crianças possibilitou o entendimento sobre a importância que a brincadeira assume para as crianças, sobretudo quando dizem que brincam na escola, indiferente da condição que a escola proporciona. Brincam pelo prazer, porque sabem que brincar é coisa de criança.

Apesar dos momentos de brincadeira serem controlados pelas professoras, a criança reconhece que a brincadeira esta presente na escola e que brinca mais durante o recreio e nas aulas de Educação Física. Brinca mais no recreio porque sentem-se mais livres. Neste momento as crianças tem a liberdade para brincarem do que desejam, embora precisem organizar o seu tempo depois do lanche e o tempo que sobra para brincar, isso tudo em aproximadamente quinze minutos.

Alguns autores falam sobre o cuidado que a escola precisa ter para que a brincadeira não se restrinja apenas a hora do recreio, pois é um tempo muito limitado e que acaba limitando as possibilidades de brincar também. Será o recreio então, um dos poucos

momentos em que a criança vivencia sua infância na escola?

Borba (2007) que participou da elaboração do documento do Ministério da Educação e Cultura sobre o primeiro ano do Ensino Fundamental de nove anos, traz uma reflexão sobre a importância da brincadeira nesta fase da infância. A autora aponta os olhares que a escola deve ter para com a brincadeira, que na maioria das vezes é vista como algo oposto ao trabalho pedagógico e que se restringe apenas ao recreio, podemos pensar então que a brincadeira ainda não assume um papel de importância no desenvolvimento das crianças de seis anos. A autora também deixa claro que de acordo com o avanço da criança de uma série a outra, a brincadeira não faz mais parte do seu contexto.

Seria então, o caso, para a ampliação do tempo do recreio para as crianças do primeiro, segundo e terceiro ano (ciclo da infância), para que assim pudessem usufruir de um tempo maior para suas brincadeiras?

Nas aulas de Educação Física as crianças brincam mais... revelam os dados. As aulas de Educação Física são as mais esperadas e desejadas por todas as crianças. Ao que parece, neste momento, a brincadeira é fonte certa. Remete a atividade de brincar e as brincadeiras, além de ser um momento em que a criança sai do espaço da sala de aula e esta em contato com todos os seus colegas para brincar.

No primeiro ano as brincadeiras se restringem nestes momentos citados acima. Na sala de aula não há organização de espaços para brincar. Os espaços mencionados pelas crianças ficam na frente da sala de aula e na calçada do corredor. Mas brincam apenas quando terminam as atividades e se a professora deixa.

A organização da sala do segundo ano permite que a criança brinque em cantinhos. Estes cantinhos foram organizados pela professora para as crianças que terminam as atividades antes que as outras, e desta forma, evita que fiquem sem ter o que fazer e conseqüentemente atrapalhando aqueles que precisam um tempo maior para realizar as atividades. Estes cantinhos foram organizados intencionalmente pela professora, com jogos de alfabetização, espaço para leitura, alguns brinquedos e demais atividades pedagógicas.

Cabe ressaltar que as crianças do primeiro ano só brincam quando a professora deixa. Além de deixar precisam antes terminar as atividades. As crianças do segundo ano brincam quando terminam as atividades, mas brincam apenas aqueles que terminam as atividades antes que os outros. No entanto, as crianças que levam mais tempo para realizar as atividades não brincam com a mesma periodicidade que as outras. Uns brincam mais e outros brincam menos.

Entende-se que a professora do segundo ano organizou estes cantinhos com atividades

que reforçam a alfabetização e a aprendizagem, mas para as crianças são apenas brincadeiras, espaços e momentos de brincar. Ficou evidente que a brincadeira, o acesso a esses jogos e a interação que a criança vivencia com seus colegas gera aprendizagem. Para as crianças esses momentos são apenas brincadeiras, mas para a professora são momentos de aprendizagem.

Se proporcionar esses momentos de brincar em sala de aula é aprendizagem, porque não fazer disto uma proposta pedagógica diferenciada, em que professores e escola num todo acreditem que no brincar se aprende.

Compreende-se que a professora do segundo ano criou os cantinhos na sala de aula para ocupar o tempo daqueles que terminam as atividades antes que os outros. Fez essa organização de uma forma que houvesse aprendizagem. Poderia também organizar o tempo para que todas as crianças pudessem brincar nestes cantinhos, não apenas usá-lo para beneficiar os “melhores alunos”, pois estes, sempre terminam as atividades antes que os demais.

Numa concepção onde brincar e aprender estão associados, estes momentos poderiam se fazer presentes na prática diária da professora do segundo ano. Pode-se concluir que as crianças identificam momentos de brincar na escola e na sala de aula, com restrições e tempos limitados pelos professores. A brincadeira não como um direito da criança, mas sim como uma oportunidade oferecida pelo professor, somente depois de terminar as atividades.

De acordo com as análises verificou-se que as crianças gostam de brincar das mais variadas brincadeiras: Correr, pular, brincar de bola, futebol, subir na árvore, brincar com bonecas, brincar de conversar, dominó e até de construir carrinhos, algo de madeira, como disse Fábio.

A escola pouco sabe do que a criança gosta de brincar. Talvez se ouvissem Fábio, poderiam pensar em organizar momentos que permitissem o trabalho manual e desta forma a criança construiria seu próprio brinquedo. Para que esses momentos aconteçam primeiramente a escola precisa ter clareza da importância da brincadeira para as crianças.

Esse não entendimento da infância e da importância de garantir tempos e espaços para brincar fica notório quando as crianças, falam sobre os espaços que brincam na escola. Espaços permitidos e espaços proibidos. A maioria brinca no parquinho e no gramado, mas relatam que na hora do recreio o parque fica trancado e aos cuidados de um servente que não permite o acesso.

Brincar no parque sozinho pode correr o risco de acidentes, mas proibi-lo totalmente, não seria a solução mais adequada. Pois se as crianças disseram que brincam mais no recreio, não seria adequado privá-las do parquinho, visto que é o local que gostam de brincar na

escola, além do gramado.

Caberia a escola pensar em algumas alternativas para que o parque estivesse acessível durante o recreio: propor um recreio monitorado entre os professores, onde cada dia um professor seria responsável ou até envolver os próprios alunos. Como a escola possui alunos até o nono ano, estes poderiam monitorar o parque, visto que este, considerado pela escola como local de risco para os menores. Parque durante o recreio deve permanecer acessível para as crianças.

Além do parque, o gramado também foi muito citado, como lugar que as crianças brincam, mas nem todos os gramados da escola são para brincar, existem aqueles que são apenas para olhar. Na ocasião que foi realizada a pesquisa, a escola estava plantando grama em frente do prédio principal⁸ e todo esse espaço novo chamou atenção das crianças e o desejo de brincarem neste gramado, que estava todo cercado com uma faixa de isolamento. As crianças pouco entendiam sobre essa faixa, apenas sabiam que ali estava proibido pisar. Em nenhum momento foi explicado para elas a importância de não pisar nesta grama, para que ela pudesse crescer bem e embelezar ainda mais a escola. Simplesmente foi proibido, como se elas não merecessem uma explicação e entendessem que neste momento não poderiam pisar neste gramado.

A escola é feita de crianças, caso contrário não haveria necessidade de existir. Mas elas precisam se sentir parte desta escola. As mudanças, proibições quando necessárias precisam ser comunicadas. Quando compreendem o porque desta proibição do gramado novo, teriam um outro olhar sobre este espaço, não mais de proibição, mas de cuidado.

Percebe-se que a escola não acredita na capacidade que a criança possui de entender as regras e demais proibições. Para a escola basta apenas proibir. Quando esclarecidas as proibições, as crianças entendem e no caso citado acima, auxiliariam no cuidado e preservação do gramado.

Atrás da escola também foi muito citado pelas crianças. Gostariam muito de brincar neste espaço, mas sabem que não é permitido frequentar este lugar. Atrás da escola é um espaço limpo, com muitas árvores e plantas e desta forma chama a atenção das crianças para brincar.

Durante a entrevista mencionaram diversas brincadeiras que seriam possíveis realizar se pudessem brincar atrás da escola, mas esse espaço ainda é proibido. Se a escola possui um espaço tão amplo, cheio de árvores e possibilidades das crianças brincarem em contato com a

8 Acesso principal da escola, onde localiza-se o prédio da secretaria, sala da direção e dos professores.

natureza, a escola deveria permitir o acesso a este espaço.

Se a preocupação da escola é preservar as árvores e demais plantas que cultiva atrás da escola, poderia realizar um trabalho em parceria com as crianças, para que elas fossem responsáveis em preservar e cuidar deste ambiente, uma espécie de “vigilantes da natureza”. Proibir não é a solução, basta esclarecer da melhor forma possível, e desta maneira a escola fará um trabalho de proporcionar espaços diversificados para brincar e de interesse das crianças, e elas auxiliarão na preservação.

A escola poderia priorizar a brincadeira, pois a criança passa a maior parte do tempo na escola. Proibir a brincadeira é desrespeitar a infância. Brincar é direito da criança e cabe a escola e professores compreenderem a importância de priorizar momentos e tempos para que a brincadeira aconteça, não mais como um momento após a atividade, privilegiando apenas aqueles que terminam as atividades antes que os demais, não mais apenas quando a professora deixa, não mais somente no recreio ou nas aulas de Educação Física, mas pensar em momentos específicos destinados a brincadeira. E principalmente não mais dissociar a brincadeira da aprendizagem.

Os professores do primeiro e do segundo ano não vêm a importância da brincadeira para o desenvolvimento dos seus alunos. Cronometrar eventualmente tempos para que as crianças brinquem não deveria ser atitude da escola.

Se autores conceituam a brincadeira como uma experiência de cultura (CORSINO 2009 e BORBA 2007), experiência é resultado de aprendizagem. Será que estamos garantindo essa experiência de cultura, esse brincar para estas crianças, que estão numa escola de Ensino Fundamental, mas que são crianças, que precisam brincar. A brincadeira possibilita a aprendizagem.

Com a ampliação do Ensino Fundamental para nove anos, a brincadeira vem sendo foco de discussões e análises, ainda não suficientes para garantir tempos e espaços de brincar nas escolas do Ensino Fundamental, pois a criança de seis anos que antes estava na Educação Infantil agora esta matriculada na escola. A brincadeira que antes fazia parte da rotina diária das crianças da Educação Infantil, agora não esta presente no primeiro ano. Mas crianças de seis anos não deixaram de ser crianças. Elas passam a maior parte do tempo na escola e mesmo assim brincam apenas quando sobra um “tempinho”.

Por que não construir uma concepção de escola onde se brinca e se aprende, onde a brincadeira e a aprendizagem estão interligadas. Brincar não é perder tempo, é garantir aprendizagem, momentos prazerosos de construção de cultura e significados. Quando a criança brinca, estabelece relações com outras crianças, consigo mesma, cria regras,

conceitos, assume papéis, situações vivenciadas por ela e pelos adultos, brinca de “ler”, montar quebra-cabeças e uma infinidade de situações que promove aprendizagem.

As crianças do Ensino Fundamental também precisam de tempo e espaço para brincar.

8 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLUM, N.C.; BAUER, M.W. ; GASSKELL, G. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. In: BAUER, M.V.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto e imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2005.

AMBRA, K. **Preparando-se para o futuro: as regras elaboradas por crianças de 6 anos de idade durante a brincadeira de faz de conta de escolinha**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.

ARAÚJO, V.C. **A brincadeira na instituição de Educação Infantil em tempo integral: o que dizem as crianças**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, 2008.

ARIGONI, B. G. **Preservação da cultura popular e educação: jogos e brinquedos cantados no contexto escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Brás Cubas, Mogi das Cruzes, 2005.

ASSIS, H.M.B.S. **O pátio escolar do ensino fundamental como ambiente de brincar segundo as crianças usuárias**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual do Rio Grande do Norte, Natal, 2005.

ASSIS, M. S. S. As concepções de cuidar, educar e brincar de professoras de educação infantil. In: ENDIPE, 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ENDIPE, 2004. CD-ROM.

AZEVEDO, J.I.A.C. **A criança e o brincar: um estudo sobre as concepções das educadoras infantis**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Furb, Blumenau, 2006.

BATISTA, C.V.M.; FRANCO, R.R. A criança e o brincar como um direito de liberdade. In: EDUCERE, 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: EDUCERE, 2007. CD-ROM.

BAPTISTA, M. C. e MONTEIRO, S.M. Dimensões da proposta pedagógica para o ensino da linguagem escrita em classe de crianças de seis anos. In: BRASIL. **A criança de 6 anos, a linguagem escrita e o Ensino Fundamental de Nove Anos**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

BARBOSA, M.C.; HORN, M.G.S. **Projetos pedagógicos na Educação Infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2007.

BELLONI, M. L. **O que é sociologia da infância**. Campinas: Autores Associados, 2009.

BENOIT, J.; CORDEIRO, M. ; SOUZA, D. Experiências de aprendizagem em momentos de brincadeira na educação infantil. In: EDUCERE, 2005, Curitiba. **Anais...Curitiba: EDUCERE, 2005. CD-ROM.**

BEZERRA, M.F.C.G.F. **Brincando com a roupa:** um estudo sobre o público infantil e a compreensão das roupas que atuam como brinquedo. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Pernambuco, 2009.

BORBA, A. M. **As culturas da infância nos espaços-tempos do brincar:** estratégias de participação e construção da ordem social em um grupo de crianças de 4-6 anos. In: ANPED, 2006, Caxambu – Minas Gerais.

_____ O brincar como um modo de ser e estar no mundo. In: BRASIL **Ensino Fundamental de nove anos:** orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2007. p. 33-45.

_____ Imaginação, brincadeira e culturas da infância. In:ENDIPE, 2008, Rio Grande do Sul. **Anais...** Rio Grande do Sul: ENDIPE, 2008. CD-ROM.

BRASIL. Convenção sobre os direitos da criança. **Artigo 31** da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 20 de novembro de 1989.

_____ **Ensino Fundamental de nove anos:** orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2007.

_____ **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990.

BROUGÉRE, G. **Brinquedo e Cultura.** 7 Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CAMPOS, M. M. Porque é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. In: CRUZ, S. H. V. (org.). **A criança fala:** a escuta de crianças em pesquisas. São Paulo: Cortez, 2008.

CARVALHO, L. D. **Infância, Brincadeira e Cultura.** In:ANPED. 2008, Caxambu. **Anais...Caxambu: ANPED, 2008. CD-ROM.**

CARVALHO, D. A. D; SILVA, E. A. Brinquedos e brincadeiras. In: EDUCERE, 2007, Curitiba. **Anais...Curitiba: EDUCERE, 2007. CD-ROM.**

CATONHOTO, L.A.;SIMÕES, T.M.A.; VICTOR, S.L. A brinquedoteca do centro de educação da UFES: perspectivas à brincadeira da criança, à formação do professor e à inclusão na educação. In: ENDIPE, 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ENDIPE, 2010. CD-ROM.

CORRÊA, D. P. Brincando e aprendendo com o povo kalapalo: a vivência da cultura corporal indígena na educação física escolar. In: EDUCERE, 2007, Curitiba. **Anais...** Curitiba: EDUCERE, 2007. CD-ROM.

CORSINO, P. (org.) **Educação Infantil: cotidiano e políticas.** Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

COSTA, C.; DUDEK, C. O brincar e a aprendizagem na educação infantil de quatro a seis anos. In: EDUCERE, 2005, Curitiba. **Anais...**Curitiba: EDUCERE, 2005. CD-ROM.

COSTA, A.R., DOMINGUES, S.C., KUNZ, E.,SIMON, H.S. Brincadeira e mídia: analisando possibilidades teórico metodológicos para a Educação Infantil. In: ENDIPE, 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ENDIPE, 2010. CD-ROM.

CRAVO, A.C.A. **Brincadeiras infantis e construção das identidades de gênero.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2006.

CRUZ, M. N.; MARTINS, I. C. Formação de professores de educação infantil: lembranças, brincadeiras e constituição do sujeito. In: ENDIPE, 2008, Rio Grande do Sul. **Anais...** Rio Grande do Sul: ENDIPE, 2008. CD-ROM.

DAHLBERG, G.; MOSS, P. ; PENCE, A. **A qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

DANIELE, Y.M.S. **Momentos na escola: sentidos e silêncios nos discursos das crianças.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Furb, Blumenau, 2006.

EICKHOFF, J.K. **Brincando com materiais diversificados.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

ESTEVES, A. K. S.; FIDÉLIS, M. Brinquedoteca: transformando o ambiente escolar. In: ENDIPE, 2004, Curitiba. **Anais...** Curitiba: ENDIPE, 2004. CD-ROM.

FARIAS, A.G. **Brincar em Psicanálise: escutando professores de educação de crianças.**

Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, 2006.

FINCO, D. Educação infantil, gênero e brincadeiras: das naturalidades às transgressões. In: ANDEP, 2007, Caxambu. **Anais...**Caxambu: ANPED, 2007. CD-ROM.

FRIEDMANN, Adriana. **O direito de brincar**: a brinquedoteca. São Paulo: Abrinq. 1992.

GANDINI, L. Espaços educacionais e de envolvimento pessoal. In: EDWARDS,C.;GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Réggio Emilia na educação da primeira infância. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda, 1999.

GARCIA, R. C. O lúdico e o ensino de história: a narrativa, a brincadeira, o jogo. In: ENDIPE, 2008, Rio Grande do Sul. **Anais...** Rio Grande do Sul: ENDIPE, 2008. CD-ROM.

GEBIEN, J. e GOLDMANN, F. A Brincadeira nos diferentes contextos: Escola e Hospital. In: ENDIPE, 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ENDIPE, 2010. CD-ROM.

GUERRA, V.L. **Temporadas de brincadeiras**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GUSSO. S.; SCHUARTZ. M. A Criança e o Lúdico: a importância do “brincar”. In: EDUCERE, 2005, Curitiba. **Anais...**Curitiba: EDUCERE, 2005. CD-ROM.

HADDAD, L. , MAYNART, R.C. A brincadeira da criança no estágio do personalismo: da oposição à ficção. In: ENDIPE, 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ENDIPE, 2010. CD-ROM.

KISHIMOTO, T.M. **Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação**. São Paulo: Cortez, 2007.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. In: BRASIL **Ensino Fundamental de nove anos**: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Básica, 2007. p. 13-23.

LARANJEIRO, H.; MALTA, P.; PEREIRA, A.I. Os espaços lúdicos para a infância: dos parques infantis aos parques de diversões. In: **Congresso Internacional: Os mundos sociais e culturais da infância**. Universidade do Minho, Braga: Portugal, 2000.

LIMA, F.C. A criança, o brincar e a educação infantil - um encontro com encanto. In:

EDUCERE, 2009, Curitiba. **Anais...**Curitiba: EDUCERE, 2009. CD-ROM.

_____. Jogando, brincando e calculando: a matemática em ação. In: EDUCERE, 2009, Curitiba. **Anais...**Curitiba: EDUCERE, 2009. CD-ROM.

LIMA, G. E. O revisitar de práticas docentes construídas em torno do brincar infantil – focalizando a formação inicial. In: ENDIPE, 2004. Curitiba. **Anais...** Curitiba: ENDIPE, 2004. CD-ROM.

LIRA, A.C.M. **Problematizando o uso dos jogos e das brincadeiras na educação de crianças de 0 à 6 anos:** uma análise de propostas exemplares. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

LOMBARDI. **Jogo, brincadeira e prática reflexiva na formação de professores, abordando metodologias lúdicas-reflexivas para a formação dos professores.** In: ENDIPE, 2006. Recife. **Anais...** Recife: ENDIPE, 2006. CD-ROM.

LORO, P.A. **Formação de professores e representações sobre o brincar:** contribuições das ideias de Humberto Maturana. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria – Santa Maria, 2008.

MACIEL, L. S. B.; VIEIRA, R. A. Menino brinca de boneca? Contribuição da teoria histórico-cultural para se pensar o preconceito em sala de aula. In: ENDIPE, 2008. Rio Grande do Sul. **Anais...** Rio Grande do Sul: ENDIPE, 2008. CD-ROM.

MARIANO, S.M.F. **Brincadeiras e jogos n Educação Infantil:** o lúdico e o processo de constituição de sujeitos numa turma de crianças de 4 e 5 anos. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Uberlândia , Minas Gerais, 2009.

MARTINS, C.A. **A participação de crianças e professoras na constituição de brincadeiras na Educação Infantil.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MELLO, I.M.F.S. **Se der a gente brinca: crenças das professoras sobre a ludicidade e atividades lúdicas.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2005.

MENDES, M. L. **Brinquedos e brincadeiras no recreio escolar: significados e possibilidades.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiás, 2004.

MOYLES, J.R. **A Excelência do brincar** / Janet R. Moyles; tradução Maria Adriana Veronese. Porto Alegre, RS: Artmed, 2006.

MONGUILHOTT, A.D. **Os sentidos de escola para as crianças de Educação Infantil**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Furb, Blumenau, 2008.

MORAIS, M.L.S. **Conflitos e(m) brincadeiras infantis: diferenças culturais e de gênero**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

MOURA, M. **Organização do espaço: contribuições para uma educação infantil de qualidade**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Brasília: Brasília, 2009.

MÜLLER, F.; REDIN, M.M. **Infâncias**: cidades e escolas amigas das crianças. Porto Alegre: Mediação, 2007.

NAVARRO, M. S. O brincar na educação infantil. In: EDUCERE, 2009, Curitiba. **Anais...**Curitiba: EDUCERE, 2009. CD-ROM.

NOVO AURÉLIO. **O dicionário da Língua Portuguesa**. ABH Ferreira - Rio de Janeiro, 1999.

NUNES, M.F.R. Educação Infantil: instituições, funções e propostas. In CORSINO, P (Org.) **Educação Infantil: cotidiano e políticas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009. cap. 2, p.33-47.

OLIVEIRA, Z.R. Educação Infantil: fundamentos e métodos. In: **Coleção docência em formação**. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, S. R. **Análise de produções científicas recentes sobre jogos, brinquedos e brincadeiras e suas implicações no processo de aprendizagem e desenvolvimento**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Marcos, São Paulo, 2007.

PACHECO, A. **A representação social de brincar e de aprender de acadêmicas do curso de pedagogia**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2006.

PASQUALINI, J.C. **A teoria da atividade e a educação escolar da criança pequena: contribuições de Vigotski, Leontiev e Elkonin para a prática pedagógica na Educação Infantil.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara – UNESP, 2006.

PEDROSA, S. M. P. A. Brincadeiras nas telas, com “mouses” e pincéis: um encontro com Portinari. In: ENDIPE, 2004. Curitiba. **Anais...** Curitiba: ENDIPE, 2004. CD-ROM.

PEREIRA, B.O. Um novo olhar sobre os espaços e tempos de lazer na escola. A prevenção da violência. In: Congresso Internacional: **Os mundos sociais e culturais da infância.** Universidade do Minho, Braga: Portugal, 2000.

QUEIROZ, B.C. Poema. In: BRASIL. **A criança de seis anos, a linguagem escrita e o Ensino Fundamental de Nove Anos.** 1ª ed. Brasília, 2009.

QUINTEIRO, J. Infância e educação no Brasil: um campo de estudos em construção. In: FARIA, A.; DEMARTINI, Z.; PRADO, P. (orgs.). **Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças.** Campinas: Autores Associados, 2005.

REGO, J.C.F. **Brincante: a cultura infantil tecendo lugares de aprendizagem.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2006.

REIS, R. M. C. A criança na escola: brinquedos e brincadeiras. In: ENDIPE, 2004. Curitiba. **Anais...** Curitiba: ENDIPE, 2004. CD-ROM.

ROSA, M. V. F. P. C.; ARNOLDI, M. A. G. C. **A entrevista na pesquisa qualitativa.** Belo Horizonte: Autêntica. 2006.

ROSSEAU, J. **Emílio ou da educação.** Tradução por Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1969.

SANTOS, K.J.A. **A Infância da pós-modernidade e o projeto moderno incluso.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Araraquara, 2006.

SARMENTO, M. J.; PINTO, M. As crianças e a infância: definindo conceito, delimitando o campo. In: **As crianças: Contextos e identidades.** Universidade do Minho, Centro de Estudos da Criança. Portugal, 1997.

SARMENTO, M. A Escultura da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade. In SARMENTO, M.; CERISARA, A. **Crianças e Miúdos: Perspectivas Sócio-pedagógicas da Infância e Educação**. Porto: Edições Asa, 2004.

SARMENTO, M. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. In: **Revista Educação e Sociedade**, vol. 26, n.91. Campinas: Cedes, 2005.

SARMENTO, M. ; GOUVÊA, C. (Org.). **Estudos da Infância: educação e práticas sociais**. Petrópolis/RJ: [s.n.], 2008.

SCHNEIDER, M. L. **Brincar é um modo de dizer...**Um estudo de caso em uma escola pública. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

SIMEONI, M.C. **Falar o mundo, ler o mundo e registrar o mundo: práticas histórico-sociais que se materializam em uma didática progressiva**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2008.

SILVA, A.T.G.A.M. **O direito de brincar: construindo a autoria de pensar**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SILVA, A. A. **Significados e lugar do brincar na escola: a perspectiva da criança**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Metodista de Piracicaba, São Paulo, 2008.

SMITH, P.K. O Brincar e os usos do brincar. In: MOYLES, J. **A Excelência do Brincar**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

SOUZA, A.P.V. **As culturas infantis no espaço e tempo do recreio: constituindo singularidade sobre a criança**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Pará, Pará, 2009.

STEINLE, M.C.B. Brinquedoteca Virtual. In: ENDIPE, 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: ENDIPE, 2010. CD-ROM.

TEIXEIRA, E.D.R. O brincar como berço do intelecto infantil. In: EDUCERE, 2009, Curitiba. **Anais...**Curitiba: EDUCERE, 2009. CD-ROM.

TEIXEIRA, T.C.F. **Da Educação Infantil ao Ensino Fundamental: com a palavra a criança: um estudo sobre a perspectiva infantil no início do percurso escolar**. Dissertação (Mestrado

em Educação) – USP, São Paulo, 2008.

TREVISAN, R.P. **Convivendo com o cotidiano de uma escola de Educação Infantil: o brincar e o educar na sua dimensão pedagógica.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2007.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 1987.

LEONTIEV, A.N. Uma contribuição à teoria do desenvolvimento da psique infantil. In: VYGOTSKY, L.S. et al. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** São Paulo, 1998.

WENETZ, I. **Gênero e sexualidade nas brincadeiras do recreio.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2005.

WINNICOTT, D.W. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro. Imago, 1975.

WÜRDIG, R.C. **O quebra-cabeça da cultura lúdica.** Tese (Doutorado em Educação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

XIMENES, S. **Dicionário da Língua Portuguesa.** (3ª ed) São Paulo: Ediouro, 2001.

ZELIZER, V.A. **Pricing the priceless child.** New York: Basic Books, 1986.

APÊNDICE 1 – Formulário de consentimento

UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAÍ – UNIVALI
PROGRAMA DE MESTRADO ACADÊMICO EM EDUCAÇÃO – PMAE

Formulário de consentimento para pai/mãe/responsável

Seu filho(a) foi convidado a participar de um estudo de pesquisa em outubro de 2009, que esta sendo conduzido pelo acadêmico de Mestrado Acadêmico em Educação da UNIVALI, Jairo Gebien, sob a orientação da professora Doutora Valéria Silva Ferreira. O propósito do estudo é identificar os momentos de brincar dos alunos do 1º ano do Ensino Fundamental em sala de aula. Seu filho(a) será convidado a responder espontaneamente a uma entrevista áudio gravada, a ser realizada na hora do recreio, com questões simples, relacionadas ao brincar na sala de aula. A participação é voluntária e o(a) senhor(a) tem o direito de retirar seu consentimento ou interromper a participação de seu filho(a) a qualquer momento, sem nenhum problema. A privacidade individual dos alunos será preservada em todos os dados publicados e escritos resultantes do estudo. As crianças também serão informadas que não tem obrigação de participar do estudo se não quiserem e, mesmo que eles optem em participar, tem o direito de deixar de responder quaisquer perguntas. Os nomes e as respostas dos alunos serão mantidos estritamente confidenciais. Serão informadas ainda, que a pesquisa é para ajudar os adultos a entenderem como as crianças pensam.

No quadro abaixo assinale se o(a) senhor(a) autoriza seu filho(a) a participar deste estudo:

() Sim, autorizo a participação do meu filho(a) neste estudo.

() Não autorizo que meu filho(a) participe deste estudo.

Assinatura do pai/mãe/responsável _____

Nome do aluno: _____ Data: _____

PARA DÚVIDAS SOBRE O ESTUDO, ENTRE EM CONTATO COM:

Jairo Gebien – (47) 9993-7081 e-mail: jairo.gebien@terra.com.br

Indaial, _____ de outubro de 2009.

APÊNDICE 2 – Autorização da Escola

AUTORIZAÇÃO

Eu, professora _____, diretora da Escola _____ autorizo a realização da pesquisa com o título: **QUAIS OS MOMENTOS DE BRINCADEIRA NA ESCOLA NO PONTO DE VISTA DAS CRIANÇAS DO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL. A SALA DE AULA TAMBÉM RECONHECIDA POR ESTAS CRIANÇAS COMO MOMENTO DE BRINCADEIRA**, do mestrando Jairo Gebien, do Mestrado Acadêmico em Educação da Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI, sob orientação da professora Doutora Valéria Silva Ferreira.

Autorizo o referido pesquisador, a frequentar as salas de aula das turmas do 1º ano do Ensino Fundamental, para a realização da coleta de dados, bem como autorizamos a instituição a fornecer ao pesquisador os dados que forem necessários. O pesquisador e sua orientadora estarão disponíveis para esclarecimentos e dúvidas a respeito da pesquisa.

PARA DÚVIDAS SOBRE O ESTUDO, ENTRE EM CONTATO COM:

Jairo Gebien – (47) 9993-7081 e-mail: jairo.gebien@terra.com.br

Indaial, de outubro de 2009.

APÊNDICE 3 – Quadro de Análises 01

Quadro de análise dos sujeitos – Entrevistas realizadas em novembro/dezembro 2009

Sujeitos	O que a criança faz na escola?	A criança brinca na escola?	Lugares de brincar ?	A prof. brinca com a criança? De que?	Momentos de brincar na escola?	Que gostaria de brincar na escola ?
CRISTIAN	Estudar e brincar.	Sim	Gramado	Sim, de carrinho.	Brinca mais quando tem Ed. Física.	No túnel e de futebol.
MAIRA	Estudar e brincar.	Sim	Parquinho, cantina, quadra e nas árvores.	Sim, jogo da memória e clica.	Todo dia. Na aula, no recreio e na Ed. Física.	Com as minhas bonecas.
SILVANO	Brincar e estudar.	Sim	Sala de aula e no parque.	Sim, quebra-cabeça e carrinho.	Quando não tem muita tarefa.	Não sei.
JOÃO	Estudar.	Sim	Parquinho, gramado e rampa.	Sim, boliche e montar pecinhas.	Todo dia. No recreio e na Ed. Física.	Piscina.
ISABELA	Brincar e estudar.	Sim	Parquinho e dentro da sala.	As vezes, mas não sabe do que.	Na ed. física e quando a prof. Não vem.	Dominó.
RENAN	Estudar e brincar.	Sim	Parquinho.	Sim. De montar pecinhas e contar histórias.	Começo da aula, Ed. Física e lanche.	Construir um carrinho, algo de madeira.
PEDRO	Escrever e brincar.	Sim	Na quadra, em qualquer lugar.	Sim, de quebra-cabeça.	Quando a prof. deixa.	Pega-pegas e pular pneu.
FABIO	Aprender a ler e a escrever.	Mais ou menos.	No parque e aqui embaixo (pátio da escola)	Sim, de pegar no meu pé. (falar grosso e rir)	Recreio e quando a prof. diz para brincar.	Cama elástica.
LETÍCIA	Estudar e ler.	Sim.	No parque e dentro da sala.	Não.	Todos os dias.	Na grama.

FABIANA	Estudar.	Sim	No parquinho e na grama.	As vezes sim, de joguinho e dominó.	Recreio, começo e fim da aula quando a prof. deixa.	Subir na árvore.
VALÉRIA	Estudar e aprender.	Gosto	Parquinho, balanço e escorregador.	Não	Lanche e começo e final da aula.	Brincar atrás da escola.
SÉRGIO	Estudar e ir no lanche.	Sim	No parque e aqui embaixo (pátio).	As vezes.	No lanche e quando a prof. deixa.	Balançar com uma corda e bola.

APENDICE 4 - Transcrição das entrevistas 01.

TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

É importante salientar que antes de iniciar o processo de coleta dos dados, os pais das crianças entrevistadas assinaram o termo de Consentimento pré-estabelecido com todas as informações necessárias da pesquisa. Ao iniciar a entrevista o pesquisador esclareceu as crianças que se tratava de uma conversa sobre o brincar, as brincadeiras e a escola, e que cada criança poderia sentir-se a vontade para responder as perguntas, e os seus nomes seriam substituídos por outros fictícios.

Entrevista 01

Criança – Cristian

Data: 06/11/2009

Pesquisador: *O que você vem fazer na escola?*

Cristian: Estudar

Pesquisador: *Só estudar?*

Cristian: E brincar.

Pesquisador: *E o que mais?*

Cristian: (pensou) Não sei.

Pesquisador: *Não sabe?*

Cristian: (balançou a cabeça) Não.

Pesquisador: *E você acha que a escola é um lugar para brincar?*

Cristian: (emitiu sons que simbolizam não)

Pesquisador: *Não. E por que você acha que a escola não é um lugar para brincar?*

Cristian: Porque tem que estudar.

Pesquisador: *Você gosta de brincar?*

Cristian: Gosto

Pesquisador: *E na escola você brinca?*

Cristian: Sim

Pesquisador: *E aonde que você brinca na escola, fala pra mim?*

Cristian: No gramado

Pesquisador: *No gramado, por que no gramado?*

Cristian: Por que dá para jogar.

Pesquisador: *E jogar o que?*

Cristian: Futebol.

Pesquisador: *Futebol, Você gosta de jogar futebol?*

Cristian: Eu jogo Futsall, campo e suíço.

Pesquisador: *E quando você brinca na escola, qual é o momento que você brinca na escola?*

Cristian: Mais é de quinta e de sexta.

Pesquisador: *É. Mas por que de quinta e de sexta?*

Cristian: Por que tem Educação Física.

Pesquisador: *E você brinca só na Educação Física?*

Cristian: Não, quando a pro deixa ir no parque daí nós brincamos.

Pesquisador: *E quando é que a pro deixa ir no parque?*

Cristian: Eu não sei. A criança tem que fazer na escola a tarefa.

Pesquisador: *Ah, primeiro tem que fazer a tarefa.*

Cristian: É. Daí pede pra pro, se a pro não deixar vai ter que ficar dentro da sala.

Pesquisador: *E a professora, ela brinca com vocês?*

Cristian: Brinca.

Pesquisador: *Brinca. Quando que ela brinca com vocês?*

Cristian: Quando é o dia do brinquedo.

Pesquisador: *E quando é o dia do brinquedo?*

Cristian: (pensou) Não sei.

Pesquisador: *E além do brinquedo, tem outras vezes que a professora também brinca com vocês?*

Cristian: Tem.

Pesquisador: *De que mais ela brinca?*

Cristian: Não sei.

Pesquisador: *Mas lembra assim uma coisa que a professora brinca e que você gosta.*

Cristian: (pensou por algum tempo) Brincar de carinho.

Pesquisador: *E daí vocês brincam de carinho aonde?*

Cristian: Na sala, só na sala e ali onde tem um bebedor de água.

Pesquisador: *E agora me diz uma coisa O que você gostaria de brincar na escola que não dá para brincar na escola?*

Cristian: (pensou por algum tempo) Não sei.

Pesquisador: *Pensa, se você pudesse brincar de alguma coisa mais que não dá para brincar na escola, porque não pode, porque a professora não deixa. O que você gostaria de brincar na escola?*

Cristian: (pensou novamente) Existe? Eu iria brincar no túnel.

Pesquisador: *Aonde?*

Cristian: No túnel.

Pesquisador: *No túnel. Ta. Mais uma vez eu vou perguntar: O que você mais gostaria de brincar na escola? Que você gosta assim?*

Cristian: Futebol.

Entrevista 02

Criança – Maira

Data: 06/11/2009

Pesquisador: *O que você vem fazer na escola?*

Maira: Hum, estudar e brincar.

Pesquisador: *E você acha que a escola é um lugar para brincar?*

Maira: Hum, não.

Pesquisador: *Não?*

Maira: Não.

Pesquisador: *Mas se você falou que você vem para escola para estudar e para brincar:*

Maira: (pensou) É porque as vezes a profe deixa a gente brincar e as vezes ela (pensou) ela manda a gente estudar.

Pesquisador: *Então você acha que a escola não é um lugar para brincar?*

Maira: Não

Pesquisador: *Você gosta de brincar?*

Maira: Gosto.

Pesquisador: *É. E de que você gosta de brincar?*

Maira: De (pensou) pega-pega.

Pesquisador: *Pega-pega. E na escola você brinca?*

Maira: Brinco.

Pesquisador: *E brinca de que na escola?*

Maira: Pega-pega, de (pensou um pouco) esconde-esconde, (pensou mais um pouco) pega-congela.

Pesquisador: *E aonde que você brinca na escola?*

Maira: É. (pensou) às vezes no parquinho, ou (pensou) perto da cantina, (pensou) perto lá onde tem aquelas árvores, na quadra.

Pesquisador: *E quando é que você brinca na escola?*

Maira: Todo dia.

Pesquisador: *Todo dia. Mas quando assim?*

Maira: (pensou) É (pensou) às vezes no horário de aula, no recreio, ah, na educação física, (pensou) e só.

Pesquisador: *E na sala de aula você também brinca ? Dentro da sala?*

Maira: Só quando a minha professora manda. Ai quando ela me manda copiar, fazer as coisas lá, eu faço.

Pesquisador: *E a professora ela brinca com vocês também?*

Maira: Sim.

Pesquisador: *E do que ela brinca?*

Maira: Ela brinca (pensou um pouco) às vezes ela brinca de jogo da memória, e (pensou) e (pensou novamente) e de (pensou) e de clica.

Pesquisador: *E agora me responda uma coisa do que você gostaria de brincar na escola, mas que não dá para brincar na escola?*

Maira: Eu

Pesquisador: *Uma coisa que você gostaria muito de brincar na escola mais não dá.*

Maira: (pensou por muito tempo) Não sei.

Pesquisador: *Não sabe? Uma coisa que você tanto queria brincar na escola mais não dá para brincar disso na escola.*

Maira: (pensou novamente por algum tempo) Com as minhas bonecas.

Entrevista 03

Criança – Silvano

Data: 19/11/2009

Pesquisador: *O que você vem fazer na escola?*

Silvano: Brincar e estudar.

Pesquisador: *Brincar e estudar. E você gosta de brincar?*

Silvano: Gosto.

Pesquisador: *E na escola você brinca?*

Silvano: As vezes sim.

Pesquisador: *Só as vezes?*

Silvano: Ah, sempre né, quando a pro deixa.

Pesquisador: *E você acha que a escola é um lugar para brincar?*

Silvano: Sim.

Pesquisador: *E onde que vocês brincam na escola?*

Silvano: A gente, nós brincamos lá dentro da sala de carrinho e, as vezes nos brincamos lá na sala de carrinho (repetiu) e as vezes lá no parque.

Pesquisador: *É. E quando é que vocês brincam na escola?*

Silvano: Quando nós não temos muita tarefa.

Pesquisador: *Só quando não tem muita tarefa?*

Silvano: (mexeu a cabeça para dizer que sim)

Pesquisador: *E do que vocês brincam?*

Silvano: De carrinho, de pecinha, de (pensou um pouco) no parque e de quebra cabeça.

Pesquisador: *E na sala de aula, dentro da sala vocês também brincam?*

Silvano: Sim.

Pesquisador: *É. E de que vocês brincam dentro da sala?*

Silvano: Nós brincamos de pecinha, de carrinho, de quebra cabeça, de boliche as vezes, e de (pensou) não sei mais.

Pesquisador: *Tá.. Qual é a sua brincadeira preferida?*

Silvano: A minha brincadeira preferida. A minha brincadeira preferida (repetiu a pergunta) é ovo choco.

Pesquisador: *Ovo Choco! E a professora, ela brinca com você?*

Silvano: Sim.

Pesquisador: *E do que a professora brinca com você?*

Silvano: De carrinho, de quebra cabeça, as vezes ela ajuda a montar o quebra cabeça de (incompreensível) peças, (pensou um pouco) e só.

Pesquisador: *Só. E dentro da sala assim, quando vocês brincam né, ah, quando é que vocês brincam dentro da sala, quando é que a professora brinca com vocês ?*

Silvano: Quando ela não tem muita coisa para fazer. Quando a mesa dela (incompreensível).

Pesquisador: *Agora me responde uma coisa do que você gostaria de brincar na escola, mas que não dava pra brincar na escola. Uma coisa que você gostaria muito de brincar, mas não dá.*

Silvano: (pensou por um tempo) A pro deixa tudo brincar, mas não sei.

Pesquisador: *Mas pensa assim, uma coisa que você gostaria de brincar na escola, mas não dá para brincar?*

Silvano: Não sei.

Pesquisador: *Não sabe.*

Silvano: (sacudiu a cabeça fazendo o sinal de não).

Entrevista 04

Criança – João

Data: 19/11/2009

Pesquisador: *O que você vem fazer na escola?*

João: Ah, estudar.

Pesquisador: *E você gosta de brincar?*

João: Sim

Pesquisador: *E na escola você brinca?*

João: Sim.

Pesquisador: *E aonde que você brinca na escola, qual que é o lugar que você brinca?*

João: No parquinho.

Pesquisador: *Só no parquinho?*

João: Em outros lugares também.

Pesquisador: *Quais são esses outros lugares?*

João: Lá no gramado, lá (pensou), é (pensou), na rampa lá, só.

Pesquisador: *E do que você brinca lá no gramado na rampa ?*

João: È, de pega-pega, pega-congela.

Pesquisador: *E quando é que você brinca na escola?*

João: Hum, todo dia.

Pesquisador: *Todo dia, mas quando assim?*

João: No recreio, na educação física.

Pesquisador: *Só no recreio e na educação física?*

João: Sim.

Pesquisador: *E na sala de aula M. você também brinca?*

João: Sim.

Pesquisador: *E você acha que na escola é um lugar para brincar?*

João: Sim.

Pesquisador: *E agora me responde M. qual é a sua brincadeira preferida?*

João: Hum (pensou) polícia e ladrão.

Pesquisador: *Polícia e ladrão. Só essa? Ou tem mais?*

João: Hum Esconde-esconde, pega-pega, e (incompreensível).

Pesquisador: *E a professora, ela brinca com você?*

João: Sim.

Pesquisador: *Quando que ela brinca com você?*

João: Ah, quando nos vamos brincar com os jogos, ah (pensou), é (pensou), quando nos estamos na educação física.

Pesquisador: *E aonde a professora brinca com você?*

João: Lá no gramado, lá dentro da sala, lá no piso.

Pesquisador: *E dentro da sala, quando a professora brinca com vocês, de que vocês brincam lá dentro?*

João: Hum, de boliche, montar pecinhas com negócio lá de montar, e (pensou), e (pensou mais um pouco) boliche.

Pesquisador: *Boliche é?*

João: È.

Pesquisador: *Agora me responde uma coisa ah, do que você gostaria de brincar na escola, mas que não dá para brincar? Uma coisa que você gostaria muito de brincar mais não dá.*

João: (pensou) piscina.

Pesquisador: *De piscina?*

João: Sim.

Entrevista 05

Criança – Isabela

Data: 19/11/2009

Pesquisador: *O que você vem fazer na escola?*

Isabela: Eu venho brincar no parquinho, estudar na sala, ah, eu venho brincar com os dominós, eu venho escrever na sala, a pro deixa nós brincar com tudo que tem lá na sala, ai depois se ela quiser deixar a gente, se ela quiser deixar a gente (repetiu) ir no parquinho ai ela deixa, ai depois nos vamos pra sala, ai ela passa uma tarefa, ai depois (pensou um pouco) nós acabamos, ai depois quem acabou a profe deixa ir no parquinho, ai quando esta na hora de ir embora daí nos vamos. (durante esta resposta, parecia que a A. estava ansiosa para relatar

tudo de uma vez o que vinha fazer na escola).

Pesquisador: *Você gosta de brincar?*

Isabela: Sim.

Pesquisador: *E na escola você brinca?*

Isabela: Sim

Pesquisador: *E você acha que a escola é lugar para brincar também?*

Isabela: É

Pesquisador: *E do que você brinca na escola?*

Isabela: Eu brinco de, no parquinho, eu brinco de dominó, eu estudo, também (pensou um pouco), ai eu brinco (pensou) dos outros dominós né, que tem dominó lá na sala, tem bastante e tem até carrinho para os meninos.

Pesquisador: *E onde que você brinca na escola?*

Isabela: Eu brinco no parquinho né, eu brinco dentro da sala, que a pro deixa brincar dentro da sala.

Pesquisador: *E quando é que vocês brincam?*

Isabela: A gente brinca as vezes, hoje tinha educação física, ai nós, tinha, a pro não veio né, ai tinha três meninas que foram lá cuidar da gente, ai depois a pro, depois nós fomos no parquinho, que acabou a tarefa que as meninas passaram. Uma tarefinha assim do zoológico, ai quando acabou foram lá no parquinho, ai nós não fomos brincar no parquinho, ficamos lá brincando com elas, ai nós (pensou) nós brincamos de telefone sem fio, e depois nos brincamos de alguma coisa, ah esqueci, depois nos fomos no parquinho com o professor que tinha aula, ai tava na hora de ir pra sala que a pro já tava chegando, ai quem queria ir tomar água e ir no banheiro ai foram, ai nos fomos para a sala que nos tinha que copiar uma tarefinha que nos fizemos ainda.

Pesquisador: *E A. qual é a sua brincadeira preferida?*

Isabela: É brincar no parquinho.

Pesquisador: *E na sala de aula você também brinca?*

Isabela: Sim.

Pesquisador: *Do que você brinca dentro da sala de aula?*

Isabela: Brinco de dominó, e só.

Pesquisador: *E a professora, ela brinca com você?*

Isabela: Ela brinca as vezes.

Pesquisador: *Essas vezes quando ela brinca, do que ela brinca com vocês?*

Isabela: Não sei.

Pesquisador: *Não sabe?*

Isabela: (respondeu não mexendo o pescoço)

Pesquisador: *Então me responde uma coisa A. o que você gostaria de brincar na escola, mais que não dá para brincar disso. Uma coisa que você gostaria muito de brincar na escola?*

Isabela: De dominó, é que as vezes a pro não deixa né, que a gente tem tarefa pra fazer.

Pesquisador: *Então quando tem tarefa para fazer a professora não deixa brincar?*

Isabela: (sussurrou que não) dai nos fazemos a tarefa.

Pesquisador: *E depois da tarefa?*

Isabela: Nós vamos brincar dai.

Entrevista 06

Criança – Renan

Data: 09/12/2009

Pesquisador: *O que você vem fazer na escola?*

Renan: Estudar.

Pesquisador: *Só estudar?*

Renan: É, estudar, brincar, (sussurrou) é só isso, estudar, brincar.

Pesquisador: *E você gosta de brincar?*

Renan: Aprender também.

Pesquisador: *E você acha que a escola é lugar para brincar?*

Renan: É, e também para estudar.

Pesquisador: *E na escola você brinca?*

Renan: (emitiu sons que caracterizam sim), na educação física, no lanche, no começo da aula.

Pesquisador: *E de que você brinca na escola?*

Renan: Eu brinco de pega pega, brinco de (pensou) atacar pedra nos riozinhos que tem ali.

Pesquisador: *Nos riozinhos?*

Renan: É naqueles lagoazinhas que dá quando chove.

Pesquisador: *Mas na escola, do que você brinca na escola?*

Renan: De pega pega, esconde esconde e futebol.

Pesquisador: *E onde é que você brinca na escola?*

Renan: Hum, ali no parquinho.

Pesquisador: *Só no parquinho?*

Renan: No começo da aula a gente ainda brinca lá embaixo.

Pesquisador: *E quando é que você brinca na escola?*

Renan: Todo dia quando eu vou para a escola.

Pesquisador: *E na sala de aula você também brinca?*

Renan: Brinco. A professora dá pecinhas para a gente montar, é legal.

Pesquisador: *E qual é a sua brincadeira preferida?*

Renan: Futebol.

Pesquisador: *Só futebol ou tem mais alguma?*

Renan: Só futebol.

Pesquisador: *E a professora, ela brinca com você?*

Renan: (emitiu sons que caracterizavam “sim”)

Pesquisador: *E do que ela brinca com você?*

Renan: Ela brinca....(não finalizou o pensamento), ela conta histórias, ela (pensou) faz pecinhas junto com a gente. É, é assim, e depois a gente estuda.

Pesquisador: *E agora me responde uma coisa J. O que você gostaria de brincar na escola, mas que não dá para brincar?*

Renan: Hum. (pensou)

Pesquisador: *Uma coisa que você gostaria muito de brincar na escola mais não dá para brincar.*

Renan: Isso tá difícil, mais assim o que eu sempre queria brincar era, bom, era construir alguma coisa, construir um carinho, alguma coisa assim de madeira. Só que não dá, não pode.

Pesquisador: *Por que você acha que não pode?*

Renan: Porque, ah na escola é lugar só para brincar e estudar.

Entrevista 07

Criança – Pedro

Data: 09/12/2009

Pesquisador: *O que você vem fazer na escola?*

Pedro: Escrever, e brincar quando dá, a pro deixa, e daí brincar de (pensou) esqueci.

Pesquisador: *E você gosta de brincar?*

Pedro: Gosto

Pesquisador: *E você acha que na escola também é um lugar de brincar?*

Pedro: Acho.

Pesquisador: *E na escola você brinca de que?*

Pedro: De pega pega, de esconde, só de pega pega, e de clica, daquele jogo, (incompreensível) de bater a mão lá por cima da rede

Pesquisador: *E de que mais?*

Pedro: De jogar bola (pensou) e nós brinca de quebra cabeça (pensou) nós brinca de carrinho, dentro da sala, e nos vamos brinca, nos brinca no parquinho, e o resto eu não se lembro.

Pesquisador: *Não lembra?*

Pedro: É.

Pesquisador: *Ta. E aonde é que você brinca na escola?*

Pedro: Em qualquer lugar.

Pesquisador: *Mas qual é o lugar da escola que você mais gosta de brincar?*

Pedro: Na quadra.

Pesquisador: *E quando é que você brinca na escola . Quando é que vocês brincam?*

Pedro: Quando a pro deixa.

Pesquisador: *Só quando a pro deixa?*

Pedro: É.

Pesquisador: *E do que vocês brincam?*

Pedro: Nos fica brincando hum de Educação física, e nos brinca (pensou) no balanço e nos brinca (pensou) em todo lugar.

Pesquisador: *Qual é a sua brincadeira preferida, qual é a brincadeira que você mais gosta?*

Pedro: Mais gosto. De esconde esconde.

Pesquisador: *Só de esconde esconde ou tem mais uma?*

Pedro: Mais uma. E de jogar bola.

Pesquisador: *E na sala de aula, dentro da sala você também brinca?*

Pedro: Quando termina a tarefa pode brincar.

Pesquisador: *Você só pode brincar quando termina a tarefa?*

Pedro: Sim

Pesquisador: *E de que você brinca dentro da sala?*

Pedro: De carrinho.

Pesquisador: *Só de carrinho?*

Pedro: É por que lá só tem carrinho.

Pesquisador: *Só tem carrinho dentro da sala.*

Pedro: E quando nós queremos ler na salinha, nós lê livrinhos.

Pesquisador: *E a professora ela brinca com você?*

Pedro: Ela brinca com nós.

Pesquisador: *É. E de que ela brinca com você?*

Pedro: Hum, ela brinca de quebra cabeça.

Pesquisador: *Só de quebra cabeça?*

Pedro: Só.

Pesquisador: *Agora deixa eu te perguntar uma coisa. Qual é a brincadeira, do que você gostaria de brincar na escola mais que não dá para brincar na escola? Uma coisa que você gostaria muito de brincar mais não dá para brincar na escola?*

Pedro: (pensou) não sei.

Pesquisador: *Mas pensa uma coisa que você gostaria muito de brincar na escola, mais que não dá para brincar disso na escola?*

Pedro: De pega pega.

Pesquisador: *Mais você já não brinca de pega pega na escola?*

Pedro: Não.

Pesquisador: *Não, por que não?*

Pedro: Por que eles não deixam.

Pesquisador: *Mas quem não deixa?*

Pedro: Os alunos, quando eu vou pegar, quando eu pego eles, eles mandam eu pegar de novo.

Pesquisador: *Mas não tem nenhuma brincadeira, uma outra brincadeira que você gostaria de brincar mais que não dá por que é na escola?*

Pedro: Eu sei.

Pesquisador: *Qual?*

Pedro: (pensou) deixa eu ver (pensou novamente) de, (pensou) de pneu assim, eu conseguia pular um pneu alto assim (demonstrou com a mão a altura do pneu)

Pesquisador: *Brincar de pular pneu?*

Pedro: Sim.

Entrevista 08

Criança – Fabio

Data: 09/12/2009

Pesquisador: *O que você vem fazer na escola?*

Fabio: Aprender. Aprender a ler e a escrever.

Pesquisador: *E o que mais?*

Fabio: Só.

Pesquisador: *Você acha que a escola é um lugar para brincar ?*

Fabio: Não.

Pesquisador: *Por que não?*

Fabio: Porque a escola é lugar de fazer tarefa.

Pesquisador: *Só de fazer tarefa?*

Fabio: Fazer tarefa e de brincar, brincar pouco, mais de fazer tarefa.

Pesquisador: *E você gosta de brincar?*

Fabio: Mais ou menos, não muito, eu gosto mais de trabalhar.

Pesquisador: *De trabalhar?*

Fabio: Eu trabalho em casa.

Pesquisador: *E na escola você brinca L?*

Fabio: Brinco.

Pesquisador: *E brinca de que?*

Fabio: De pular pneu, de balanço.

Pesquisador: *E o que mais?*

Fabio: Só.

Pesquisador: *Só. E onde você brinca na escola?*

Fabio: No parque.

Pesquisador: *E tem mais um lugar que você brinca além do parque?*

Fabio: Aqui embaixo quando o parque não pode ir.

Pesquisador: *E quando é que não pode ir no parque?*

Fabio: Quando os alunos vem para a escola o portão sempre esta fechado e não pode ir.

Pesquisador: *E quando é que você brinca na escola?*

Fabio: Só na hora do recreio e quando a professora diz, depois das tarefas pode ir no parque.

Pesquisador: *E na sala de aula você também brinca?*

Fabio: Não, só brinco quando eu termino.

Pesquisador: *Quando termina o que?*

Fabio: A tarefa, que nem tu viu quando tu deu aula.

Pesquisador: *E dentro da sala, do que você brinca dentro da sala?*

Fabio: De escrever palavras com aquelas tampinhas.

Pesquisador: *E a professora ela brinca com você dentro da sala?*

Fabio: Sim.

Pesquisador: *E de que a professora brinca com você?*

Fabio: Ela pega no meu pé as vezes.

Pesquisador: *Mas por que ela pega no seu pé?*

Fabio: Ah, porque as vezes eu faço muito de rir ai ela fala assim meio grosso mas daí depois começa a rir também.

Pesquisador: *Ah é. Mas brincar assim, do que ela brinca com você dentro da sala?*

Fabio: Nada mais. Só isso.

Pesquisador: *Ah brincadeira, jogo ela não faz com você?*

Fabio: Não. A filha dela joga com a gente.

Pesquisador: *Ah é, e qual é que é a sua brincadeira preferida L?*

Fabio: De dentro da sala?

Pesquisador: *È dentro da sala ou, a sua brincadeira preferida, o que você mais gosta de brincar?*

Fabio: Fazer casinha.

Pesquisador: *Casinha? Fazer casinha de que?*

Fabio: De madeira e de eternit, que nem eu faço em casa.

Pesquisador: *Em casa você faz casinha?*

Fabio: (emitiu sons que significassem “sim”) Eu fiz para o meu gato, eu coloquei uma camisa velha dentro, e uma casinha toda de madeira, telhado assim (mostrou com as mãos o tamanho do telhado da casinha do gato) daí do lado eu fiz uma garagenzinha para quando esta chovendo e ele não quer entrar lá dentro. Lá dentro eu coloquei aquele pote junto que vai água e comida no mesmo pote.

Pesquisador: *Que legal L. E agora me responde: Do que você gostaria de brincar na escola, mas que não dá para brincar disso na escola?*

Fabio: (balançou a cabeça) Não sei. Tanta coisa que tem aqui, eu não sei.

Pesquisador: *Mas pensa assim oh. Uma coisa que você queria brincar, mas que não dá para brincar disso na escola?*

Fabio: Que não tem né.

Pesquisador: *Que não tem, que não dá. Uma coisa que você gostaria muito de brincar na escola?*

Fabio: De cama elástica.

Pesquisador: *Você gosta de cama elástica?*

Fabio: (balançou a cabeça) Eu adoro.

Entrevista 09

Criança – Letícia

Data: 09/12/2009

Pesquisador: *O que você vem fazer na escola?*

Letícia: Estudar.

Pesquisador: *Só estudar ou tem mais alguma coisa?*

Letícia: A ler.

Pesquisador: *E você acha que a escola é um lugar para brincar?*

Letícia: Para brincar, para estudar.

Pesquisador: *E você gosta de brincar J?*

Letícia: Sim.

Pesquisador: *E na escola você brinca?*

Letícia: Sim

Pesquisador: *E aonde é que você brinca na escola?*

Letícia: No parque.

Pesquisador: *Só no parque ou tem mais algum lugar?*

Letícia: Dentro da sala de boneca, com as minhas amigas, com a B., a D., M.I.

Pesquisador: *E quando é que você brinca na escola?*

Letícia: Todos os dias.

Pesquisador: *E do que vocês brincam?*

Letícia: De boneca, no parque, de pega pega, de pega congela.

Pesquisador: *Qual é a sua brincadeira preferida?*

Letícia: Pega congela.

Pesquisador: *E na sala de aula, dentro da sala vocês também brincam?*

Letícia: De pega congela, de pega pega não né, de boneca.

Pesquisador: *Dentro da sala vocês brincam de boneca?*

Letícia: (balançou a cabeça fazendo o gesto de sim) No parque a gente brinca só de pega congela e pega pega.

Pesquisador: *Ta, e de que vocês brincam dentro da sala?*

Letícia: Boneca.

Pesquisador: *Só de boneca ou tem mais alguma coisa?*

Letícia: Só de boneca.

Pesquisador: *E a professora, ela brinca com você dentro da sala?*

Letícia: Não.

Pesquisador: *Ela não brinca?*

Letícia: (balançou a cabeça fazendo “não”)

Pesquisador: *E você gostaria que a professora brincasse com você dentro da sala?*

Letícia: (balançou a cabeça) Sim.

Pesquisador: *E o que você gostaria que a professora brincasse com você?*

Letícia: De boneca.

Pesquisador: *Agora me responde uma coisa: O que você gostaria de brincar na escola, mas que não dá para brincar disso na escola?*

Letícia: (pensativa).

Pesquisador: *Uma coisa que você gostaria muito de brincar, mas na escola não pode?*

Letícia: (pensou) Brincar naquela grama lá embaixo.

Pesquisador: *Brincar na grama?*

Letícia: (balançou a cabeça fazendo o gesto de sim).

Entrevista 10

Criança – Fabiana

Data: 09/12/2009

Pesquisador: *O que você vem fazer na escola?*

Fabiana: Eu venho estudar.

Pesquisador: *Só estudar ou mais alguma coisa?*

Fabiana: Estudar, eh, a pro ensinar a gente, eh, a gente tem que fazer tarefa.

Pesquisador: *E você acha que a escola é um lugar para brincar?*

Fabiana: Não (com muita convicção)

Pesquisador: *Não?*

Fabiana: (balançou a cabeça fazendo o gesto de não).

Pesquisador: *E escola é lugar de que?*

Fabiana: De estudar.

Pesquisador: *Mas você gosta de brincar M. I.?*

Fabiana: Eu gosto em casa de brincar, na escola eu gosto de pintar, aprender a ler, a escrever.

Pesquisador: *E na escola você brinca?*

Fabiana: Quando a pro as vezes manda a gente brinca, a gente brinca.

Pesquisador: *Mas você gosta de brincar?*

Fabiana: Sim.

Pesquisador: *E aonde que você brinca na escola?*

Fabiana: Eu brinco no parquinho, eu brinco de pega-pega, ah, de esconde –esconde.

Pesquisador: *Essas são as brincadeiras que você brinca né, mas aonde é que você brinca elas, qual que é o lugar?*

Fabiana: A gente brinca quase perto do parquinho, na grama.

Pesquisador: *Na grama?*

Fabiana: É.

Pesquisador: *E quando é que vocês brincam na grama?*

Fabiana: Na hora do recreio, no final da aula quando a pro deixa uma aula, e quando a gente chega na escola, a pro deixa também uma aula, as vezes.

Pesquisador: *Qual é a sua brincadeira preferida?*

Fabiana: Preferida? É pega-pega e brincar no parquinho.

Pesquisador: *E na sala de aula, dentro da sala você também brinca?*

Fabiana: Não.

Pesquisador: *Não? O que você faz dentro da sala?*

Fabiana: A gente. A pro escreve um negócio no quadro e a gente tem que copiar e fazer o desenho.

Pesquisador: *E a professora, ela brinca com vocês?*

Fabiana: As vezes sim, de joguinho, de dominó.

Pesquisador: *E você gosta quando a professora brinca com você?*

Fabiana: Sim.

Pesquisador: *Agora me responde, ah, do que você gostaria de brincar na escola mas que não dá, que não pode?*

Fabiana: Subir na árvore.

Pesquisador: *Você gosta de subir na árvore?*

Fabiana: (balançou a cabeça fazendo sim)

Pesquisador: *Mas não é perigoso?*

Fabiana: É, mas minha mãe não deixa subir na árvore de casa, porque é muito grande.

Pesquisador: *E na escola tem árvore pra subir?*

Fabiana: Tem.

Pesquisador: *É?*

Fabiana: (emitiu sons para dizer sim).

Entrevista 11

Criança – Valéria

Data: 15/12/2009

Pesquisador: *O que você vem fazer na escola?*

Valéria: Estudar e aprender.

Pesquisador: *Tem mais alguma coisa que você vem fazer na escola além de estudar e aprender? O quê?*

Valéria: Ah...escrever, ler, se apresentar, um monte de coisas!

Pesquisador: *É, e você gosta de brincar, B.?*

Valéria: Gosto.

Pesquisador: *E você acha que na escola também é um lugar pra brincar?*

Valéria: Só no parquinho, quando ta na hora assim ...de ir pro lanche... daí assim...

Pesquisador: *Na escola só da pra brincar no parquinho?É isso?*

Valéria: É.

Pesquisador: *E aonde que você brinca na escola?*

Valéria: No parquinho, no balanço, no escorregador ...

Pesquisador: *E onde mais?*

Valéria: Aonde?

Pesquisador: *É aonde mais?*

Valéria: Eu brinco nos pneu, eu vou no escorregador, eu vou no trezinho...

Pesquisador: *Tudo lá no parquinho?*

Valéria: É... só no parquinho.

Pesquisador: *E quando é que você brinca na escola?*

Valéria: Só no lanche, e assim ...no final da aula e só! E no começo da aula quando ainda não começou.

Pesquisador: *E do que você brinca daí ?*

Valéria: Eu brinco de pega- pega , de esconde- esconde de... (suspirou e pensou) de ovo choco.

Pesquisador: *E com quem que você brinca essas brincadeiras?*

Valéria: Eu brinco com a D., as vezes com R., as vezes com a G. e as vezes, as vezes com o I.

Pesquisador: *E dentro da sala de aula, você também brinca?*

Valéria: Não.

Pesquisador: *Não? O que você faz dentro da sala de aula?*

Valéria: Só estudo e escuto!

Pesquisador: *E a professora, ela brinca com você?*

Valéria: Brinca?

Pesquisador: *É!*

Valéria: Não, ela só ...ela só estuda... assim com a gente... só que brincar não!

Pesquisador: *Não?*

Valéria: (fez sinal de negativa com a cabeça e emitiu um som também de negativa)

Pesquisador: *E qual que é a sua brincadeira preferida?*

Valéria: Pega- pega.

Pesquisador: *Só pega-pega ou tem mais um?*

Valéria: Mais um.

Pesquisador: *Qual?*

Valéria: Brincar de esconde- esconde.

Pesquisador: *Aqui na escola?*

Valéria: É.

Pesquisador: *E agora me responde uma coisa: do que você gostaria de brincar na escola mais que não dá pra brincar disso na escola?*

Valéria: Que não dá?

Pesquisador: *É, uma coisa que você gostaria muito de brincar na escola, mas que não dá pra brincar disso!*

Valéria: Ta, lá... lá atrás da escola, só que eu não brinco lá porque não pode! Porque lá só tem as frutas, as plantas.

Pesquisador: *E do que você gostaria de brincar lá atrás da escola?*

Valéria: De esconde- esconde, de pega- pega, de contar... assim árvore...

Pesquisador: *Ah, é?*

Entrevista 12

Criança – Sérgio

Data: 15/12/2009

Pesquisador: *O que você vem fazer na escola?*

Sérgio: Humm Estudar.

Pesquisador: *E o que mais?*

Sérgio: Humm... também (pausa) ir no lanche...(pensou)

Pesquisador: *E você gosta de brincar ?*

Sérgio: Sim.

Pesquisador: *E você acha que a escola é um lugar pra brincar?*

Sérgio: Não sei.

Pesquisador: *Não sabe? Mas pensa na escola, você acha que a escola é um lugar pra brincar?*

Sérgio: Humm, não sei (pensou) acho que sim (pensou) lugar pra brincar e estudar.

Pesquisador: *E na escola, você brinca?*

Sérgio: Hahaam.

Pesquisador: *E onde é que você brinca na escola?*

Sérgio: Hummm (pensou) por assim, aqui embaixo (pensou), às vezes, as vezes eu brinco com alguém do banco assim...às vezes no parque...

Pesquisador: *E quando é que vocês brincam na escola?*

Sérgio: (Pensou) Humm, na hora do lanche e quando a minha professora deixa.

Pesquisador: *E do que vocês brincam?*

Sérgio: Humm, às vezes nós brincamos de (pensou) brincar assim (pensou) de Power Rangers também (pensou) também “brincamos”, às vezes de (pensou) umas brincadeiras (ficou pensativo nesta resposta)

Pesquisador: *Que brincadeiras?*

Sérgio: Às vezes de par ou ímpar, também de pedra, papel e tesoura

Pesquisador: *Pedra, papel e tesoura?*

Sérgio: È.

Pesquisador: *Como é isso?*

Sérgio: Assim com a mão (fez gestos mostrando como é a brincadeira) é assim com a mão oh, assim é pedra, assim é papel e assim tesoura.

Pesquisador: *Legal e quem é que inventou essa brincadeira?*

Sérgio: Oh, não sei. Eu conhecia.

Pesquisador: *Já conhecia?*

Sérgio: Hamm hamm

Pesquisador: *E na sala de aula, você também brinca?*

Sérgio: Hamm hamm, às vezes com os jogos, quando a professora deixa depois que faz as tarefas.

Pesquisador: *Na sala, você só brinca depois que faz a tarefa?*

Sérgio: È.

Pesquisador: *E de que você brinca dentro da sala?*

Sérgio: Ah, com jogos (**pensou**) também às vezes com jogo de varetas (**pensou novamente**) também às vezes com jogo da memória.

Pesquisador: *E a professora, ela brinca com vocês?*

Sérgio: Às vezes.

Pesquisador: *Quando são essas vezes?*

Sérgio: Ah, quando ela quer, ela brinca.

Pesquisador: *E qual é a sua brincadeira preferida?*

Sérgio: Hammm, jogo de varetas.

Pesquisador: *E agora me responde uma coisa: do que você gostaria de brincar na escola, mas que não dá pra brincar disso na escola?*

Sérgio: (**pensou**) Hummm, aí de (**silêncio**)

Pesquisador: *Pensa uma coisa que você gostaria de brincar muito na escola, mas que não dá pra brincar disso na escola!*

Sérgio: Humm ta bom (**bastante pensativo**) hummm já sei, brincar assim de se balançar naqueles negócio assim, sabe né, assim pra se balançar com aquelas cordas assim.

Pesquisador: *Que negócios?*

Sérgio: É tipo, é assim oh uma bola e correntes.

Pesquisador: *Tipo um balanço?*

Sérgio: É, mas só que ai é um pouco mais alto e tem que segurar com a mão e não dá pra sentar.

Pesquisador: *Ah, tem que ficar em pé?*

Sérgio: Humm humm

Pesquisador: *Legal!*

Sérgio: Tem que pular pra pegar e se balançar pra frente.

APENDICE 5 – Quadro de Análises 02

Quadro de análise dos sujeitos – Entrevistas realizadas em abril/maio 2010

Sujeitos	Brincar é?	Por que você Estuda?	Lugares permitidos para brincar?	Lugares não permitidos para brincar?	A gente aprende a brincar? Por que?	Segundo ano brinca mais do que primeiro? Por que?
CRISTIAN	Brincar de balanço, pega-pega, esconde-esconde, de bola.	Pai manda, para ser um jogador de futebol e dar entrevistas.	Parquinho e gramado.	Nas flores.	Sim. A gente aprende a fazer Ed. Física.	Não. A gente tem que escrever.
MAIRA	Legal	Aprender a ler e a escrever	No parque e aonde tem os livros	Atrás da escola e “aqui embaixo”	Sim, porque sempre descobrimos um novo jogo	Não, porque agora tem mais coisas para estudar
SILVANO	Brincar de bicicleta, pega-pega e esconde-esconde	Aprender continhas, ler e escrever	No parque, na sala onde tem brinquedos e livrinhos	Na árvore, na rampa e onde tem aquela máquina	Sim, para aprender a brincar direito	Mais ou menos. É mais divertido no 2º ano
JOÃO	Não participou da segunda fase da entrevista					
ISABELA	Brincar de brinquedo	Aprender a ler e a escrever	No cantinho e no parque.	No banheiro das meninas e “aqui embaixo”.	Não sei.	Só um pouquinho.
RENAN	Divertir, brincar de pega-pega, esconde-esconde, brincar de qualquer coisa	Porque minha mãe disse que para ser um menino trabalhador tem que estudar	Na quadra, na quadra de areia e as vezes no parquinho	Atrás da escola	Aprende, por que assim, é coisa de criança	Menos, porque agora tem que estudar mais
PEDRO	Brincar de carrinho, de jogar bola	Para aprender a ler e a escrever	Em todos os lugares	Perto da minha sala	Sim, depois que aprende a escrever aprende a	Não, escrevo mais do que brinco

					brincar também	
FABIO	Brincar de pega-pega, esconde-esconde e pular corda	Porque eu gosto	No parquinho e “aqui embaixo”	Ali atrás	Sim	Não, só de vez em quando
LETÍCIA	È legal, porque brinco com minhas amigas	Não foi realizada essa pergunta	No parquinho e lá onde é o lanche	Aqui embaixo e lá onde tem as máquinas	Como brincar não.	Sim, porque a professora deixa a gente ir no cantinho
FABIANA	Brincar de pega-pega	Para aprender a ler e a escrever	Parquinho e dentro do pátio da escola	“Ali atrás” e na rua	Não, porque a gente tá brincando e não estudando	Sim, porque agora a gente tá mais grande
VALÉRIA	É legal, correr e brincar no balanço	Pra aprender a ler e a escrever	Só posso brincar “por aqui” e no parquinho	Perto das máquinas, na grama e fora da escola	Sim, aprendi a brincar de fantasia	Menos, porque agora tem muita coisa para fazer
SÉRGIO	Legal. Um pouco.	Aprender mais coisa, aprender inglês	No cantinho e na calçada	“Ali atrás né”	Sim para não fazer coisa que não pode na brincadeira	Um pouquinho menos, porque tem que tirar notas boas

APENDICE 6 – Transcrição das entrevistas 02.

Transcrição da segunda etapa de entrevistas realizadas com os mesmos sujeitos da pesquisa. Neste momento as crianças estão frequentando o segundo ano do Ensino Fundamental e foram ouvidas sobre o que pensam sobre o brincar e a brincadeira neste período.

Entrevista 01

Criança – Cristian

Data: 26/05/2010

Pesquisador: *R. para você o que é brincar?*

Cristian: È brincar de balanço, brincar de pega-pega, esconde-esconde, de bola.

Pesquisador: *E na escola você brinca com quem?*

Cristian: Com o M. A. e o G.

Pesquisador: *E do que vocês brincam?*

Cristian: De futebol.

Pesquisador: *E fora da escola você brinca do que?*

Cristian: Assim quando eu saio da escola.

Pesquisador: *È, quando você não esta na escola?*

Cristian: De futebol também.

Pesquisador: *Só de futebol?*

Cristian: *(Balançou a cabeça dizendo sim).*

Pesquisador: *Você gosta de brincar de futebol?*

Cristian: È, daí em casa eu também jogo play 2 de futebol também.

Pesquisador: *E por que você brinca R.?*

Cristian: Porque eu gosto.

Pesquisador: *E por que você estuda?*

Cristian: Porque meu pai manda, que se um dia eu for jogador de futebol daí tem que dar entrevista. Se eu não saber daí eles vão me tirar.

Pesquisador: *Humm. E na escola você pode brincar aonde? Qual que é o lugar que você*

pode brincar na escola?

Cristian: Lá no parquinho onde eles brincam.

Pesquisador: *Só no parquinho ou tem mais um lugar?*

Cristian: È lá no gramado.

Pesquisador: *E tem um lugar na escola que você não pode brincar?*

Cristian: Tem.

Pesquisador: *Aonde?*

Cristian: Nas flores.

Pesquisador: *E se pudesse brincar nas flores, do que você brincaria?*

Cristian: (pensou) Não sei.

Pesquisador: *Não sabe. E no recreio, do que você brinca com seus colegas na hora do lanche?*

Cristian: De correr.

Pesquisador: *Correr aonde?*

Cristian: Ah, lá onde eles jogam volei.

Pesquisador: *E agora que você esta no segundo ano R. você brinca mais do que quando você estava no primeiro ano?*

Cristian: Não, quando eu tava no primeiro ano eu brincava mais.

Pesquisador: *E de que você brincava no primeiro ano?*

Cristian: A mesma coisa de futebol. Futebol, ir no parquinho.

Pesquisador: *E na sala de aula, você brinca mais na sala de aula do segundo ano ou brincava mais na sala de aula do primeiro ano?*

Cristian: (pensou) Não sei. No segundo ano a gente tem que escrever, no primeiro nós não escrevia muito.

Pesquisador: *Então agora no segundo ano dentro da sala vocês não brincam?*

Cristian: Não.

Pesquisador: *Não?*

Cristian: Não.

Pesquisador: *E você acha R. que existe diferença entre brincar e estudar?*

Cristian: Existe.

Pesquisador: *Qual que é a diferença?*

Cristian: Porque brincar é pra brincar e quando chegar dentro da sala é pra estudar, pra escrever.

Pesquisador: *E a gente aprende a brincar? Assim como a gente aprende a ler, a escrever,*

você acha que a gente também aprende a brincar?

Cristian: Sim.

Pesquisador: *Como é que se aprende a brincar?*

Cristian: A fazer Educação Física, fazer Educação Física.

Entrevista 02

Criança – Maira

Data: 28/04/2010

Pesquisador: *L. Para você brincar é?*

Maira: (pensou) É legal.

Pesquisador: *Por que é legal?*

Maira: Porque (pensou) porque eu gosto de brincar.

Pesquisador: *É, e na escola você brinca com?*

Maira: Com a minha amiga N.

Pesquisador: *Só com a N.?*

Maira: É, e com a E.

Pesquisador: *É. E do que você brinca na escola?*

Maira: Às vezes de pega pega, (pensou) e às vezes (pensou) e às vezes quando os meninos ficam inticando nós a gente pega eles.

Pesquisador: *Ah é. ?*

Maira: De brincadeira.

Pesquisador: *E fora da escola você brinca de que?*

Maira: De, às vezes com as minhas bonecas, (pensou) e às vezes com a minha prima de (pensou novamente) de desenhar eu acho.

Pesquisador: *Desenhar. E o que vocês desenham?*

Maira: Às vezes desenhamos flor, às vezes casa, árvore.

Pesquisador: *E por que você brinca L?*

Maira: Porque, porque às vezes quando eu faço a minha tarefa, ai não tem nada para fazer.

Pesquisador: *E por que você estuda L.?*

Maira: Para aprender.

Pesquisador: *Aprender o quê?*

Maira: A ler, a escrever.

Pesquisador: *E na escola, você pode brincar aonde?*

Maira: No parque e aonde tem os livros.

Pesquisador: *E aonde é que na escola você não pode brincar?*

Maira: Ah, atrás da escola, e (pensou) aqui embaixo.

Pesquisador: *E se você pudesse brincar atrás da escola, do que você brincaria?*

Maira: De esconde-esconde.

Pesquisador: *Por que de esconde-esconde?*

Maira: Porque tem bastante lugar para esconder.

Pesquisador: *E no recreio você brinca com seus colegas?*

Maira: (balançou a cabeça) Sim.

Pesquisador: *E de que vocês brincam no recreio?*

Maira: De pegar os meninos, porque eles só ficam inticando.

Pesquisador: *E assim L. agora que você está no segundo ano, você brinca mais do que quando você estava no primeiro ano?*

Maira: Não. (balançando a cabeça).

Pesquisador: *Por que não?*

Maira: Porque a gente tem mais coisas para estudar.

Pesquisador: *E na sala agora do segundo ano você não brinca?*

Maira: Brinco.

Pesquisador: *E do que você brinca na sala?*

Maira: Às vezes de montar peças e às vezes de lê.

Pesquisador: *Brincar de ler?*

Maira: É.

Pesquisador: *E como é que é essa brincadeira de ler?*

Maira: A gente tem que ler uma palavra, a gente tem que, a gente tem que escrever uma palavra e o outro têm que ler.

Pesquisador: *E quem ensinou essa brincadeira?*

Maira: Eu.

Pesquisador: *Você?*

Maira: (balançou a cabeça).

Pesquisador: *Que legal.*

Pesquisador: *L. agora que você está no segundo ano, você brinca mais quando você estava no primeiro ano?*

Maira: Não.

Pesquisador: *Por que não?*

Maira: Porque agora tem coisas, tem mais coisas para aprender.

Pesquisador: *E na sala de aula, você brincava mais na sala de aula do primeiro ano ou do segundo ano?*

Maira: Na sala do primeiro porque a professora deixava mais brincar, porque lá não precisava ler e escrever.

Pesquisador: *E agora na sala do segundo então vocês não brincam?*

Maira: Não. Só quando a professora deixa.

Pesquisador: *E quando ela deixa, vocês brincam do quê?*

Maira: De ler histórias (respondeu com bastante ênfase) e de montar quebra-cabeças.

Pesquisador: *E você acha L. que existe diferença entre brincar e estudar? Ou isso é a mesma coisa?*

Maira: Eu acho que tem uma diferença.

Pesquisador: *Qual é a diferença então entre o brincar e o estudar?*

Maira: Porque estudar é, é escrever e a ler.

Pesquisador: *E brincar?*

Maira: E brincar é pra brincar, é pra montar, é pra correr.

Pesquisador: *Legal. E L. você acha que a gente aprende a brincar? Assim como a gente aprende a ler, a escrever a gente também aprende a brincar?*

Maira: Sim.

Pesquisador: *Por que você acha que a gente aprende a brincar?*

Maira: Porque as vezes a gente sempre descobre um novo jogo.

Pesquisador: *Que legal!*

Entrevista 03

Criança – Silvano

Data: 19/11/2009

Pesquisador: *Para você brincar é?*

Silvano: Brincar de bicilceta, pega-pega, esconde-esconde.

Pesquisador: *E na escola você brinca de que?*

Silvano: As vezes a gente brinca de pega-pega e as vezes a gente só conversa.

Pesquisador: *Vocês brincam de conversar?*

Silvano: È, a gente brinca de conversar e brinca de pega-pega as vezes.

Pesquisador: *E me explica como é essa brincadeira de conversar?*

Silvano: Conversar, conversar pelo... a tarefa que a gente faz, o que a gente assistiu no filme, DVD.

Pesquisador: *E com quem você brinca essas brincadeiras de conversar, de pega-pega?*

Silvano: Um menino do terceiro, quarto ano, o menino da creche, hummm, o R. Ah, (pensou) também (pensou) o meu irmão e só.

Pesquisador: *E fora da escola você brinca de que?*

Silvano: Fora da escola?

Pesquisador: *É.*

Silvano: Ai, eu sempre venho de bicicleta para casa, eu não brinco de nada.

Pesquisador: *E por que você brinca M.A.?*

Silvano: Porque a gente gosta de se divertir assim um pouco né.

Pesquisador: *E por que você estuda?*

Silvano: Pra aprender.

Pesquisador: *Aprender o que?*

Silvano: Continhas, ler, escrever.

Pesquisador: *E na escola, aonde é o lugar que você pode brincar?*

Silvano: No parque.

Pesquisador: *Só no parque?*

Silvano: No parque, tem sala que tem brinquedo, livrinho assim para a gente brincar.

Pesquisador: *E aonde é na escola que não pode brincar?*

Silvano: Na árvore, lá naquela rampa e lá perto da máquina.

Pesquisador: *E por que não pode brincar na árvore?*

Silvano: Porque senão pode quebrar o braço, a perna.

Pesquisador: *E na rampa?*

Silvano: Na rampa? Porque também pode cair e quebrar a cabeça.

Pesquisador: *E se você pudesse brincar na árvore, na rampa, do que você brincaria lá?*

Silvano: Na rampa eu brincaria de correr e descer, correr bastante assim. Na árvore eu gostaria de subir nela.

Pesquisador: *E no recreio você brinca de que M.A.?*

Silvano: Recreio, a gente... eu vou também brincar de (pensou) assim (pensou novamente) Como é que é o nome? Pega-congela e de esconde-esconde

Pesquisador: *E agora me responde uma coisa: agora que você está no segundo ano, você brinca mais do que quando você estava no primeiro ano?*

Silvano: Mais ou menos.

Pesquisador: *Mas me fala, você brinca mais quando você estava no primeiro ano ou você brinca mais agora que você tá no segundo ano?*

Silvano: No segundo.

Pesquisador: *No segundo?*

Silvano: Porque no segundo é mais divertido.

Pesquisador: *E por que é mais divertido?*

Silvano: Porque no, no primeiro ano a gente tem que fazer mais coisas, daí não é só ficar no parque brincando, tem que aprender alguma coisa, a gente quase não vai nenhuma vez no parque, daí só fica na sala fazendo coisa.

Pesquisador: *Isso era no primeiro ano?*

Silvano: No segundo ano também, também não vai pro parque.

Pesquisador: *Ah tá, mas então você disse que você brinca mais no primeiro ou no segundo ano?*

Silvano: No segundo.

Pesquisador: *E dentro da sala do segundo ano vocês também brincam?*

Silvano: Sim a gente brinca um pouco no cantinho.

Pesquisador: *Que cantinho?*

Silvano: A gente tem um cantinho assim de livrinhos, o cantinho do texto.

Pesquisador: *Ah e lá da para brincar também?*

Silvano: Da. Tá cheio de brinquedos lá.

Pesquisador: *E você acha que existe alguma diferença entre brincar e estudar?*

Silvano: Não.

Pesquisador: *Brincar e estudar é a mesma coisa?*

Silvano: Eu acho que não.

Pesquisador: *Tá, então me diz qual é que é a diferença entre brincar e entre estudar?*

Silvano: Porque estudar é mais importante do que brincar.

Pesquisador: *E por que estudar é mais importante?*

Silvano: Pra gente não ficar burro.

Pesquisador: *Daí você acha que o brincar não é importante?*

Silvano: È, não é.

Pesquisador: *Não? Não é tanto?*

Silvano: È.

Pesquisador: *E você acha que a gente aprende a brincar?*

Silvano: Sim, que a gente tem que aprender a brincar direito né, não empurrar um ao outro.

Entrevista 04 - Criança – João (Não foi possível realizar a segunda etapa da entrevista com esta criança, pois a mesma não se encontra mais na escola).

Entrevista 05

Criança – Isabela

Data: 12/05/2010

Pesquisador: *A. para você brincar é?*

Isabela: (pensou por um tempo e não respondeu)

Pesquisador: *O que é brincar?*

Isabela: Brincar de brinquedo

Pesquisador: *E na escola você brinca do que A.?*

Isabela: Nós brinquemos com o professor, ele amarra corda lá na árvore, aí nós sobe e tem que cuidar para não cair, se cair daí tem que voltar pra fila de novo.

Pesquisador: *Que professor é esse que vocês brincam na escola?*

Isabela: É o professor A.

Pesquisador: *E vocês só brincam com o professor?*

Isabela: Não, nós brinquemos também com a professora, ela lê historinha também. Quando as vezes ela deixa nos brinca ali no cantinho, tem bastante brinquedo, aí eu brinco, ai quando ela deixa pra brincar ali nas roupas aí nos vamos, mas quando não é aí nós não vamos. Aí ela deixa nos ler os livrinhos e nos lemos, ai quando terminou, aí vai ver outro.

Pesquisador: *E fora da escola A. do que você brinca?*

Isabela: De pular pneu quando a pro deixa, ou brincar nos balanços ou escorregar.

Pesquisador: *Ta, mas assim oh, fora da escola, não aqui na escola, quando você não esta na escola, em casa, de que você brinca?*

Isabela: Eu não lembro.

Pesquisador: *Você não lembra do que você brinca quando não esta na escola?*

Isabela: Só lembro que as vezes eu pinto, eu tenho um livrinho lá de pintar.

Pesquisador: *Legal, e por que você brinca?*

Isabela: Porque me dá vontade.

Pesquisador: *E por que você estuda?*

Isabela: Porque tem que aprender a ler, a escrever.

Pesquisador: *E na escola aonde é os lugares que você pode brincar A.?*

Isabela: Lá no cantinho, ali no parquinho (pensou e não respondeu mais nada).

Pesquisador: *Aonde que fica esse cantinho?*

Isabela: Lá dentro da sala, da nossa sala.

Pesquisador: *E o que que tem nesse cantinho?*

Isabela: Tem vários brinquedos.

Pesquisador: *E tem um lugar na escola aonde você não pode brincar? Onde é proibido, onde não dá para ir brincar? Tem esse lugar na escola?*

Isabela: No banheiro das meninas.

Pesquisador: *Só no banheiro das meninas ou tem mais um lugar?*

Isabela: (pensou) Aqui embaixo.

Pesquisador: *Aonde aqui embaixo?*

Isabela: Aqui fora (demonstrou com as mãos a frente da escola).

Pesquisador: *E se você pudesse brincar aqui embaixo, do que você iria brincar aqui?*

Isabela: (pensou por um momento) esconde-esconde.

Pesquisador: *E no recreio você brinca do que A.?*

Isabela: (pensou) As vezes eu brinco de pega-pega ou de esconde-esconde.

Pesquisador: *E com quem que você brinca no recreio?*

Isabela: Com as minhas amigas.

Pesquisador: *E agora que você esta no segundo ano A., você brinca mais do que quando você estava no primeiro ano?*

Isabela: (balançou a cabeça dizendo "sim")

Pesquisador: *Por que agora você brinca mais?*

Isabela: (pensou) Não sei.

Pesquisador: *E na sala de aula do segundo ano, você brinca mais agora, ou brincava mais quando estava na sala do primeiro ano?*

Isabela: Eu brincava mais na sala do primeiro ano porque nessa outra a profe quase não deixa nos ler livrinhos, porque até hoje nós lemos.

Pesquisador: *Ah é? Então na sala do segundo ano vocês não brincam?*

Isabela: Quase um pouquinho, um pouquinho mais.

Pesquisador: *E A. você acha que existe diferença entre brincar e estudar, ou isso é a mesma coisa?*

Isabela: Eu acho a mesma coisa.

Pesquisador: *Brincar é a mesma coisa que estudar?*

Isabela: Eu acho.

Pesquisador: *Por que você acha?*

Isabela: Não sei.

Pesquisador: *E assim A. você acha que a gente aprende a brincar? Assim como a gente aprende a ler e a escrever, a gente também aprende a brincar?*

Isabela: Não sei.

Pesquisador: *Não sabe?*

Isabela: Não.

Entrevista 06

Criança – Renan

Data: 28/04/2010

Pesquisador: *J. Para você, o que é brincar?*

Renan: È se divertir, brincar de pega-pega, esconde-esconde, brincar de qualquer coisa

Pesquisador: *E na escola você brinca com quem?*

Renan: Eu brinco com o M.A. e o R..

Pesquisador: *E de que vocês brincam?*

Renan: A gente brinca de, de pega, assim de pega-pega as meninas, daí elas se escondem no banheiro, daí a gente fica atrás da porta e a gente brinca com elas. E, a gente também brinca de bola na Educação Física.

Pesquisador: *E fora da escola você brinca de que?*

Renan: De andar assim em cima daquele negócio, tipo um negócio que fica na frente da calçada. A gente fica andando.

Pesquisador: *E daí você brinca nesse negócio sozinho, ou com colegas, como é que é?*

Renan: Com as minhas duas irmãs e o meu irmão fica junto, meu irmão maior.

Pesquisador: *E me conta como é que é essa brincadeira?*

Renan: Ah, a gente anda e quem cair perde ponto.

Pesquisador: *Ah é.*

Renan: Quem cair no negócio que é bem fininho assim (**demonstrou com a mão o quanto é fino o canto da calçada**) daí a gente anda assim e quem cai perde ponto.

Pesquisador: *È?*

Renan: Aham.

Pesquisador: *E por que você brinca J.?*

Renan: Porque eu sou uma criança.

Pesquisador: *E você acha que só criança é que brinca?*

Renan: Ah, tem adultos que também brincam, tipo meu irmão, ele também brinca com a minha irmãzinha

Pesquisador: *Ah è?*

Renan: Ahum.

Pesquisador: *E por que você estuda J.?*

Renan: O que?

Pesquisador: *Por que você estuda?*

Renan: Bom, porque eu, porque a minha mãe disse que eu tem que ser um menino trabalhador, e para ser trabalhador tem que primeiro estudar, daí eu estudo.

Pesquisador: *E na escola, aonde é que você pode brincar?*

Renan: Na quadra, na quadra de areia, no parquinho (pausa) no parquinho às vezes, por que às vezes ta fechado né?

Pesquisador: *E por que ta fechado?*

Renan: Porque as merendeiras fecham. Assim fecham o portão e não pode entrar.

Pesquisador: *E por que você acha que elas fecham o portão?*

Renan: Por que a... Aquele escorregador, os balanços onde um menino deu com um balanço na cabeça, por isso às vezes né, daí algum acidente que pode acontecer também.

Pesquisador: *Ah, E me diz uma coisa, aonde é que na escola você não pode brincar?*

Renan: Hummm. Atrás.

Pesquisador: *Atrás da onde?*

Renan: Da escola.

Pesquisador: *E por que não pode ir atrás da escola?*

Renan: Porque faz parte das ordens da escola. Porque a escola... Que são boas né, daí eles, aí pode até ter uma cobra, porque ali tem mato.

Pesquisador: **Mas você gostaria de brincar ali atrás?**

Renan: Ah, sim. (sorridente, com a sensação de estar no espaço atrás da escola) Se se pudesse eu brincaria ali naquele espaço ali.

Pesquisador: **Ta, então me diz uma coisa se você pudesse brincar atrás da escola, do que você brincaria?**

Renan: De se esconder atrás das árvores, de pega-pega, porque o jardim é fresco daí eu posso brincar, eu também tenho um jardim bem grande para brincar lá em casa.

Pesquisador: *È, e J. no recreio do que você brinca com seus colegas?*

Renan: Daquilo de brincar, de pegar as meninas, de pega-pega, de bola que às vezes os meninos, às vezes o Jader, o Jader não estuda mais, mas às vezes o R. o M., ou eu traziam a

bola daí a gente brinca lá na quadra.

Pesquisador: ***È. E me responde uma coisa: agora que você tá no segundo ano, você brinca mais do que quando tava no primeiro ano?***

Renan: Não.

Pesquisador: ***Não, por que não?***

Renan: Porque agora, ah... Antes a professora J. ela com os que eram mais espertos terminavam, que era eu, a L. e (pensou) o M. eles terminavam, eles iam para o parquinho, daí a gente brincava, e a gente, a gente só vai ali no cantinho.

Pesquisador: ***Então na sala agora do segundo ano vocês não brincam?***

Renan: Não, a gente brinca no cantinho, que é um lugar onde tem, tem brinquedos que fica dentro da nossa sala.

Pesquisador: ***E quando é que vocês brincam nesse cantinho?***

Renan: Às vezes quando a gente terminou, ou aqueles dias, tipo natal que, não natal não tem aula né, mas quando está chegando natal a gente brinca bastante né, a gente já bota as coisas de natal, daí a gente faz, a gente pega grafite recorta e faz ovinhos, que nem a minha professora fez um rabanete pra, pra apresentação, e daí a gente, é a gente, daí a gente brinca, come alguns doces que a professoras traz e só.

Pesquisador: ***J. agora que você está no segundo ano você brinca mais do que quando você estava no primeiro ano?***

Renan: Eu brinco menos.

Pesquisador: ***Por que agora você brinca menos?***

Renan: Porque agora tem que estudar mais.

Pesquisador: ***Então agora na sala do segundo ano vocês não brincam?***

Renan: Não a gente brinca, só que agora a gente não brinca tanto que nem no primeiro ano, que nem na turma de cinco. A gente brinca mais quando a gente termina as contas, as coisas que a professora faz e bota no quadro.

Pesquisador: ***J. você acha que existe diferença entre estudar e brincar, ou é a mesma coisa?***

Renan: Não é a mesma coisa.

Pesquisador: ***Por que não é a mesma coisa?***

Renan: Porque estudar ela ensina a criança a (pensou), a saber o alfabeto, a saber as letras, é, saber bastante coisas.

Pesquisador: ***E brincar?***

Renan: E brincar é uma diversão que as crianças (pensou) fazem.

Pesquisador: ***E só mais uma pergunta: J. você acha que a gente aprende a brincar? Assim***

como a gente aprende a ler, aprende a escrever, aprende a fazer contas, a gente também aprende a brincar?

Renan: È aprende né, porque assim, uma duas vezes, assim as crianças também servem para estudar elas podem brincar as vezes né, porque é coisa de criança.

Entrevista 07

Criança – Pedro

Data: 12/05/2010

Pesquisador: *C. para você o que é brincar?*

Pedro: Hum brincar de carrinho, brincar de jogar bola, brincar de, de (pensou) não sei mais.

Pesquisador: *E na escola você brinca de quê?*

Pedro: De pega-pega, de esconde-esconde.

Pesquisador: *E com quem você brinca na escola?*

Pedro: Com todos os amigos. Com todo mundo.

Pesquisador: *E fora da escola, você brinca de que?*

Pedro: È. (pensou)

Pesquisador: *Quando você não está na escola, quando está em casa, num outro lugar, do que você brinca?*

Pedro: Em casa eu ando de bici, de bicicleta.

Pesquisador: *E o que mais?*

Pedro: Eu brinco com o meu amigo lá em casa, que ele sempre vai lá brincar comigo.

Pesquisador: *E por que você brinca?*

Pedro: Porque é legal. E quando eu venho para a escola eu estudo.

Pesquisador: *Ta. E por que você estuda C.?*

Pedro: Pra aprender.

Pesquisador: *Aprender o que?*

Pedro: Aprender a escrever, aprender a ler.

Pesquisador: *E me diz aonde é aqui na escola os lugares que você pode brincar?*

Pedro: Dentro da escola.

Pesquisador: *È dentro da escola que lugar aqui que você pode ir brincar?*

Pedro: (pensou) Em todos os lugares.

Pesquisador: *E qual é o lugar que você mais gosta de brincar então?*

Pedro: Lá em cima. No parquinho.

Pesquisador: *No parquinho?*

Pedro: È.

Pesquisador: *E tem um lugar aqui na escola que não pode ir brincar?*

Pedro: È.

Pesquisador: *Que lugar é esse?*

Pedro: Lá perto da minha sala.

Pesquisador: *Mas o que tem lá perto da sua sala?*

Pedro: Abelha.

Pesquisador: *Tem abelhas?*

Pedro: È.

Pesquisador: *Mais aonde lá tem abelhas, dentro da sala?*

Pedro: Não. Fora da sala, é que nem lá naquele matinho a pro briga porque tem lá, tem muita abelha, uma já foi picada lá.

Pesquisador: *Daí não pode brincar lá?*

Pedro: (balançou a cabeça dizendo “não”).

Pesquisador: *E se pudesse brincar lá, do que que você ia brincar?*

Pedro: De esconde-esconde.

Pesquisador: *E no recreio, você brinca do que? Na hora do lanche.*

Pedro: De, de nada.

Pesquisador: *De nada? No recreio você não brinca?*

Pedro: Eu só fico comendo.

Pesquisador: *Hum, e agora que você esta no segundo ano, você brinca mais do que quando você estava no primeiro ano?*

Pedro: Eu mais escrevo do que brincar. Eu mais escrevo do que brincar.

Pesquisador: *Escreve mais do que brinca?*

Pedro: È.

Pesquisador: *Então não brinca na sala do segundo ano?*

Pedro: Não.

Pesquisador: *Não pode brincar lá dentro?*

Pedro: Pode sim, mas só quando a pro deixa.

Pesquisador: *E quando é que a pro deixa?*

Pedro: Uns dias só. Só, só quando nos termina a tarefa ela deixa

Pesquisador: *È?*

Pedro: È.

Pesquisador: *E você acha que existe diferença entre brincar e estudar? Ou é a mesma coisa.*

Brincar e estudar é a mesma coisa?

Pedro: É a mesma coisa.

Pesquisador: *Por que é a mesma coisa?*

Pedro: Porque estudar e e e e e e e e e brincar é a mesma, é a mesma coisa.

Pesquisador: *E a gente aprende a brincar assim como a gente aprende a ler e a escrever?*

Pedro: Aprende.

Pesquisador: *Como é que a gente aprende a brincar?*

Pedro: Brincando. Brincando assim ô, com (pensou por um instante) depois que aprende a escrever aprende a brincar também.

Pesquisador: *E você já aprendeu a brincar?*

Pedro: (balançou a cabeça dizendo "sim").

Pesquisador: *E do que você aprendeu a brincar?*

Pedro: Eu não sabia jogar futebol e agora eu aprendi.

Entrevista 08

Criança – Fabio

Data: 05/05/2010

Pesquisador: *Para você L. o que é brincar?*

Fabio: (pensou) Tem muitas coisas que eu gosto de brincar.

Pesquisador: *Mas eu perguntei o que é brincar?*

Fabio: Brincar de pega-pega, pular corda, brincar de esconde-esconde.

Pesquisador: *E na escola você brinca do que?*

Fabio: Pega-pega.

Pesquisador: *E com quem que você brinca de pega-pega?*

Fabio: Com o M., o M. com o R., com outros de outras salas.

Pesquisador: *E por que vocês brincam?*

Fabio: Porque nos gostemos de brincar.

Pesquisador: *E fora da escola do que você brinca?*

Fabio: De bicicleta, pega-pega também, de esconde-esconde.

Pesquisador: *E por que você estuda L.?*

Fabio: Porque eu gosto.

Pesquisador: *E na escola aonde que é o lugar que você pode brincar?*

Fabio: No parquinho e aqui embaixo.

Pesquisador: *Só nesses dois lugares?*

Fabio: Não.

Pesquisador: *Aonde mais?*

Fabio: Dentro da sala.

Pesquisador: *Dentro da sala vocês também brincam?*

Fabio: Sim.

Pesquisador: *E brincam do que dentro da sala?*

Fabio: Tem aquele negócio de montar, aquelas pecinhas de montar, tem brinquedo lá dentro.

Pesquisador: *E me diz, aonde que é o lugar aqui na escola que não pode brincar?*

Fabio: (pensou por algum tempo e não respondeu).

Pesquisador: *Tem algum lugar aqui na escola onde vocês não podem brincar?*

Fabio: Ali atrás (apontou com o dedo a direção do espaço atrás da escola).

Pesquisador: *Só ali atrás ou tem mais um outro lugar?*

Fabio: Não sei.

Pesquisador: *E se você pudesse brincar lá atrás, do que você brincaria lá?*

Fabio: (pensou) Não sei (respondeu balançando a cabeça) Muitas coisas.

Pesquisador: *Mas diz assim umas coisas que você gostaria de brincar lá tras?*

Fabio: Esconde-esconde, tem mais lugar para se esconder.

Pesquisador: *Ah é. E no recreio você brinca de quê?*

Fabio: Aqui atrás do corredor lá de pega-pega (demonstrou direcionando a cabeça para o corredor).

Pesquisador: *E agora que você esta no segundo ano você brinca mais do que quando você estava no primeiro ano?*

Fabio: Não.

Pesquisador: *No primeiro ano brincava mais?*

Fabio: (balançou a cabeça dizendo sim).

Pesquisador: *E por que no primeiro ano brincava mais?*

Fabio: Porque não tinha tantas tarefas, coisas pra escrever. Agora demora mais para terminar, tem menos tempo.

Pesquisador: *Mas na sala do segundo ano vocês também brincam como você falou antes né?*

Fabio: (balançou a cabeça em várias direções) Muito provável não é, só as vezes em quando.

Pesquisador: *Só de vez em quando?*

Fabio: (balançou a cabeça dizendo sim).

Pesquisador: *E assim, quando é que são essas vezes?*

Fabio: Umas três vezes por semana só.

Pesquisador: *Ah é?*

Fabio: Só quando eu termino mais rápido.

Pesquisador: *Ah, quem termina mais rápido daí pode ir lá brincar?*

Fabio: (emitiu sons que significassem “sim”) Se não tem outra tarefa.

Pesquisador: *Ah senão tem outra tarefa. E você acha que existe diferença entre brincar e estudar?*

Fabio: (pensou e não respondeu nada).

Pesquisador: *Ou brincar e estudar é a mesma coisa?*

Fabio: Não.

Pesquisador: *Por que você acha que eles são diferentes?*

Fabio: Porque estudar tem que ficar lá sentado na carteira escrevendo e brincar pode correr prá lá e prá cá.

Pesquisador: *E você acha que a gente aprende a brincar também? Assim como a gente aprende a ler, aprende escrever a gente também aprende a brincar?*

Fabio: Sim.

Entrevista 09

Criança – Letícia

Data: 09/12/2009

Pesquisador: **J. para você brincar é?**

Letícia: (pensou) É legal.

Pesquisador: *Por que você acha que é legal?*

Letícia: Porque eu brinco assim com as minhas amigas, daí a B. fica brincando comigo.

Pesquisador: *E na escola você brinca com quem?*

Letícia: Com a B. e com a minha outra amiguinha.

Pesquisador: *E do que vocês brincam?*

Letícia: Mamãe e filhinha, de boneca, de areia.

Pesquisador: *E fora da escola, do que você brinca?*

Letícia: Fora da escola eu e a (incompreensível) brincamos de fantasma, de essas coisas assim, esses dias, ontem né o meu pai novo, veio lá de carro né, daí o meu tio né, daí o meu

tio tava no carro né, daí uma luzinha piscou, meu eu saí correndo (relatou bem sorridente) se agarrou assim na A. com medo. (sorrindo e demonstrando muita alegria).

Pesquisador: **Ah é?**

Letícia: (emitiu sons que representassem “sim”) Daí eu falei meu tio é que esta lá dentro.

Pesquisador: **E com quem é que você brinca fora da escola?**

Letícia: Com a M. Com a B. não dá porque a B. mora ali do lado da escola (mostrou com as mãos a direção da casa da amiguinha B.).

Pesquisador: **E J. por que você brinca?**

Letícia: Porque eu gosto.

Pesquisador: **E na escola você pode brincar aonde?**

Letícia: No parquinho, aqui embaixo, não aqui (demonstrou com a mão que aqui embaixo não pode), ali onde que é o lanche.

Pesquisador: **E aonde é que na escola você não pode brincar?**

Letícia: Aqui embaixo.

Pesquisador: **Só aqui embaixo?**

Letícia: Aqui embaixo, ali onde tem as bicicletas (mostrou a direção do local), por causa da máquina (neste dia havia uma máquina (reto escavadeira) trabalhando na pista de atletismo e por este motivo as crianças estavam proibidas de permanecer próximo a este local).

Pesquisador: **E tem mais um lugar?**

Letícia: Fora da escola não pode.

Pesquisador: **E do que você brincaria lá, aqui onde não pode brincar? Do que você gostaria de brincar aqui onde você disse que não dá para brincar?**

Letícia: (pensou por um momento) Brincar ali atrás, do mato, assim, não pode.

Pesquisador: **È mais do que você gostaria de brincar lá?**

Letícia: De boneca.

Pesquisador: **Só de boneca?**

Letícia: De boneca, (pensou) de pega-pega.

Pesquisador: **E no recreio você brinca de quê?**

Letícia: De pega-pega.

Pesquisador: **Só de pega-pega?**

Letícia: A B. de vez em quando traz boneca, daí a gente brinca no recreio de boneca.

Pesquisador: **E agora que você esta no segundo ano J. você brinca mais do que você brincava no primeiro ano?**

Letícia: Sim.

Pesquisador: *Por que agora você brinca mais?*

Letícia: Porque no primeiro ano eu não brincava de pega-pega, de boneca.

Pesquisador: *E na sala de aula do segundo ano você brinca mais do que na sala do primeiro ano, quando você estava no primeiro ano?*

Letícia: (emitiu sons que representassem “sim”).

Pesquisador: *E do que você brinca lá na sala do segundo ano?*

Letícia: A professora deixa a gente ir no cantinho brincar, daí eu brinco com a B. daí tem um negocinho assim (demonstrou com a mão a forma de um quadro pequeno) que tem a canetinha, daí eu e a B., eu escrevo B. e ela escreve J. daí depois a gente veste roupa, vai brincar assim de lojinha.

Pesquisador: *E o que é que tem naquele cantinho que você falou?*

Letícia: Tem livrinho, tem roupa, tem um negócio assim cheio de roupa, tem maqu... tem um negocinho que tem espelhinho, daí tem uma carteirinha assim verde, daí tem boneca, tem joguinho, tem um monte de coisa.

Pesquisador: *Ah é? E assim J. você acha que existe diferença entre brincar e estudar?*

Letícia: Não.

Pesquisador: *Por que não?*

Letícia: Porque eu não sei.

Pesquisador: *E você acha que a gente aprende a brincar?*

Letícia: Como brincar não.

Pesquisador: *Não? Então como você sabe brincar? Se você diz que não aprende.*

Letícia: A gente aprende a brincar, só que a gente tem que estudar também.

Pesquisador: *È. Mas assim, a pergunta que eu fiz é assim: Que nem você aprende a ler, você aprende a brincar também?*

Letícia: (Balançou a cabeça) Sim.

Entrevista 10

Criança – Fabiana

Data: 09/12/2009

Pesquisador: *M.I. para você brincar é?*

Fabiana: Brincar de pega-pega.

Pesquisador: *E na escola você brinca do quê?*

Fabiana: Com a filha da profe.

Pesquisador: *Que filha da profe?*

Fabiana: A Eduarda.

Pesquisador: *E quando é que você brinca com ela?*

Fabiana: A gente brinca (incompreensível).

Pesquisador: *Mas ela está todo dia aqui para brincar?*

Fabiana: Só as vezes que a pro traz ela.

Pesquisador: *Ta. E quando ela não ta, com quem você brinca?*

Fabiana: Eu brinco com a... no parquinho as vezes quando o coisa deixa.

Pesquisador: *Quem é que deixa?*

Fabiana: (pensou e não respondeu).

Pesquisador: *Quem é que deixa brincar no parquinho?*

Fabiana: O Serginho (servente da escola e que cuida do recreio).

Pesquisador: *E o Sérgio que diz quando pode e não pode brincar no parquinho?*

Fabiana: È.

Pesquisador: *E fora da escola você brinca do quê?*

Fabiana: Fora eu brinco de bicicleta.

Pesquisador: *E por que você brinca M.I.?*

Fabiana: Porque é legal.

Pesquisador: *E por que você estuda?*

Fabiana: Para aprender.

Pesquisador: *Aprender o quê?*

Fabiana: A escrever e ler.

Pesquisador: *E na escola, aonde é que você pode brincar?*

Fabiana: Ali na...na... no parquinho e dentro do pátio da escola.

Pesquisador: *E aonde é na escola que você não pode brincar?*

Fabiana: Ali atrás e (pensou).

Pesquisador: *E aonde mais?*

Fabiana: E na rua.

Pesquisador: *E se você pudesse brincar lá atrás, do que você brincaria ?*

Fabiana: De (pensou por um bom tempo)

Pesquisador: *Do que você brincaria lá atrás?*

Fabiana: De casinha.

Pesquisador: *E no recreio você brinca de quê M. I. ?*

Fabiana: De pega-pega.

Pesquisador: *Só de pega-pega?*

Fabiana: É.

Pesquisador: *E agora que você está no segundo ano, você brinca mais do que quando você estava no primeiro ano?*

Fabiana: (balançou a cabeça dizendo “sim”).

Pesquisador: *Por que você acha que brinca mais agora no segundo ano?*

Fabiana: Porque agora a gente está mais grande.

Pesquisador: *E daí quando a gente fica mais grande a gente brinca mais?*

Fabiana: (balançou a cabeça dizendo “não”) A gente tem que estudar.

Pesquisador: *Tá. E na sala do segundo ano você também brinca ?*

Fabiana: (balançou a cabeça dizendo “não”).

Pesquisador: *E na sala do primeiro ano você brincava?*

Fabiana: Só com a professora G.

Pesquisador: *E agora com a professora do segundo ano vocês não brincam?*

Fabiana: Às vezes a pro brinca com a gente.

Pesquisador: *E do que vocês brincam então?*

Fabiana: A gente brinca de joguinho, de (pensou), de (pensou novamente e não respondeu).

Pesquisador: *E você acha M.I. que existe diferença entre brincar e estudar ou se isso é a mesma coisa?*

Fabiana: A mesma coisa.

Pesquisador: *Brincar e estudar é a mesma coisa ?*

Fabiana: (balançou a cabeça dizendo “não”).

Pesquisador: *Por que não é a mesma coisa?*

Fabiana: Porque estudar é para aprender e brincar não aprende.

Pesquisador: *Ah, quando se brinca não se aprende?*

Fabiana: (balançou a cabeça dizendo “não”).

Pesquisador: *E por que não se aprende quando se brinca ?*

Fabiana: Porque a gente não tá estudando.

Pesquisador: *E você acha que a gente aprende a brincar?*

Fabiana: (balançou a cabeça dizendo “não”).

Pesquisador: *Não? Por que não?*

Fabiana: (pensou e não respondeu).

Pesquisador: *Quem nem quando a gente aprende a ler, aprende a escrever, o brincar a gente*

também aprende?

Fabiana: (balançou a cabeça dizendo "não").

Pesquisador: *Não. Por que não?*

Fabiana: Porque a gente tamo brincando e não tamo estudando.

Entrevista 11

Criança – Valéria

Data: 05/05/2010

Pesquisador: *B. Para você brincar é?*

Valéria: É legal.

Pesquisador: *Por que é legal?*

Valéria: Porque é legal brincar.

Pesquisador: *Mas o que é legal?*

Valéria: Correr, brincar no balanço.

Pesquisador: *É? E na escola você brinca com quem?*

Valéria: (pensou um pouco) Brinco com minhas amigas e com os brinquedos.

Pesquisador: *Do que vocês brincam?*

Valéria: Pega-pega, esconde-esconde.

Pesquisador: *E fora da escola você brinca de quê?*

Valéria: (pensativa)

Pesquisador: *Não aqui dentro da escola, fora.*

Valéria: Fora?

Pesquisador: *É. Quando você não esta na escola, você brinca de quê?*

Valéria: (pensou) brinco... brinco de... de bicicleta, brinco com a minha tia que esta aqui.

Pesquisador: *Ah é? E por que você brinca?*

Valéria: (pensou um pouco) porque eu gosto e a minha tia também.

Pesquisador: *E por que você estuda?*

Valéria: Pra aprender.

Pesquisador: *Aprender o que?*

Valéria: A ler, pra escrever.

Pesquisador: *E na escola você pode brincar aonde?*

Valéria: Só posso brincar... brincar por aqui (demonstrou com gestos que "aqui" seria o espaço na frente da escola), só posso brincar no parquinho.

Pesquisador: *E aonde é na escola o lugar que você não pode brincar?*

Valéria: brincar lá perto das máquinas (neste dia havia uma máquina sendo usada para arrumar a pista de atletismo, portanto, as crianças estavam proibidas de chegar próxima a este espaço) e não fora da escola.

Pesquisador: *E tem mais um lugar aqui dentro que não pode brincar, que não pode ir lá?*

Valéria: Na grama.

Pesquisador: *Na grama? E por que será que não pode brincar na grama?*

Valéria: Por que destrói tudo.

Pesquisador: *Destrói? E do que você brincaria na grama se pudesse brincar?*

Valéria: (pensou um pouco) de pega-pega.

Pesquisador: *E no recreio você brinca do quê B.?*

Valéria: Do que?

Pesquisador: *È, do que você brinca no recreio?*

Valéria: (pensou novamente) Brinco de pega-pega e esconde-esconde.

Pesquisador: *E agora me diz uma coisa: agora que você está no segundo ano, você brinca mais ou menos do que quando você estava no primeiro ano?*

Valéria: Ah, (pensou) menos.

Pesquisador: *Por que agora você brinca menos?*

Valéria: Porque agora tem mais coisa para a gente fazer, tem mais coisa, tem bastante tarefa, tem bastante atividade.

Pesquisador: *È? E dentro da sala do segundo ano vocês brincam ou vocês não brincam?*

Valéria: Não brinco.

Pesquisador: *Não brincam?*

Valéria: Não, só quando é (pensou) tempo de brincar lá (pensou novamente) lá no cantinho.

Pesquisador: *Que cantinho?*

Valéria: Cantinho onde tem brinquedos, historinha, fantasia.

Pesquisador: *E B. você acha que existe uma diferença entre brincar e estudar?*

Valéria: (emitiu sons que simbolizassem “sim”)

Pesquisador: *Qual é a diferença entre brincar e estudar?*

Valéria: (pensou) estudar.

Pesquisador: *È mais estudar é a mesma coisa que brincar?*

Valéria: Não.

Pesquisador: *Por que não?*

Valéria: (pensou) Porque brincar a gente, a gente brinca de muita coisa daí estudar é escrever e

aprender

Pesquisador: *E você acha que a gente aprende a brincar?*

Valéria: (pensou)

Pesquisador: *Que nem a gente aprende a ler e a escrever a gente também aprende a brincar?*

Valéria: (balançou a cabeça) sim.

Pesquisador: *E você aprendeu a brincar de que?*

Valéria: (pensou) aprendi a brincar, aprendi a brincar de fantasia.

Pesquisador: *Fantasia?*

Valéria: (emitiu sons que simbolizassem “sim”).

Entrevista 12

Criança – Sérgio

Data: 05/05/2010

Pesquisador: *V. para você brincar é?*

Sérgio: Hummm, ah é legal. È legal um pouco.

Pesquisador: *Só um pouco? Por que um pouco?*

Sérgio: Não, muito muito não é muito. É que as vezes eles falam alto né, mas eu não sei muito bem ainda.

Pesquisador: *Mas então você esta dizendo que não gosta de brincar ?*

Sérgio: Ah eu gosto né, é legal tbm. Eu gosto.

Pesquisador: *E na escola você brinca do que?*

Sérgio: Ah, eu brinco, eu leio as vezes, eu leio livros eu também ah, eu brinco com jogos.

Pesquisador: *E com quem que você brinca na escola?*

Sérgio: Ah, as vezes com a L., o L., o L.

Pesquisador: *E fora da escola você brinca de que?*

Sérgio: Ah, lá na minha casa?

Pesquisador: *È, na sua casa?*

Sérgio: As vezes eu brinco com a Milu né.

Pesquisador: *E do que vocês brincam?*

Sérgio: Ah pra brincar com ela tem que fazer ela fugir, ela fica fugindo.

Pesquisador: *Quem que é a Milu?*

Sérgio: A minha cachorra.

Pesquisador: **Ah.**

Sérgio: Eu também brinco com os meus bonecos, os meus carrinhos.

Pesquisador: **È?**

Sérgio: Aham.

Pesquisador: **E por que você brinca?**

Sérgio: Ah eu acho legal também, as vezes eu tento fazer corrida com os meus carrinhos, mas quase nunca consigo.

Pesquisador: **Não consegue?**

Sérgio: Aham, é difícil..

Pesquisador: **E por que você estuda?**

Sérgio: Ah, pra aprender, pra aprender mais coisa, também na aula de inglês e para aprender a fazer inglês.

Pesquisador: **E na escola você pode brincar aonde V.?**

Sérgio: Ali no cantinho, ou lá na calçada também.

Pesquisador: **Que cantinho é esse?**

Sérgio: Lá onde entra lá tem os brinquedos, lá nos podemos brincar, onde tem os livrinhos.

Pesquisador: **Mas é o cantinho da sala de aula?**

Sérgio: È.

Pesquisador: **E aonde é o lugar na escola que não pode ir brincar?**

Sérgio: Ali atrás né (mostrou com a cabeça a direção).

Pesquisador: **Mas por que você acha que não pode brincar lá atrás?**

Sérgio: Ah, porque ali pode ter cobra né ou aranha.

Pesquisador: **E se pudesse brincar lá, você iria brincar do que lá?**

Sérgio: Ah, de um tipo de aventureiro, também as vezes eu levava alguns carrinhos pra eu, pedia se alguém queria brincar de corrida

Pesquisador: **O que é brincar de aventureiro?**

Sérgio: Ah tipo brincar que aí eles, ai tipo um lugar que é legal né, tipo misterioso, onde tem muitas coisas misteriosas

Pesquisador: **Ah e lá trás então você acha que dava para brincar com essas coisas?**

Sérgio: Aham.

Pesquisador: **E no recreio você brinca de que?**

Sérgio: Ah, as vezes eu brinco de pega-pega, quase nunca né. Hum, agora eu não lembro muito.

Pesquisador: **E agora que você esta no segundo ano V. você brinca mais do que quando**

você estava no primeiro ano?

Sérgio: È um pouquinho menos né. Eu acho.

Pesquisador: *E por que um pouquinho menos?*

Sérgio: È porque desta vez tem que tirar notas boas senão pode repetir o ano né?

Pesquisador: *Então dentro da sala do segundo ano você não brinca?*

Sérgio: As vezes, só quando pode ir no cantinho, só que quando é pra fazer as atividades ou fazer a tarefa pra fazer em casa ou texto, aí não pode ficar brincando.

Pesquisador: *E você acha que existe alguma diferença entre brincar e estudar?*

Sérgio: Aham, pra brincar é, é para se divertir e pra estudar é pra aprender mais.

Pesquisador: *E você acha V. que a gente aprende a brincar? Assim como a gente aprende a ler e a escrever a gente também aprende a brincar?*

Sérgio: È pra brincar a gente aprende um pouco, pra não fazer brincadeira pra não fazer coisa que não é para fazer na brincadeira né.

APÊNDICE 07 – Fotos dos espaços permitidos e proibidos para brincar.



FOTO 01 – Atrás da escola- PROIBIDO



FOTO 02 – Atrás da escola - PROIBIDO



FOTO 03 – Gramado frente – PROIBIDO



FOTO 04 – Gramado frente – PROIBIDO



FOTO 05 – Gramado – PERMITIDO



FOTO 06 – Gramado – PERMITIDO



FOTO 07 – Gramado – PERMITIDO



FOTO 08 – Gramado – PERMITIDO



FOTO 09 – Corredor da sala – **PERMITIDO** **FOTO 10** – Corredor da sala – **PERMITIDO**



FOTO 11 – Cantinho da sala do 2º ano



FOTO 12 – Cantinho da sala do 2º ano



FOTO 13 – Parquinho



FOTO 14 - Parquinho